



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE  
CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**MICHELLI CRISTINA GALLI**

**UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DAS CONSOANTES LATERAL  
LINGUODENTAL E VIBRANTE ALVEOLAR EM ASSIS  
CHATEAUBRIAND/PR**

**CASCAVEL – 2016**

MICHELLI CRISTINA GALLI

**UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DAS CONSOANTES LATERAL  
LINGUODENTAL E VIBRANTE ALVEOLAR EM ASSIS  
CHATEAUBRIAND/PR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais e de Diversidade

Orientadora: Profa. Dra. Sanimar Busse

CASCADEL – 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

G168a Galli, Michelli Cristina  
Uma análise geossociolinguística das consoantes  
lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis  
Chateaubriand - PR/ Michelli Cristina Galli. – Cascavel,  
2016.  
145 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Sanimar Busse  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do  
Oeste do Paraná. Programa de Pós-Graduação Stricto  
Sensu em Letras.

1. Sociolinguística. 2. Fonologia. 3. Variação  
linguística. 4. Rotacismo. I. Busse, Sanimar. II.  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

---

CDD (22. ed.) 469.15

Bibliotecária: Cler Rosane Coldebella Muraro CRB 9/1430

MICHELLI CRISTINA GALLI

**UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DAS CONSOANTES LATERAL  
LINGUODENTAL E VIBRANTE ALVEOLAR EM ASSIS CHATEAUBRIAND/PR**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Sanimar Busse  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
Orientadora

---

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina – UEL  
Membro Titular Externo

---

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
Membro Titular Interno

---

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer  
Universidade Estadual de Londrina – UEL  
Membro Suplente Externo

---

Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
Membro Suplente Interno

Cascavel, 01 de setembro de 2016

Dedico este trabalho aos meus pais, José Galli e Marli Galli, e à minha irmã, Ana Caroline Galli, sem vocês eu, com certeza, não chegaria tão longe.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente e acima de todas as coisas, ao meu amado Deus que esteve ao meu lado em cada momento, dando-me sabedoria e força;

Aos meus pais, José Galli e Marli Galli, e à minha irmã Ana Caroline Galli pelo incentivo e pelas palavras carinhosas;

À minha orientadora, professora Doutora Sanimar Busse, por ter acreditado em minha capacidade, pelas orientações, pelo zelo, pela paciência e por me ensinar a ser uma verdadeira pesquisadora;

Ao meu amigo e marido, Alfredo Eduardo Melo Meneses Ferro, pela paciência, pelas horas ao meu lado durante as muitas madrugadas que estive acordada realizando este trabalho;

À minha amiga, Ana Paula Dalleaste, pelo companheirismo e pela ajuda;

Aos meus queridos e amados alunos que em muitas tardes estiveram ao meu lado durante as entrevistas;

Aos meus amigos Franciele Fernandes Baliero, Humberto Reis dos Santos Souza, Claudia Dell’Agnolo Petry, Eduardo Alberto Felippsen, Olavo José Luiz Júnior e Mariana Aparecida Cruz pelas muitas horas de atenção e amizade.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio;

Aos chateaubriandenses que, carinhosamente, dispuseram um tempinho de suas rotinas para participar desta pesquisa.

“... o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal”.

Ferdinand de Saussure

GALLI, Michelli Cristina. **Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR.** 2016. (145 f.) Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

## RESUMO

O caminho percorrido pela língua portuguesa do Brasil, desde a colonização até o momento presente, foi marcado pelo contato linguístico dos movimentos de imigrações e migrações. Nessa conjuntura, consolida-se a história do município de Assis Chateaubriand que, apesar de manter contato próximo a núcleos de colonização sulista (Palotina: alemães e italianos, Toledo: alemães e italianos e Marechal Cândido Rondon: alemães), apresenta um perfil linguístico particular em relação às localidades vizinhas. Tendo como alicerce os princípios teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Dialectologia, esta pesquisa retrata o panorama da realização do fenômeno do rotacismo na fala dos chateaubriandenses, objetivando identificar a frequência e a distribuição diatópica e diastrática das variantes para a lateral alveolar, vibrante alveolar e o fenômeno do rotacismo. O *corpus* deste trabalho é o resultado de entrevistas gravadas e transcritas, para tanto 40 informantes foram selecionados de acordo com a faixa etária, sexo e escolaridade e, pertencentes aos 5 pontos de inquéritos, escolhidos pela relevância para a constituição social e econômica do município. Com a finalidade de compreender quais contextos linguísticos são favoráveis para a realização do fenômeno do rotacismo, elaborou-se um questionário fonético-fonológico, composto de 40 perguntas e um questionário constituído de 5 temas para discurso semidirigido. Ademais, a partir do questionário metalinguístico foi possível perceber as crenças que os falantes apresentam em relação à sua língua e, principalmente, em relação ao rotacismo. Com base nas análises dos dados coletados, constatou-se que o rotacismo está presente na fala dos chateaubriandenses e o fenômeno não é visto com estigma, mas sim como uma maneira “diferente” dentro das inúmeras possibilidades de variação e da grandiosidade da língua portuguesa brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geossociolinguística, Rotacismo, Assis Chateaubriand/PR.

GALLI, Michelli Cristina. **Un análisis geossociolingüística de las consonantes lateral linguodental y vibrante alveolar en Assis Chateaubriand/PR.** 2016. (145 f.) Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

## RESUMEN

El camino de la lengua portuguesa de Brasil, de la colonización, hasta nuestros días, se ha caracterizado por muchas interferencias por el contacto lingüístico de los movimientos de inmigraciones y migraciones. En esta coyuntura, se consolida la historia de la ciudad de Assis Chateaubriand que, a pesar de mantener un estrecho contacto con los núcleos colonizados por los que vinieron de Sur (Palotina: alemanes e italianos, Toledo: alemanes e italianos y Marechal Cândido Rondon: alemanes), presenta un perfil lingüístico particular, lo que distingue la ciudad de las localidades vecinas. Basada por los principios teóricos y metodológicos de la Sociolingüística Variacionista y Dialectología, esta investigación retrata el panorama de la realización del fenómeno del rotacismo en el habla de los chateaubriandenses con el fin de identificar la frecuencia y distribución diatópica y diastrática de las variantes para la alveolar lateral alveolar vibrante y el fenómeno del rotacismo. El *corpus* de este trabajo es el resultado de entrevistas grabadas y transcritas, para eso 40 informantes fueron seleccionados de acuerdo a la edad, el sexo y la escolaridad, y que pertenecen a los 5 puntos de encuesta, elegidos por su relevancia para la constitución social y económica del municipio. Con el fin de entender los contextos lingüísticos favorables para la realización del fenómeno del rotacismo, fue elaborado un cuestionario fonético-fonológico compuesto de 40 preguntas y un cuestionario con 5 temas para el habla semidirigida. Además, a partir del cuestionario metalingüístico fue posible comprender las creencias que los hablantes tienen en relación a su lengua y, especialmente, en relación al rotacismo. Con base en el análisis de los datos recogidos, se encontró que el rotacismo está presente en el discurso de los chateaubriandenses y el fenómeno no es tratado con estigma, sino como una manera "diferente" dentro las numerosas posibilidades de variación y de la grandeza del portugués brasileño.

**PALABRAS CLAVES:** Geossociolingüística, Rotacismo, Assis Chateaubriand/PR.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA – SEXO .....	72
<b>Gráfico 2</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA – GI/GII .....	73
<b>Gráfico 3</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA – EFI/EMC .....	73
<b>Gráfico 4</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA – SEXO .....	75
<b>Gráfico 5</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA – GI/GII .....	76
<b>Gráfico 6</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA – EFI/EMC .....	76
<b>Gráfico 7</b> - Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA – SEXO .....	78
<b>Gráfico 8</b> - Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA – GI/GII .....	78
<b>Gráfico 9</b> - Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA – EFI/EMC .....	79
<b>Gráfico 10</b> - Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO – SEXO .....	81
<b>Gráfico 11</b> - Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO – GI/GII .....	81
<b>Gráfico 12</b> - Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO – EFI/EMC .....	82
<b>Gráfico 13</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA – SEXO .....	84
<b>Gráfico 14</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA – GI/GII .....	84
<b>Gráfico 15</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA – EFI/EMC .....	85
<b>Gráfico 16</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA – SEXO .....	87
<b>Gráfico 17</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA – GI/GII .....	87
<b>Gráfico 18</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA – EFI/EMC .....	88
<b>Gráfico 19</b> - Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA – SEXO .....	90
<b>Gráfico 20</b> - Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA – GI/GII .....	90
<b>Gráfico 21</b> - Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA – EFI/EMC .....	91
<b>Gráfico 22</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – SOLDADO – SEXO .....	94
<b>Gráfico 23</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – SOLDADO – GI/GII .....	94
<b>Gráfico 24</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – SOLDADO – EFI/EMC .....	95
<b>Gráfico 25</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – PÓLVORA – SEXO .....	97
<b>Gráfico 26</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – PÓLVORA – GI/GII .....	97
<b>Gráfico 27</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – PÓLVORA – EFI/EMC.....	98
<b>Gráfico 28</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ALMOÇO – SEXO .....	100
<b>Gráfico 29</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ALMOÇO – GI/GII .....	100
<b>Gráfico 30</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ALMOÇO – EFI/EMC .....	101
<b>Gráfico 31</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ÚLTIMO – SEXO .....	103
<b>Gráfico 32</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ÚLTIMO – GI/GII .....	103

<b>Gráfico 33</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ÚLTIMO – EFI/EMC.....	<b>104</b>
<b>Gráfico 34</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – POLVILHO – SEXO .....	<b>106</b>
<b>Gráfico 35</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – POLVILHO – GI/GII .....	<b>106</b>
<b>Gráfico 36</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) – POLVILHO – EFI/EMC.....	<b>107</b>
<b>Gráfico 37</b> - Pergunta Metalinguística 10 .....	<b>109</b>
<b>Gráfico 38</b> - Pergunta Metalinguística 13 .....	<b>114</b>
<b>Gráfico 39</b> - Pergunta Metalinguística 14 .....	<b>116</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Rotacismo em <i>Os Lusíadas</i> .....	<b>44</b>
<b>Figura 2</b> - Recorte do Mapa da Região Oeste do Paraná - Pontos de Inquérito 1, 2 e 3 .....	<b>55</b>
<b>Figura 3</b> - Mapa da Cidade de Assis Chateaubriand – Ponto de Inquérito 4 e 5 .....	<b>56</b>
<b>Figura 4</b> - Carta Linguística 1 - Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA .....	<b>70</b>
<b>Figura 5</b> - Carta Linguística 2 - Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA .....	<b>74</b>
<b>Figura 6</b> - Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA .....	<b>77</b>
<b>Figura 7</b> - Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO .....	<b>80</b>
<b>Figura 8</b> - Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA .....	<b>83</b>
<b>Figura 9</b> - Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA .....	<b>86</b>
<b>Figura 10</b> - Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA .....	<b>89</b>
<b>Figura 11</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - SOLDADO .....	<b>93</b>
<b>Figura 12</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - PÓLVORA .....	<b>96</b>
<b>Figura 13</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - ALMOÇO .....	<b>99</b>
<b>Figura 14</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - ÚLTIMO .....	<b>102</b>
<b>Figura 15</b> - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - POLVILHO .....	<b>105</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Naturalidade .....</b>	<b>62</b>
<b>Tabela 2 - Profissão .....</b>	<b>62</b>
<b>Tabela 3 - Meios de Comunicação - Televisão .....</b>	<b>63</b>
<b>Tabela 4 - Meios de Comunicação - Rádio .....</b>	<b>63</b>
<b>Tabela 5 - Meios de Comunicação - Jornal .....</b>	<b>64</b>
<b>Tabela 6 - Meios de Comunicação - Revista .....</b>	<b>64</b>
<b>Tabela 7 - Participação em Diversão - Cinema .....</b>	<b>65</b>
<b>Tabela 8 - Participação em Diversão - Teatro .....</b>	<b>65</b>
<b>Tabela 9 - Participação em Diversão - Show .....</b>	<b>66</b>
<b>Tabela 10 - Religião ou Culto que Pratica .....</b>	<b>66</b>
<b>Tabela 11 - Categoria Social do Informante .....</b>	<b>66</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Metaplasmos .....</b>	<b>39</b>
<b>Quadro 2 - Dimensões e Parâmetros .....</b>	<b>57</b>
<b>Quadro 3 - Informantes .....</b>	<b>57</b>
<b>Quadro 4 - Questões Socioeconômicas .....</b>	<b>60</b>
<b>Quadro 5 - Questões Fonético-fonológicas Seleccionadas para Análise .....</b>	<b>66</b>
<b>Quadro 6 - Posição Silábica das Consoantes Líquidas .....</b>	<b>67</b>
<b>Quadro 7 - Posição de Coda Final Simples (CVC).....</b>	<b>108</b>
<b>Quadro 8 - Questões Metalinguísticas Seleccionadas para Análise .....</b>	<b>108</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>20</b>
1.1 O CENÁRIO DA VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA	20
1.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA DIALETOLÓGICA .....	24
1.3 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS: CAMINHOS PERCORRIDOS .....	25
1.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEUS CONDICIONANTES .....	30
1.4.1 Homem e mulher: comportamentos linguísticos distintos? .....	32
1.4.2 A variável social escolaridade como um instrumento de rejeição ou resistência à mudança do comportamento linguístico.....	34
1.4.3 As correlações entre a variável faixa etária e variação/ mudança linguística .....	35
<b>2 A REALIZAÇÃO DAS LÍQUIDAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....</b>	<b>37</b>
2.1 A ROTACIZAÇÃO DA LATERAL ALVEOLAR .....	40
2.2 BREVE PANORAMA DO ROTACISMO NAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS ...	44
<b>3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: UM ROTEIRO PARA A DESCRIÇÃO DOS FENÔMENOS DA VARIAÇÃO NA FALA DE ASSIS CHATEAUBRIAND/PR .....</b>	<b>47</b>
3.1 PESQUISA GEOSOLINGUÍSTICA E ELEIÇÃO DAS VARIÁVEIS .....	47
3.1.1 Fixação da rede de pontos da pesquisa - dimensão diatópica .....	49
3.1.1.1 O Oeste do Paraná e sua face multicultural.....	50
3.1.1.2 Formação sociocultural de Assis Chateaubriand.....	52
3.2 Seleção dos informantes - dimensão diastrática .....	56
3.2.2.1 Dimensão sociocultural .....	56
3.2.2.2 Dimensão geracional .....	57
3.2.2.3 Dimensão diagenérica .....	58
3.2.3 Instrumento de coleta de dados e procedimentos de aplicação .....	59
3.2.3.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF) .....	59
3.2.3.2 Perguntas metalinguísticas/método de sugestão .....	
3.2.3.3 Temas para discurso semidirigido .....	60
3.2.3.4 Análise e transcrição dos dados .....	60

<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS: UM PANORAMA DA FALA EM ASSIS CHATEAUBRIAND/PR.....</b>	<b>61</b>
4.1	PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS .....	61
4.2	ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO .....	67
4.2.1	O uso fonético-fonológico das líquidas em grupos consonantais (CCV) .....	69
4.2.3	Posição de coda medial simples (CVC) .....	91
4.3	ANÁLISE DAS PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS (CVC) .....	108
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>119</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>124</b>
	APÊNDICES .....	134
	ANEXOS .....	142

## INTRODUÇÃO

A variação linguística constitui-se como propriedade inerente à língua, revelando os mecanismos de expressão das ações de determinado grupo. Pode-se conceber a linguagem como sistema linguístico constituído por conjuntos sujeitos à transformação. Nesse contexto, a língua portuguesa pode ser descrita a partir dos matizes regionais que constituem a unidade das diversidades culturais.

O Brasil é um país multicultural, dados sobre sua colonização e sua organização social contribuem para os estudos da linguagem. Alicerçando as pesquisas na Sociolinguística Variacionista e na Dialetoologia, são inúmeros os trabalhos que buscam descrever a língua a partir dos fatores sociais e históricos. Os fenômenos linguísticos que formam a realidade da fala brasileira são justificados pelo contexto pluriétnico e pelo contato entre língua e dialetos, as pesquisas nesses contextos não apenas atualizam dados, como também trazem novos olhares à descrição da multiplicidade da língua portuguesa falada no Brasil.

As características geográficas da região Oeste do Paraná favorecem sobremaneira uma análise da fala pautada na interface etnográfica. Os movimentos de colonização podem ser apontados como grandes responsáveis na variação da fala paranaense, com destaque para áreas de maior conservação e formação de ilhas linguísticas, conforme estudos de Aguilera (1990), Mercer (1993), Rodrigues (2007) e Altino (2007).

A colonização e o povoamento do Oeste paranaense foram marcados pelo contato entre falantes de dialetos do português/brasileiro (dialeto paulista, mineiro e baiano), falantes da língua alemã (na maioria dos casos do dialeto Hunsrückisch), falantes do castelhano e falantes do tupi-guarani, resultando num ambiente linguístico que apresenta traços de acomodação, mudança e conservação linguística.

A geolinguística pluridimensional na sua dimensão topodinâmica e cronodinâmica rompe com alguns procedimentos ao tentar imprimir à descrição da fala o registro da dinamicidade da língua, permitindo acompanhar o caminho de uma inovação linguística, cujo registro pode representar o estado da fala no movimento dinâmico das relações sociais. Tem-se, então, a possibilidade de capturar a língua em movimento, registrando e descrevendo, no interior dos níveis linguísticos, as fases pelas quais ocorrem e ocorreram as mudanças na língua, bem como a delimitação do que se conservou.

A possibilidade de combinar os estudos da variação areal<sup>1</sup> às variáveis sociolinguísticas pode converter o estudo tradicional, monodimensional, em estudo bidimensional da variação linguística, sendo essa a finalidade da Dialectologia Pluridimensional e relacional.

Dentre as tarefas da Dialectologia Pluridimensional a mais importante é a dupla arealização, visto que, os registros presentes nos atlas linguísticos possibilitam compreender a distribuição espacial das variantes, além disso, oportunizam levantar hipóteses sobre quais variáveis extralinguísticas atuam no aparecimento dos fenômenos linguísticos.

Esta pesquisa justifica-se por sua contribuição para o retrato dos falares do Paraná, uma vez que se propõe a descrever, analisar e estudar as variantes para a vibrante e a lateral na fala de Assis Chateaubriand, no Oeste paranaense.

Para compreender o cenário das variações, mais que considerar as influências internas da língua é necessário alicerçar as análises aos fatores externos a ela. Somente assim, é possível constatar as relações existentes que contribuem para a variação.

Diante desse contexto, a escolha pelos falares de Assis Chateaubriand, se deu a partir do processo de colonização e povoamento da localidade, são aproximadamente 34.027 habitantes, dentre eles, pessoas vindas das regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil (IBGE, 2015).

Esse é o quadro atual, no entanto, foram deixados no município muitos traços da cultura do Nordeste brasileiro devido à forte influência das correntes migratórias. Ademais, durante o processo de colonização houve àqueles que formaram vínculos afetivos e constituíram famílias, as quais habitam no município atualmente.

Considerando o cenário para estudo dos fenômenos linguísticos na cidade<sup>2</sup> de Assis Chateaubriand e as inúmeras possibilidades de trabalho, esta pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar a realização das consoantes lateral linguodental<sup>3</sup> e vibrante alveolar<sup>4</sup> na

---

<sup>1</sup> Variação areal, neste caso, refere-se à análise e descrição da fala fundamentadas nos espaços geográficos.

<sup>2</sup> No decorrer do trabalho as palavras *município* e *cidade* serão empregadas como sinônimos, conforme resultado de busca no *Dicionário de Sinônimos*, disponível em <http://www.sinonimos.com.br/cidade/>. Acesso em 15.jan.2016.

<sup>3</sup> Compreende-se como lateral linguodental do português brasileiro o som da letra **L**, como é pronunciado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou seja, quando não há vocalização, fenômeno linguístico explicado com mais detalhes na página 38 deste trabalho.

<sup>4</sup> “Pronúncia típica do português europeu e ocorre em certas variantes do português brasileiro (por exemplo em certos dialetos do português paulista). Ocorre em início de sílabas que seja precedida por silêncio: ‘rata’; em início de sílaba que seja precedida por vogal: ‘marra’ e em início de sílaba que seja precedida por consoante: ‘Israel’ ” (SILVA, 2005, p. 39.).

fala de Assis Chateaubriand/PR. Buscando atender a esse objetivo, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Descrever os contextos externos e internos à língua, que atuam como condicionadores para a realização da lateral, alveolar e o rotacismo, por meio da distribuição diatópica<sup>5</sup> e diastrática<sup>6</sup> do fenômeno;
- ✓ Estudar, por meio da análise dos dados, o *status* do rotacismo na fala chateaubriandense, aplicado às avaliações relacionadas a estigma, marca e indicador;
- ✓ Analisar, a partir da perspectiva dialetológica e sociolinguística, os fatores que contribuem na preservação e inovação dos falares da cidade de Assis Chateaubriand/PR, a partir das respostas ao questionário fonético-fonológico e metalinguístico;
- ✓ Contribuir para a descrição do português brasileiro falado na região Oeste do Paraná.

Para alcançar os objetivos propostos, os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística foram aliados aos da Dialetologia. Portanto, propôs-se a responder de que forma Assis Chateaubriand/PR cercada por núcleos de colonização sulista (Palotina: alemães e italianos, Toledo: alemães e italianos e Marechal Cândido Rondon: alemães) mantêm perfil linguístico particular em relação à realização das consoantes lateral e vibrante alveolar?

No que diz respeito ao rotacismo em encontros consonantais, observou-se que não é uma forma estigmatizada, mas, em algumas situações, uma marca que indica a origem do grupo de falantes. A partir do controle das variáveis sociais e linguísticas foi possível compreender como a distribuição das variantes ocorre no interior dos grupos e da língua.

As mudanças ocorrem porque tudo é vivo e sendo uma realidade humana, social e cultural, a língua não está submetida ao universo da necessidade e sim ao universo das possibilidades (FARACO, 1998). As atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais. Por esse motivo a escolha do título: *Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR*.

Esta dissertação está organizada em 04 capítulos. O primeiro, *Fundamentação Teórica*, compõe-se de teorias que embasam esta pesquisa. Neste capítulo, apresenta-se como

---

<sup>5</sup> Distribuição diatópica faz referência às localizações geográficas, ou seja, à rede de pontos escolhida para esta pesquisa.

<sup>6</sup> Variação diastrática (do grego *dia* = através de; *stratum* = estrato, camada), refere-se, portanto às diferentes formas produzidas por falantes de diferentes classes sociais. Para a compreensão dos dados, neste trabalho e nesta dimensão, considerou-se os fatores escolaridade, faixa-etária e sexo.

as variáveis linguísticas e extralinguísticas atuam no contexto da variação, enfatizando as realizações dos róticos no português brasileiro.

O objeto de estudo desta pesquisa, o rotacismo, é discutido no segundo capítulo. Inicia-se com uma breve explicação a respeito das líquidas no português brasileiro, em seguida, apresenta-se uma abordagem sobre metaplasmos e classifica-se o fenômeno no quadro das mudanças de natureza fonética. Assim como, esboça-se um panorama referente às pesquisas que tratam da ocorrência do rotacismo no Brasil.

No terceiro capítulo, *Princípios Metodológicos da Pesquisa*, destacam-se os alicerces desta pesquisa. Este estudo qualitativo, associado aos dados quantitativos, comprova a presença do fenômeno na localidade escolhida. Ainda nesta seção, determinam-se as variáveis externas que compõem a pesquisa, combinadas aos tratamentos metodológicos da Dialetoлогия contemporânea, que se dedica à variação espacial, e da Sociolinguística Variacionista, que se preocupa com a variação social.

A escolha pela localidade também é elucidada neste capítulo, o cenário da colonização do Brasil, a constituição da sociedade brasileira e as contribuições de outras línguas na estruturação da língua portuguesa brasileira são esmiuçados com objetivo de justificar a escolha pelo município de Assis Chateaubriand/PR. Do macro para o micro, partindo da história do Brasil, passando pela história do Paraná, destacando o Oeste paranaense, e por fim, tecendo a história de Assis Chateaubriand/PR, é possível observar os caminhos percorridos pela língua.

Por fim, o capítulo 4, *Apresentação dos Dados*, estrutura-se a partir dos dados obtidos do questionário fonético-fonológico, aplicado a 40 chateaubriandenses, divididos em faixa-etária, sexo<sup>7</sup>, escolaridade e pontos de inquérito<sup>8</sup>. Além disso, as respostas referentes ao questionário metalinguístico são exploradas a partir das crenças que os falantes apresentam em relação à língua portuguesa e à língua portuguesa brasileira. No que tange ao questionário socioeconômico, expõem-se dados que ilustram o perfil dos moradores chateaubriandenses.

---

<sup>7</sup> Considerando que esta pesquisa está estruturada a partir da metodologia sociolinguística, optou-se pelo termo *sexo*.

<sup>8</sup> As localidades definidas para a realização das entrevistas, também denominadas pontos de inquérito, foram àquelas que apresentam a) dados históricos relevantes quanto à colonização e povoamento, b) a distância entre os pontos de inquérito em relação ao centro da cidade, localidade na qual houve um grande investimento econômico e notório crescimento populacional e c) proximidade dos pontos às cidades vizinhas colonizadas, principalmente, por imigrantes, italianos e alemães, e migrantes vindos dos Estados Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Anexo à seção teórica, apresentam-se os questionários socioeconômico, fonético-fonológico e metalinguístico. Ademais, o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE* e o *Termo de Consentimento Informado* integram a última seção.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história da humanidade pode ser descrita a partir da organização dos seus grupos e da língua como fator de expressiva representação da história e da cultura da comunidade. A descrição e análise da língua pode levar à percepção de aspectos que orientam o grupo e, principalmente, indicam uma organização baseada em elementos econômicos, históricos, culturais e sociais.

A língua guarda, acomoda e organiza processos de interação do homem no interior de determinada coletividade com seu meio (BUSSE, 2010). Como consequência, esboça um quadro de “representações”, em que se armazenam as informações socioculturais relevantes para determinada coletividade. Posto isso, trata-se de pensar a língua a partir do seu aspecto social em que sua variabilidade determina a constituição de fatores linguísticos (LABOV, 1968). A descrição dos fatores linguísticos permite compreender que as estruturas que variam relevam “padrões de regularidades que, de tão sistemáticas, não podem ser devidos ao acaso” (MONTEIRO, 2001, p. 57).

Quanto ao Português do Brasil, as pesquisas demonstram um expressivo número de fenômenos variantes, em que condicionamentos sócio-histórico-culturais e físico-geográficos favoreceram o surgimento dessas formas cambiantes na língua (ISQUERDO, 1998). Os fatores analisados pelos estudos sociolinguísticos e dialetais, e as descrições realizadas sobre as variedades do Português, acenam para um panorama em que se exteriorizam na unidade as diversidades regionais e culturais refletidas no âmbito da linguagem.

### 1.1 O CENÁRIO DA VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

A língua portuguesa pode ser descrita a partir do resultado das inúmeras renovações, produto das variações e das mudanças linguísticas, sofridas ao longo de sua constituição. O caminho percorrido pelas palavras conta com a participação de protagonistas, história e espaços geográficos, que dão a ela características exclusivas, tratando-se de uma língua latina.

Desse modo, de forma inédita, esta pesquisa justifica-se na cidade de Assis Chateaubriand/PR devido ao seu contexto multiétnico e, conseqüentemente, multilinguístico. Fundamentando-se nos conceitos e na metodologia da Geossociolinguística, observa-se, nessa localidade, um ambiente propício para a realização de estudos linguísticos que tenham como objetivo investigar a variação e a diversidade linguística. No que diz respeito à realização dos

róticos no município, desconhece-se pesquisas que tratem da análise do fenômeno do rotacismo.

A Sociolinguística é uma área da ciência da linguagem que procura constatar de que forma os fatores internos e externos estão correlacionados ao uso de variantes na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico de uma língua. Portanto, o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, “o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana” (LABOV, 2007, p. 2).

Para Labov, as correlações existentes entre as variáveis linguísticas, internas à língua, e as variáveis não-linguísticas, externas à língua, operam como em um campo de batalha, inibindo ou favorecendo o emprego de algumas variantes (LABOV, 1972).

Em um cenário de contato linguístico e dialetal, as comunidades de fala são constituídas de acordo com as interações entre os falantes, características na fala são compartilhadas em um grupo e os mesmos traços compartilhados são os que diferenciam o grupo dos demais. O comportamento linguístico do falante, participante de um grupo, ocorre de forma diferente quando em contato com pessoas de sua comunidade de fala e quando envolve membros de outros grupos:

embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhança entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam (BELINE, 2002, p.125).

O contato com falantes de outras localidades resulta em um processo de mestiçagem étnica e linguística e traz muitas respostas às perguntas e às hipóteses referentes à consolidação da língua. O Brasil apresenta grandes contrastes regionais e sociais, resultado da colonização e do povoamento. Esses contrastes estão associados à língua:

Um retrato fiel, atual, de nosso país teria de colocar lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam, com desenvoltura o computador; operários de pequenas médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandiocas em humildes roças; pombeiros que comerciam pelo sertão; indígenas aculturados (BRANDÃO, 2005, p.17).

As formas distintas da língua consolidam-na como heterogênea, condicionada por determinantes linguísticos e sociais. De acordo com o *status* social, positivo ou negativo, é possível compreender o grau de comprometimento do fenômeno da variável no sistema e

determinar se as variantes em competição encontram-se em processo de mudança, sendo elas inovadoras ou conservadoras (MOLLICA, 2003).

Para compreender a mudança faz-se necessário estudar a língua na comunidade, na situação real de fala, amparando-se em fatores linguísticos e extralinguísticos:

Dessa forma, a pesquisa Sociolinguística implica levantamento cuidadoso dos registros de língua falada, descrevendo a variável (conjunto de variantes), e traçando um perfil das variantes (diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade); análise dos fatores estruturais, sociais e estilísticos condicionantes; encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; avaliação da variável, para a confirmação dos casos de variação ou mudança (HORA, 2004, p. 100).

É consenso que a língua sofre pressões de variáveis internas (semânticas, sintáticas, morfológicas, fonético-fonológica) e externas (diferença de classe social, sexo, escolaridade, etnia, região, contexto situacional, nível de formalidade). As mudanças na língua são resultado da batalha das variantes: padrão/ não padrão; conservadoras/inovadoras e de prestígio/estigmatizada. Marcadas, em um primeiro momento, pelas mudanças na fala e, em seguida, mudanças na escrita. É um processo lento e gradual, sustentado por um período de transição, cujas variantes concorrem sobrepondo-se umas às outras, e um período de mudança.

Assim, o dinamismo da língua pode ser identificado nos processos de mudança, nos quais, em uma mesma comunidade de fala as formas inovadoras convivem com as já existentes. “Nas pesquisas sobre variação, além da descrição das variantes de uma língua, é possível identificar os estágios dos fenômenos que se encontram nos processos de mudança” (BUSSE, 2012, p. 41).

A inovação pode ter como gênese:

- a) a alteração de um modelo tradicional;
  - b) a seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua;
  - c) a criação sistemática (‘invenção’ de formas de acordo com as possibilidades do sistema);
  - d) os empréstimos de outra ‘língua’ (que pode ser total ou parcial e, com respeito ao seu modelo, pode implicar também ‘alteração’);
  - e) a economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso)
- (COSERIU, 1988, p. 79)

A atuação dos fatores externos na geração e motivação da fala está condicionada pela mesma “dinâmica” dos fatores internos, sendo possível, portanto, determinar a rede de

relações mantida entre eles, e que orienta a produção da fala na comunidade (TARALLO, 2011). Os estudos de Labov (1972) e Tarallo (2011) observam que há variáveis que atuam como fator condicionante na variação. A variação social ou diastrática refere-se à variação condicionada aos fatores sociais, dentre elas se destacam: *nível de escolaridade*, *faixa etária* e *sexo*. A variável *escolaridade* tem sido acrescentada aos estudos sociolinguísticos, sua inclusão nas análises provém da necessidade em se compreender as relevantes diferenças quanto aos usos linguísticos de uma comunidade de fala escolarizada e não-escolarizada. Acredita-se que ao ter um maior contato com a língua padrão, a comunidade escolarizada tende a “rejeitar” formas inovadoras e não-padrão.

Ao considerar a variável *faixa etária*, é importante voltar-se ao que é mudança individual e o que é mudança histórica: a variável pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo ou a mudança na fala do indivíduo em relação ao seu tempo de vida. Ao se analisar a língua, para que se possa tratar da complexidade existente nessa variável é fundamental que outros fatores sociais sejam levados em consideração.

A variável *sexo*, no decorrer da história e nos importantes estudos linguísticos, desempenhou um papel significativo para compreensão dos fenômenos da linguagem. Em geral, as mulheres tendem a valorizar a variante de prestígio e se adaptam a situações em que as inovações não são estigmatizadas. No entanto, nos estudos sociolinguísticos é necessário que as variáveis *escolaridade*, *faixa etária* e *sexo* se cruzem para que os dados sejam mais legítimos possíveis.

As variáveis linguísticas e não-linguísticas não agem isoladamente, mas atuam em um conjunto de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes (MOLLICA, 2003).

Nesse viés, faz-se necessária uma ressalva quanto aos temas de interesse da Sociolinguística: “os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social” (MOLLICA, 2003). Em virtude da avaliação social, variantes de prestígio e estigmatizadas, os estudos da Sociolinguística têm oferecido valiosas contribuições na tentativa de romper com o preconceito linguístico.

As variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, a função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social e um sistema de valores definidos. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Assim, no estudo da

correlação entre sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora (PAIVA, 2004).

## 1.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA DIALETOLÓGICA

A variação linguística é condicionada por fatores de natureza social, regional e de estilo (SIQUEIRA; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2014). Dessa forma, estudar a língua a partir da dimensão diatópica é atentar-se à matéria prima da dialetologia. Inicialmente, importava aos estudos dialetológicos os dialetos<sup>9</sup> rurais, contudo, nos últimos anos, as variedades urbanas têm se destacado no campo de interesse dessa ciência.

O método da Dialetologia é a geografia linguística, que conforme Coseriu (1950):

designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter desenvolvimento extraordinário em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais e gramaticais) comprovadas mediante entrevista direta e unitária em uma rede de pontos de um determinado território ou, pelo menos, leva em consideração a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou os falares estudados (COSERIU, 1950, p.29).<sup>10</sup>

Portanto, nesse método, algumas etapas são essenciais. A escolha da rede pontos pondera a relevância que algumas localidades dispõem para o estudo. Conseqüentemente, ao escolher os pontos, o pesquisador deve observar a realização do fenômeno linguístico, que constitui o objeto do estudo, nas localidades eleitas. A rede de pontos é estabelecida levando em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais e históricos e, por fim, o seu processo de colonização (ALiB, 2015).

Outra etapa, não menos importante, é a *seleção dos informantes*. Nessa fase, aspectos como tempo de residência na comunidade e tempo de permanência em outras localidades são significativos à pesquisa. Além disso, as variáveis sociais como, sexo, idade e escolaridade,

<sup>9</sup> Nesta pesquisa, geossociolinguística, o termo *dialeto* é relativo à dialetologia. Ao referir-se à sociolinguística, preferiu-se pelo uso de *variedades linguísticas*.

<sup>10</sup> **Tradução nossa.** “En la terminología técnica de la lingüística actual, la expresión “geografía lingüística” designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo que ha llegado a tener extraordinario desarrollo en nuestro siglo, sobre todo en el campo románico, y que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónica, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o los hablares estudiados” (COSERIU, 1950, p.29).

assim como na Sociolinguística, demonstram as áreas dialetais, as conservações, as inovações e as possíveis mudanças linguísticas.

A elaboração do questionário está associada ao fenômeno que se pretende investigar. De tal modo, os questionários, de acordo com sua tipologia, podem se dividir em: semântico-lexical, fonético-fonológico, morfossintático e prosódico. O que definirá qual questionário é o mais apropriado à pesquisa são os objetivos propostos pelo pesquisador. Outrossim, ao questionário há a possibilidade de se acrescentar questões pragmáticas, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e textos para leitura (ALiB, 2015).

As entrevistas são gravadas e transcritas. A partir das respostas obtidas nos questionários, tem-se o *corpus* da pesquisa, é por meio dele que aspectos referentes às variações e às mudanças são constatados, analisados e reunidos em cartas linguísticas. A cartografia dos dados e a organização de um atlas linguístico, finalização do trabalho dialetológico, ilustra a realidade da língua associada às questões geográficas:

Hoje, não se precisa de mais do que bom senso e isenção para compreender que eles permanecem uma das maiores conquistas da Linguística no século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, de suas limitações. Dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por qualquer outro processo conhecido, valem pelo muito que permitem dizer a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo [...] (ROSSI, 1967, p. 93).

No curso da história, à geografia linguística foram conferidas inúmeras mudanças, visando o aprimoramento e, conseqüentemente, um retrato mais fiel da língua. A identificação das áreas e limites geolinguísticos deixam um convite a novas pesquisas que contemplem os estudos dialetais e a publicação de atlas linguísticos, considerados verdadeiros retratos da língua em movimento.

### 1.3 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS: CAMINHOS PERCORRIDOS

A Dialetologia é um campo dos estudos linguísticos que preocupa-se com a situação da língua, em especial sua variação, analisando-a a partir de sua consolidação e organização fundamentadas em fatores cronológicos, espaciais e socioculturais, procurando documentar, descrever e comparar variedades regionais de uma língua. Dessa forma, o estudo da língua,

considerando o espaço geográfico, concebe as variações partindo das especificidades de cada região.

Arelados aos fatores socioculturais, os fatores históricos são determinantes para a compreensão do trajeto percorrido pela língua em seu contato com outras realidades linguísticas.

Os estudos dialetológicos iniciam-se no século XIX, ainda de forma precária, o difícil acesso a algumas áreas geográficas impossibilitavam o contato com documentos e, conseqüentemente, um estudo mais minucioso a respeito das variedades da língua. Além disso, a falta de meios tecnológicos era outra barreira encontrada pelos estudiosos.

Se na Sociolinguística os estudos norteadores contemplam a relação entre língua e sociedade, na Dialectologia a relação entre língua e espaço direcionam os olhares às realidades linguísticas. No entanto, ao ganhar força no território das investigações linguísticas, a Dialectologia deixou de se configurar como uma área que se apropria tão somente da variação espacial.

Assim, a Dialectologia que centralizava seu interesse no estudo da variação diatópica e que tradicionalmente se ocupava da interpretação de fatos lingüísticos em áreas predominantemente rurais, tem se beneficiado dos avanços da Lingüística moderna e também das contribuições das ciências sociais, razão por que na contemporaneidade entende-se que a dimensão social da língua é tão importante quanto a espacial (ISQUIERDO, 2013, p. 335).

Essa preocupação com outros contextos, não apenas o rural, mas o social e urbano, firma a dimensão pluridimensional da Dialectologia à medida que contempla, além da dimensão diatópica, a diastrática, a diassexual<sup>11</sup> e a diageracional<sup>12</sup>.

Nos seus primórdios, a Dialectologia, ciência da variação espacial, limitou-se a compreender a presença ou ausência dos fenômenos linguísticos em diferentes espaços geográficos, dessa forma, era possível delimitar as áreas dialetais. Os primeiros estudos buscavam retratar as diferenças espaciais da língua, consagrando, portanto, a geografia linguística como o método da dialectologia.

Os trabalhos iniciais tinham por finalidade conhecer as realidades linguísticas presentes em determinados espaços físicos:

---

<sup>11</sup> Termo da dialectologia utilizado para se referir à variável extralingüística sexo masculino e sexo feminino.

<sup>12</sup> Termo da dialectologia utilizado para se referir às faixa-etárias, ou também, às diferentes gerações dos falantes.

Foi esse o objetivo das primeiras investidas no campo da dialetologia, como demonstra a iniciativa do Ministério do Interior na França [...], em 1897, que realiza inquérito por correspondência, sob a responsabilidade principal de Charles-Etienne Coquebert de Montbret, para recolher versões da parábola do filho pródigo em cem diferentes *patois*, quase todos na França, cujos resultados se destinavam ao estabelecimento do perfil da língua francesa como língua materna, delineando-se os espaços por ela ocupados e demarcando-se os limites linguísticos ao interior do país (CARDOSO, 2010, p. 48-49).

Outro aspecto essencial diz respeito ao movimento contraditório da geografia linguística, pois, a abordagem do espaço físico começou do mais amplo para o mais restrito. Em outras palavras, “não se começou da área menor para caminhar-se na direção da maior, mas se começou pela de maior extensão, seguindo-se na direção de áreas menores” (ALINEI, 1994, p.21).

Historicamente, em seu encetamento datado no século XIX, os estudos dialetológicos, tinham como cenário investigativo a individualidade geográfica de cada região. A falta de infraestrutura e rodovias, a dificuldade de comunicação e a ausência de tecnologias que facilitassem a interação, foram grandes obstáculos para as realizações das pesquisas. Para tanto, diante à realidade da época, os inquéritos eram realizados por correspondência.

Dois trabalhos foram substanciais para a consolidação das diretrizes dos estudos dialetológicos: os dados que estruturaram a elaboração das cartas linguísticas alemãs, resultado dos esforços de Georg Wenker, e a empreitada realizada de forma sistemática no projeto do Atlas Linguístico da França, obra de Jules Gilliéron e Edmond Edmont.

Wenker, durante 10 anos, recolheu na Alemanha dados para a elaboração de cartas linguísticas. Contudo, não foram estabelecidas as variáveis sociais: sexo e faixa etária. O estudioso iniciou sua pesquisa investigando, pelo método de correspondência, pontos do território de fala alemã, e publicou um fascículo com 10 mapas elaborados a partir dos primeiros resultados da pesquisa.

Todavia, foram pelas contribuições de Gilliéron, considerado o fundador da Geolinguística, que os estudos ganharam uma forma sistematizada de coleta dados. Gilliéron, iniciou a ideia do atlas que contemplasse todo o território francês e confiou o trabalho do levantamento de dados a seu amigo Edmond, que não possuía qualquer formação linguística. O *Atlas Linguistique de la France – ALF*, foi publicado no final do século XIX em diferentes fascículos que agrupou 1920 mapas, 1421 cartas completas e 499 parciais. A partir dos estudos do dialetólogo francês, a geografia linguística se fixou como método dialetológico e comparativo, com rigor científico.

Inúmeras críticas foram feitas ao questionário do estudioso, suas questões não atentavam às diferenças sociais e muitas palavras férteis para análises foram suprimidas (CARDOSO, 2010). Além disso, não há registros das variáveis sociais, o que não possibilita a distinção das respostas dadas por informantes de diferentes faixas etárias e pertencentes a diferentes níveis de escolaridade, por exemplo.

Fundamentada nas críticas, a preocupação com as variáveis sociais dos informantes abriu novos caminhos à metodologia geolinguística. Em face disso, os fatores sociais: idade, sexo, escolaridade e profissão vêm ocupando posições consideráveis nos estudos dialetais:

Ao mesmo tempo em que a dialetologia começava a se deixar influenciar diretamente (ainda que levemente) pela linguística, também começava a se deixar influir indiretamente pelas ciências sociais. Alguns dialetólogos começaram a reconhecer que se havia posto muita ênfase na dimensão espacial da variação linguística, excluindo-se, em consequência, a dimensão social. Gradativamente, isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante quanto à variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, uma vez que todos os falantes têm não só espaço social como uma localização espacial (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 81-82).

A partir das reconsiderações envolvendo a relevância do espaço social, a Dialetologia Pluridimensional ganha força e une o diatópico ao diastrático. Desse modo, a variação diageracional, a variação diagenérica, a variação diastrática e a variação diafásica passam a ser indispensáveis à descrição dos fenômenos linguísticos de acordo com o espaço geográfico.

A variação diageracional se refere à variação etária, uma vez que há diferenças linguísticas presentes na fala de gerações diferentes, a investigação de várias idades leva ao diagnóstico dos registros de inovação e conservação na fala de determinados grupos.

A variação diagenérica considera a distinção entre a fala do homem e da mulher, “as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais” (BUSSE, 2010, p. 112).

A variação diastrática reconhece os parâmetros que definem a classe social dos falantes, dentre eles, a escolaridade, o nível de renda e a profissão. Por fim, a variação diafásica observa a fala em diferentes contextos de produção: conversação, face-a-face, leitura, respostas a perguntas, narrativas, discurso semidirigidos etc.

Nessa perspectiva, compreende-se que a alternância na fala de um mesmo sujeito é resultado das diferentes finalidades que se pretende atingir:

Toda fala é *fásica*, isto é, se realiza dentro de um estilo e, enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação fásica, o que significa dizer que sempre existe para o falante a possibilidade de selecionar vários registros (THUN, 2000, p.11).

Exposto isso, observa-se que as novas formas de tratar os fenômenos linguísticos são, na verdade, resultados de um processo, no qual os diferentes momentos da história possibilitam diferentes olhares e novas abordagens para os estudos da língua.

No que diz respeito aos estudos dialetológicos no Brasil, é com o trabalho de Amadeu Amaral *O Dialeto Caipira de São Paulo*, em 1920, que a Dialectologia ganha espaço ao explorar os dialetos<sup>13</sup> brasileiros da língua portuguesa em sua modalidade falada. Mais tarde, em 1922, em homenagem a Amadeu Amaral, Antenor Nascentes focando seus estudos na língua do povo, publica *O Linguajar Carioca* em 1922. Na edição seguinte, a obra passa por uma reestruturação, fruto da reformulação de conceitos e propostas, servindo de ponto de partida a todos os que estudam o português do Brasil.

Entre os linguistas-filólogos que marcaram os estudos do português brasileiro, estão Serafim da Silva Neto e Celso Cunha que juntos propuseram o *Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil* (1957).

Atendendo ao decreto 30.643<sup>14</sup>, os anos de 1952 em diante foram decisivos para a Dialectologia brasileira, pois permitiram pensar na divisão dos estudos no Brasil por regiões. Dentre eles estão: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1693), o *Esboço de um Atlas de Minais Gerais* – EALMG (1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* – ALP (1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS (1987), o *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (1994), o *Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará* – ALISPA (2004), além de outros projetos que ainda não foram publicados como, *O Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS) e *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ).

<sup>13</sup> São inúmeras as discussões acerca do termo dialeto. No entanto, neste trabalho, pondera-se dialeto enquanto “un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos las estructuras lingüísticas, simultáneas a otras, que no alcanzan la categoría de lengua” (ALVAR, 1996, p.13).

<sup>14</sup> O decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, instituiu o centro de pesquisa da casa de Rui Barbosa e dispôs sobre seu funcionamento, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas. Em seu Art 3º, inciso 3º fica sob responsabilidade da Comissão de Filologia a promoção de pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil (BRASIL, 2016).

As obras publicadas trazem as mudanças por que passaram os estudos dialetológicos, podendo dividir os atlas em três grupos distintos: monodimensional, bidimensional e pluridimensional. Os atlas monodimensionais, como é o caso do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1693), *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG (1977), *Atlas Linguístico da Paraíba* – ALPB (1984) e *Atlas Linguístico da Região Sul* – ALERS (2002), estão focados na dimensão espacial. Esses atlas apresentam uma metodologia cuja identificação da diversidade do uso da língua se dá dentro de uma determinada área geográfica.

Aprimorando os atlas monodimensionais, a metodologia dos atlas bidimensionais, além da dimensão geográfica, contempla outra dimensão, podendo ser diagenérica ou diageracional. No grupo dos atlas bidimensionais estão o *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALSE I e II (2005) e o *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (1994). Já os atlas pluridimensionais, primam não somente a dimensão geográfica, mas também duas ou mais dimensões sociais: diastrática, diageracional, diassexual ou diagenérica, entre outras. O primeiro atlas brasileiro de cunho pluridimensional é o *Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará* – ALISPA (2004). Recentemente, no ano de 2014, foram publicados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* - ALiB.

As mudanças encontradas nos atlas linguísticos são necessárias, pois aos poucos, a partir de novos estudos, novas variantes foram acrescentadas ao método para um retrato preciso da fala. “Essa Geolinguística pluridimensional, que se consolida ao final do século XX, vai se ocupar do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar a pluralidade de dados a ser cartografada” (CARDOSO, 2002).

#### 1.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VARIÁVEIS EXTERNAS

Os estudos geolinguísticos da fala descrevem os fenômenos da variação a partir da formação histórica da rede de pontos, dos diferentes grupos étnicos encontrados na área, dos caminhos e rotas de ocupação, do contato linguístico entre os falantes de variedades distintas e etc. Dessa forma, possibilita compreender e levantar hipóteses, com base em fatores históricos e geográficos, a respeito das contribuições para a preservação e inovação dos falares de dadas regiões.

A meta de um dialetólogo é conhecer as mudanças sociais e culturais de uma comunidade, considerando as diversidades geográficas. E assim, contribuir para o aprimoramento do quadro linguístico do Brasil (ALTINO, 2005). Dentro da geografia

linguística, os atlas linguísticos desempenham papel fundamental, pois é a partir dos mapas que se registram traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos de uma língua num determinado âmbito geográfico.

A análise da variação dialetal considera aspectos como: colonização, grupos étnicos encontrados na área, idade da localidade, caminhos e rotas de ocupação, contato linguístico entre os falantes de variedades distintas e etc.

Partindo da perspectiva Variacionista, a língua é compreendida como variável, a Sociolinguística pretende desvendar como se dá a organização da variação linguística. De uma perspectiva dialetológica, a Sociolinguística pode se dedicar a estabelecer limites entre os diferentes falares de uma língua. Assim, interessa ao pesquisador:

[...] verificar se os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o lugar em que estão (variação diatópica [...]), de acordo com a situação de fala, ou registro (variação diafásica), ou ainda de acordo com o nível socioeconômico do falante (variação diastrática). (BELINE, 2011, p.125)

O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, em outras palavras, a Sociolinguística observa, analisa e compreende a fala em diferentes contextos, produzida por diferentes falantes.

A pesquisa Sociolinguística tem o cuidado na escolha dos informantes, leva em consideração o paradoxo do observador, apresenta um método mais “descontraído” (entrevista e narrativa<sup>15</sup>) para que o entrevistado<sup>16</sup> aja mais naturalmente e divide os informantes de acordo com os fatores extralinguísticos (LABOV, 1972).

A “experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativo, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma” (TARALLO, 2011, p.23).

Uma vez que a língua é viva e evolutiva, compreende-se que há fatores que implicam na existência e extinção de variantes. Analisar e descrever a realização do fenômeno do rotacismo nos falares da cidade de Assis Chateaubriand-PR aliando a Sociolinguística à Dialetologia é uma forma de somar esforços aos estudos da linguagem.

---

<sup>15</sup> Nesta pesquisa, as narrativas pessoais foram motivadas a partir dos temas para discurso semidirigido.

<sup>16</sup> Baseando-se nas pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas, para referir-se aos sujeitos desta pesquisa serão utilizados os termos: entrevistados, inquiridos, participantes e informantes.

Dividida em diversos campos, a Linguística, pode apoiar seus estudos na sintaxe, morfologia, semântica, fonologia e fonética. Seu objeto de estudo é a investigação científica da linguagem humana. O presente trabalho, em particular, embasou suas análises no campo da fonética e da fonologia.

#### 1.4.1 Homem e mulher: comportamentos linguísticos distintos?

No que diz respeito aos estudos dialetológicos, muitas são as publicações em relação à variação linguística e o homem, no entanto, essas informações não se comparam ao pequeno número de trabalhos que contemplam a fala da mulher. Essa afirmação justifica-se pela trajetória dos estudos dialetológicos os quais, a princípio, consideravam apenas a fala masculina.

Na realidade, e apesar do muito que se tem escrito nos últimos anos, não sabemos tanto sobre mulheres e dialetos como de homens e dialetos. E isto é assim porque nos estudos dialetais nem sempre se prestou, ou se tem prestado, às mulheres a mesma atenção que aos homens (MOUTON, 2006, p. 22 -234)<sup>17</sup>.

Nos primórdios dos estudos dialetológicos, os inquiridores buscavam por palavras que fizessem parte da realidade linguística dos falantes, no caso dos homens, àquelas relacionadas ao campo. A escolha por essa categoria sexual dava-se pelo seu maior contato com o mundo exterior, já que as mulheres viviam, muitas vezes, às margens dos trabalhos do campo. Nessa época, a língua era tida como um instrumento de comunicação uniforme, não havendo distinção entre a fala do homem da mulher. Razão por que os investigadores optavam por entrevistar o porta-voz da comunidade.

A partir de uma verificação referente ao mundo doméstico, os investigadores perceberam que as mulheres costumavam ser mais conservadoras. Com base nessa descoberta, no ano de 1952, a revista *Orbis* dedicou um número à linguagem das mulheres: investigação linguística em uma escala mundial.<sup>18</sup>

Os primeiros trabalhos dialetológicos, que revelaram pequenas diferenças na forma de falar dos homens e das mulheres, sustentavam que “as mulheres conservavam, com fidelidade

<sup>17</sup> **Tradução nossa.** “En realidad, y a pesar de lo mucho que se ha escrito en los últimos años, no sabemos tanto de mujeres y dialecto como de hombres y dialecto. Y esto es así porque en los estudios dialectales no siempre se ha prestado, o se ha podido prestar, a las mujeres la misma atención que a los hombres” (MOUTON, 2006, p. 22 -234).

<sup>18</sup> **Tradução nossa.** *Le langage des femmes: Enquête linguistique à l'échelle mondiale.*

os traços tradicionais, enquanto os homens se distanciavam delas ao admitirem influências externas que contravinham o uso local<sup>19</sup>” (MOUTON, 2006, p. 225).

Os dialetólogos foram, portanto, “os primeiros sociolinguistas quando, ao buscar estabelecer essa diferença, perguntaram-se por suas causas, que não estavam ligadas ao pertencer a um ou outro sexo, senão às circunstâncias em que essas mulheres viviam” (MOUTON, 1988, p. 225).

Pensar em variação linguística é pensar em variáveis linguísticas e variáveis sociais. Labov (1972), ao investigar a fala dos moradores de Martha’s Vineyard, buscou compreender o vínculo estabelecido entre língua e sociedade. Uma descrição dos fenômenos sociolinguísticos propõe-se a compreender as relações entre as variantes linguísticas e os grupos sociais. Dessa combinação, é possível estabelecer os critérios que impulsionam um falante optar por uma forma linguística, negando ou desconsiderando a utilização de outra.

Uma comunidade linguística é formada por homens, mulheres, jovens, idosos, pessoas com maior ou menor grau de instrução, convivendo e desenvolvendo atividades variadas, esses fatores sociais ou extralinguísticos atuam diretamente na forma de cada falante se comunicar. A escolha por uma ou outra forma linguística ponderará nas delimitações sociais e nas avaliações que os falantes fazem das variantes linguísticas.

Labov (1972), em seus estudos variacionistas, afirma que, na fala monitorada, as mulheres, optam por formas menos estigmatizadas, além disso, estão mais suscetíveis a escolha pela forma de prestígio. As mulheres de classe média baixa, se comparadas aos homens da mesma categoria social, usam em menor escala a forma não padrão e quando fazem uso das formas mais extremas de uma variável, corrigem-se mais em contextos formais (LABOV, 1972).

Explicações referentes à variável sexo são sempre cautelosas, respaldadas não apenas por fatores linguísticos, como também, por particularidades da organização social dos grupos. Mais que refletir apenas diferenças biológicas, há papéis sociais, impostos historicamente e desempenhados por homens e por mulheres, distintamente.

Em algumas comunidades linguísticas, a distinção da fala do homem e da mulher quase não é notada. Exemplo disso são alguns sotaques do inglês americano, em que as vogais na fala da mulher são mais periféricas se comparadas a dos homens. Contudo, há situações, como na língua da tribo indígena americana, Gros Ventre, do nordeste dos Estados

---

<sup>19</sup> **Tradução nossa.** “las mujeres conservaban, con fidelidad los rasgos tradicionales, mientras los hombres se apartaban de ellas en que admitían influencias externas que contravenían el uso local” (MOUTON, 2006, p. 225).

Unidos, em que alguns fonemas são realizados somente na fala dos homens (TRUDGILL, 1974).

Nos inúmeros estudos envolvendo a variação linguística e o fator sexo, os resultados apontam que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina. Essa característica, associada à consciência feminina do *status* social, é justificada por algumas concepções (LABOV, 1972):

a) A opção por uma ou outra forma linguística não é aleatória, deve-se ao fato da posição de prestígio que ocupa na comunidade de fala, ainda que a forma de prestígio não seja uma variante padrão;

b) Se a forma padrão for a variante de prestígio ela aparecerá mais frequentemente na fala da mulher;

c) Em algumas comunidades, como é o caso de comunidades mulçumanas, a fala da mulher está associada ao papel social que ela ocupa;

d) Na fala espontânea, a mulher tende a ser mais solidária ao seu interlocutor;

e) Referente às mudanças linguísticas, as mulheres são mais conservadoras, inovações linguísticas aparecem com mais frequência na fala dos homens. No entanto, se a forma inovadora goza de prestígio social, as mulheres lideram os processos de mudança;

f) No tocante à variação estilística, diafásica, o aumento do índice da variedade padrão na fala da mulher é proporcional ao grau de formalidade presente no discurso.

Tais considerações, referentes à variável *sexo*, foram observadas e analisadas ao longo dos anos em diferentes estudos linguísticos, contudo, não determinam a realidade de todas as variações presentes na língua, uma vez que na Sociolinguística a variável *sexo* é apenas uma das variáveis extralinguísticas. Para um esboço autêntico da língua viva é necessária uma correlação entre as variáveis sociais e linguísticas. Diante disso, uma ressalva se faz necessária, nesta pesquisa, os dados não apontaram para expressivas diferenças entre a fala dos homens e das mulheres.

#### 1.4.2 A variável social escolaridade como um instrumento de rejeição ou resistência à mudança do comportamento linguístico

Os fatores de ordem social e de ordem linguística conferem à língua, variação e uma possível mudança. Nesse contexto, a escola leva os falantes a repensarem suas formas linguísticas, àquelas utilizadas na conversa entre amigos, em casa, com os familiares etc.

A variável escolaridade, grande responsável pelas reflexões sobre as formas linguísticas consideradas não-padrão, pode atuar na conservação da norma padrão. A principal marca dessa variável é contribuir como um mecanismo de produção ou resistência à mudança linguística (VOTRE, 2003, p. 50). A inserção do falante no contexto escolar torna-se determinante na escolha de uma ou outra forma linguística, resultado do seu papel social na comunidade de fala.

Salvo raras exceções, é na escola que o sujeito percebe o prestígio social dos falantes vinculado ao *status* econômico. “As formas socialmente prestigiadas são sementes e fruto da literatura oficial, que se transforma em língua padrão” (VOTRE, 2003, p. 50). Essa premissa leva o sujeito a configurar a língua portuguesa como uniforme, regida por normas e cristalizada. As formas que não gozam de prestígio social e/ou econômico são estigmatizadas e apontadas como transgressões.

Na tentativa de regularização da língua, a escola, em muitas situações, exclui de seus objetivos a percepção de uma língua heterogênea, formada por variedades, por falantes vivos e em constantes renovações. Embora, atue na “preservação” da pureza da língua Portuguesa vernácula, o domínio da norma padrão depende, também, de outras variáveis.

#### 1.4.3 As correlações entre a variável faixa etária e variação/ mudança linguística

Além das variações geográficas e sociais, a língua muda com o tempo. É pouco provável que o português falado na Idade Média possua a mesma estrutura do português contemporâneo. As mudanças linguísticas não acontecem instantaneamente, tampouco estão condicionadas a um único fator, esse processo lento e gradativo pode ocorrer na semântica, na fonologia, na morfologia, no léxico, na sintaxe, etc.

Comumente, algumas palavras são ditas por um indivíduo em grupo e, em seguida, alguém olha espantado como se nunca tivesse escutado tal expressão. Embora essas situações de interação não sejam prejudicadas por falta de compreensão entre os falantes, há sempre quem explique o que determinada palavra ou expressão quer dizer. Essas situações, no mínimo, interessantes só são possíveis porque as mudanças linguísticas são influenciadas, também, pela variável *faixa etária*.

Desde as primeiras investigações da Sociolinguística Variacionista já existia a preocupação em se compreender os fatores que levam à variação e/ou à mudança no indivíduo e na comunidade. Labov (1972) investigou se a variação e/ou mudança linguística acontecia no indivíduo ou na comunidade e, se a fala do indivíduo pode mudar no decorrer dos anos.

Para responder a essas questões apoiou-se na mudança em tempo aparente e na mudança em tempo real.

A resposta, mudança em tempo aparente, mostra que os indivíduos conservam, ao longo da vida adulta e na velhice, a forma de falar que desenvolveram até a puberdade e após os 15 anos é como se estagnassem. Isso é, um falante de 40 anos reflete, em sua fala, o mesmo comportamento linguístico de 25 anos atrás.

Na segunda resposta, mudança em tempo real, é possível observar as mudanças em progresso ou variação estável, importante salientar que, nem sempre a variação corresponde a uma mudança. A mudança individual é evidenciada quando o comportamento do indivíduo se afasta do comportamento comum à sua comunidade de fala, essa mudança justifica-se pelo contato com outros grupos ou contextos sociais, como é o caso do trabalho, da escola, dos amigos, etc.

Em síntese, relação entre faixa etária e variação e/ou mudança linguística no indivíduo e na comunidade pode levar as seguintes situações:

- a) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade muda;
- b) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade também permanece estável;
- c) A fala do indivíduo muda e a comunidade permanece estável;
- d) A fala do indivíduo muda e a comunidade também muda (COELHO, 2010, p. 81).

Essa variável associada aos demais fatores linguísticos fornecem dados essenciais à compreensão das estabilidades e das mudanças na fala do indivíduo e da comunidade.

No que se refere ao objeto desta pesquisa, as variantes para a consoante lateral dental e a vibrante alveolar, há uma gama de realizações que delimitam o português brasileiro no interior da variável geográfica e das variáveis sociais. Os fenômenos originam-se dos contatos da língua portuguesa desde o latim vulgar e permanecem no Oeste do Paraná, particularmente, em Assis Chateaubriand, demarcando a identidade linguística dos seus falantes.

A seguir, apresentam-se elementos fonéticos-fonológicos a respeito da descrição das consoantes, para uma compreensão da natureza dos fenômenos de rotacismo e vocalização da lateral dental.

## 2. A REALIZAÇÃO DAS LÍQUIDAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O termo *líquida*, na filologia e na poesia grega, rotulava as classes das laterais, dos róticos e das nasais, passando para o latim sob a forma de *liquidus*, *-a*, *-um*. Contudo, considerando as diferenças silábicas do latim e do grego, a palavra *liquidus* passou a referir-se às laterais e aos róticos (ALLEN, 1993).

As consoantes /l/ e /P/, do ponto de vista articulatorio, são muito parecidas. Essa semelhança pode esclarecer, em termos de produção, a troca de uma consoante pela outra. A consoante lateral é produzida com uma oclusão central e o ar escapa pelas laterais do trato vocal. Já as vibrantes, apresentam uma multiplicidade de variantes, em especial no caso da vibrante alveolar, o articulador ativo, a língua, toca rapidamente o articulador passivo, os alvéolos, resultando em uma série de rápidas oclusões (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011).

Entende-se por rotacismo a troca da lateral por uma vibrante alveolar, é possível ser encontrado o fenômeno do rotacismo na evolução do latim vulgar para o português: *blandu - brandu*. Na literatura, em sua carta do descobrimento, Pero Vaz de Caminha escreve *concruir* por *concluir*. Em “*Os Lusíadas*<sup>20</sup>” é possível encontrar duas formas diferentes para a palavra *inglês*: uma grafada com *l* e outra, grafada com *r*. (COSTA, 2011, p. 19). No livro “*O Dialeto Caipira*” de Amadeu Amaral, que descreve o dialeto utilizado na zona rural do interior Paulista, é apontada a troca na fala da consoante lateral pela vibrante em coda silábica: *quarquer*, *paper*, *mér* e *arma*. O fenômeno do rotacismo também foi comprovado, por meio dos estudos dialetológicos, nos estados de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No português brasileiro, a posição de coda silábica pode ser preenchida pelas consoantes vibrante [r], lateral [l], fricativa [s] e nasal [n]. O rotacismo consiste na variável das consoantes líquidas [l] e [r] por se tratarem de duas laterais há uma tendência à assimilação do traço [lateral].

Ocorrendo na palavra um outro seguimento líquido, no caso [lateral], a líquida lateral presente na palavra tende a assimilar, transformando-se em [r]. É o que ocorre, por exemplo, na palavra **flora** passando a **frora**. (MOLLICA; PAIVA, 1991, p.182)

<sup>20</sup> Poema épico de Luís de Camões, publicado em 1572, durante o Renascimento em Portugal.

Quanto ao posicionamento, a ocorrência dos róticos é observada nos seguintes contextos linguísticos: i) início de palavras (C<sup>21</sup>V<sup>22</sup>): *Rato, roupa, riacho*; ii) em codas silábicas a) medial (CVC): *Carnaval, portão, marcenaria*; b) final (CVC): *mar, flor, amor*; iii) em posição intervocálica (VCV) *aranha, iriam, origem*; iv) em grupos consonantais (CCV): *globo, clara, flores*.

Por possuir uma multiplicidade de variações, o fonema /r/ é estudado e por muitos linguistas e sua complexidade é tratada de forma particular. Os sons denominados róticos são comuns a diversas línguas do mundo, mais precisamente a 75% delas, e são representados ortograficamente pelo *r* (LADEFOGED; MADDISON, 1996).

A variabilidade fonética existente entre os róticos nas mais diversas línguas é um dos principais fatores que contribuem para a complexidade fonológica desses fonemas (LINDAU, 1985). No português brasileiro, de acordo com seu modo de articulação, os róticos são classificados em: *tepe simples, vibrante, fricativas e aproximante retroflexa*. Essas categorizações se dão pelo contexto de produção dos sons: pontos de articulação e classificação em surdas e sonoras.

A *vibrante* ou *vibrante múltipla* pode ser classificada em surda e sonora ou desvozeada e vozeada de acordo com os contextos em que aparece, está presente em alguns dialetos do português paulistas:

[...] um som vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino (BISOL, 2010, p.211)

Ainda no que se refere ao modo de articulação, o *tepe* ou também chamado *vibrante simples* embora tenha o som muito próximo ao som da *vibrante*, diferencia-se pela quantidade e velocidade das obstruções, resultado do contato entre os articuladores passivos e ativos, língua e região dental ou alveolar.

As *fricativas* ocorrem no português do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Ao se aproximarem, os articuladores não causam obstrução completa, mas parcial, resultando em uma fricção audível, a partir de um som uvular ou glotal.

---

<sup>21</sup> C refere-se às consoantes;

<sup>22</sup> V refere-se às vogais.

O *retroflexo*, também chamado de “erre caipira” do português brasileiro, é produzido pelo levantamento e encurvamento da língua em direção ao palato duro, retroflexão refere-se, desse modo, como “àquela em que a língua se curva para trás tocando o palato” (LIMA, 2013, p. 44).

O som da *aproximante* é produzido a partir da aproximação entre os articuladores ativo e passivo, não causando obstrução total ou parcial, como é o caso das fricativas. “Os róticos aproximantes se definem pelo fato de não haver contato entre os articuladores, mas apenas uma aproximação entre eles” (LADEFOGED; MADDISON 1996, p. 232).

A realização dos róticos é influenciada pelos contextos linguísticos e pelo dialeto em que são produzidos. Nesta pesquisa as análises estarão voltadas ao *r* em grupos consonantais e em codas silábicas.

Em se tratando das laterais no português brasileiro, sua posição na sílaba é essencial para a ocorrência de determinados sons. Em início de palavras como em *lata* e em estrutura como *consonate+consoante+vogal* (CCV): *claro*, realiza-se a lateral alveolar, representado foneticamente [l]. Já em codas observa-se a vocalização ou a velarização, representadas por [w] e [ʁ]. Na vocalização ocorre a articulação do *l* com a qualidade da vogal *u*, essa ocorrência aplica-se à maioria dos dialetos brasileiros.

Para a realização da lateral há ainda a lateral palatal que em língua portuguesa ocupa posição intervocálica. No que diz respeito às alternativas articulatórias, tem-se para a lateral palatal duas: [á] representado graficamente pelo dígrafo *lh* e [lʝ].

No primeiro caso [á] há a obstrução da passagem do ar pelo palato duro e ar sai pelas laterais. A língua é levantada até o céu da boca e seu meio quase toca o palato, como é o caso da palavra *velho*. O segundo caso refere-se às situações em que uma consoante lateral alveolar ou dental “é articulada juntamente com a propriedade articulatória secundária de palatalização. Neste caso, o falante levanta a ponta da língua em direção aos alvéolos ou dentes incisivos superiores” (SILVA, 2005, p.65).

No entanto, há ainda os casos em que a lateral palatal é substituída pela vogal *í*, vocalizando a consoante, para essas situações a representação fonêmica é [y].

Do ponto de vista articulatório o fonema [P] e o fonema [l] são muito próximos, desse modo, o contexto de produção do som das duas líquidas é favorável à troca da lateral pela vibrante alveolar.

## 2.1 A ROTACIZAÇÃO DA LATERAL ALVEOLAR

As laterais e os róticos pertencem às líquidas por partilharem características fonéticas, fonológicas e fonotáticas. O termo fonotático refere-se às regras que orientam em qual posição é possível a realização de um determinado fonema. Segundo Callou e Leite (2003), “Líquida é um termo herdado dos gramáticos da antiguidade e abrange a classe das laterais e das vibrantes” (CALLOU; LEITE, 2003, p. 26). Além disso, essas consoantes “são articuladas com uma configuração aberta do trato, e, ainda que exista obstáculo à saída do ar, tal obstáculo não impede que ele escoe livremente. Essa articulação assemelha esses sons aos vocálicos, situando-se as líquidas, portanto, entre os sons consonânticos e vocálicos” (D’INTRONO *et al.*, 1995, p. 113).

Ao longo dos anos a estrutura interna da língua muda. Essa mudança pode ocorrer nos diversos campos como na fonologia, na fonética, no léxico, na semântica, na sintaxe, etc. às mudanças fônicas, denomina-se metaplasmos, alterações naturais que acontecem nas palavras. Os metaplasmos podem ocorrer de quatro formas: por aumento, por supressão, por transposição e por transformação (BOTELHO; LEITE, 2005). Na sequência, apresenta-se um quadro que descreve cada uma das possibilidades de metaplasmos nos vocábulos do português:

**Quadro 1:** Metaplasmos

<p><b>Metaplasmos por Aumento</b></p> <p>Caracteriza-se pela inserção de um fonema no vocábulo. São classificados de acordo com a posição que o novo fonema ocupa na palavra.</p>	<p>a) Epêntese: adição do fonema no meio da palavra. <i>Estalo</i> &gt;<sup>23</sup> <i>Estralo</i>.</p> <p>b) Anaptixe: acréscimo de uma vogal, rompendo um grupo consonantal. <i>Advogado</i> &gt; <i>Adevogado</i> ou <i>Adivogado</i>.</p> <p>c) Epítese: adição de um fonema no final da palavra. <i>Variz</i> &gt; <i>Varize</i>.</p> <p>d) Prótese: colocação de um fonema no início da palavra. <i>Lembrar</i> &gt; <i>Alembrar</i>.</p>
<p><b>Metaplasmos por Supressão</b></p> <p>Ocorre quando o falante suprime um fonema do vocábulo.</p>	<p>a) Aférese: quando um fonema ou uma sílaba são suprimidos no início de um vocábulo. <i>José</i> &gt; <i>Zé</i>.</p> <p>b) Apócope: supressão de um fonema no final de uma palavra. <i>Garagem</i> – <i>Garage</i>.</p> <p>c) Síncope: refere-se à supressão do fonema no meio do vocábulo. <i>Cócegas</i> &gt; <i>Cosca</i>.</p> <p>d) Haplologia: supressão da primeira, de duas sílabas sucessivas, no meio da palavra por semelhança sonora.</p>

<sup>23</sup> Neste caso, o símbolo representa a preposição: *por*.

	<i>Saudadoso &gt; Saudos.</i>
<p><b>Metaplasmos por Transposição</b></p> <p>Deslocamento de um fonema, podendo ser por deslocamento ou da tonicidade da palavra.</p>	<p>a) Metátese: inversão na ordem linear dos sons. <i>Perguntar &gt; Preguntar.</i></p> <p>b) Hipérese: é a transposição de um fonema de uma sílaba para a outra. <i>Iogurte &gt; Iorgute.</i></p> <p>c) Sístole: é a transposição, por recuo, da tonicidade na palavra. <i>Rubrica &gt; Rúbrica.</i></p> <p>d) Diástole: transposição, por avanço, da tonicidade na palavra. <i>Gratuito &gt; Gratuíto.</i></p>
<p><b>Metaplasmos por Transformação</b></p> <p>Consiste na transformação de um fonema que passa a assumir a posição de outro fonema distinto.</p>	<p>a) Degeração: troca do fonema /b/ pelo fonema /v/. <i>Basculante &gt; Vasculante.</i></p> <p>b) Desnasalação: é a transformação de um fonema nasal em um fonema oral. <i>Falaram – Falaro.</i></p> <p>c) Dissimilação: Transformação de um fonema em outro para diferenciá-lo de outro já existente no vocábulo. <i>Privilégio &gt; Previlégio.</i></p> <p>d) Rotacismo<sup>24</sup>: é a transformação do fonema /l/ em /r/. <i>Alface &gt; Arface.</i></p> <p>e) Lambdacismo: é a transformação do fonema /r/ em /l/. <i>Frauda &gt; Flauda.</i></p> <p>f) Ditongação: é a transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo. <i>Cereja &gt; Cereija.</i></p> <p>g) Monotongação: transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. <i>Cadeira &gt; Cadera.</i></p> <p>h) Metafonia: alteração do timbre ou da altura de uma vogal. <i>Cadê &gt; Quedê.</i></p> <p>i) Nasalação: troca de um fonema oral por um nasal. <i>Itinerário &gt; Intinerário.</i></p> <p>j) Palatalização: é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal. <i>Família &gt; Familha.</i></p> <p>k) Despalatalização ou Iotização: Transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral. <i>Milho &gt; Mio. Novinho &gt; Novim.</i></p> <p>m) Sonorização: transformação de um fonema surdo em sonoro. <i>Cuspir &gt; Guspír.</i></p>

Fonte: Criado pelo pesquisador

O processo de mudança é natural a todas as línguas e não seria diferente com a língua portuguesa. Na categoria dos metaplasmos por transformação, encontra-se o fenômeno do rotacismo que consiste na troca de uma consoante lateral por um rótico. “Nos grupos de

<sup>24</sup> O destaque no quadro, no metaplasmo por transformação classificado como rotacismo, deu-se devido à importância do fenômeno para esta pesquisa.

líquida como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do /l/ que o muda em /r/” (CÂMARA JR., 1970, p.40).

No que se refere às consoantes do português, há oposições instáveis e transições mesmo na língua padrão, isso porque, os dialetos coexistem e a língua está exposta às mudanças. Nesse sentido, “é lábil a oposição entre /l/ e /r/ (a preferência é para a última) quando em seguimento à constrictiva labial ou oclusiva (cf. *fluir* – “correr” (um líquido): *fruir* “gozar”) e a língua literária tem casos até de variação livre (cf. *flecha* ao lado de *frecha*)” (CÂMARA JR., 1970, p. 55).

No português brasileiro, a realização do rotacismo ocorre em três contextos silábicos: em coda medial, como em *alface* > *arface*, em coda final, *sal* > *sar* e em grupos consonantais, *globo* > *grobo*, trata-se ainda, de um fenômeno que existe antes mesmo da estruturação do português brasileiro.

Historicamente, o latim, língua falada pelos romanos e pelos povos sob o domínio de Roma, chegou com os soldados. Aos poucos, os colonizadores e as populações dominadas construía casas e passavam a habitar as áreas conquistadas. Como em todo processo de colonização, os costumes dos colonizadores passavam a fazer parte do dia-a-dia da população colonizada. Igualmente, a língua fez parte desse processo gradual:

Esta assimilação do latim por parte das populações conquistadas se passou de uma maneira irregular, onde as línguas faladas por estes povos deixaram marcas na sua pronúncia e vocabulário, quando falavam a língua de Roma. Mas o latim falado na cidade de Roma não era também regular. Ele se dividia em várias maneiras distintas de falar, para as quais os romanos davam nomes distintos. Havia o *sermo nautae* (a linguagem dos marinheiros), o *sermo rusticus* (a linguagem dos camponeses), o *sermo nobilis* (da nobreza) e muitos outros mais foram catalogados (MORAIS, 2013, p.621-622).

Nesse contexto de dialetação estavam separados por um abismo, o *latim clássico* e o *latim vulgar* (MORAIS, 2013).

Diz-se latim clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*. Era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas

que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente (COUTINHO, 1968, p. 29-30).

Escrito em latim vulgar, o *Appendix Probi*, apresenta uma lista anônima, provavelmente organizada por um professor para o uso de seus alunos. Com 227 correções, o documento listava aos seus leitores como devia ser a pronúncia dos termos latinos (COSTA, 2006). Destaca-se, o item 77, referente à forma que não deveria ser pronunciada a palavra *flagellum*: “*flagellum non fragellum*”. Como apresentado no documento, já no século III d.C. o rotacismo fez-se presente no latim vulgar, que posteriormente daria origem ao português.

Diacronicamente, do latim às línguas românicas, o fenômeno do rotacismo foi constatado no italiano, francês, espanhol e português. No latim, o rotacismo era frequente nos nomes pessoais, a exemplo disso, no ano 339 a. C., L. Papirius Crassus altera seu nome de família de *Papisius* e passa a assinar como *Papirius* (LORENZO, 1975).

Nos dialetos italianos, ainda que tenha sido observado em alguns poucos casos, pode-se comprovar o rotacismo nos dialetos lígure e toscano. No francês, o rotacismo é um fenômeno particularmente frequente e caracteriza-se pela troca do /s/ pelo /r/. No espanhol, “verificou-se casos do rotacismo na Argentina, México, Colômbia, Cuba, Costa Rica, Puerto Rico e Ecuador. “Assim como Vidal de Battini cita na fala argentina de San Luis *murlo* ‘muslo’ e *marlo* ‘maslo’. [...] As formas *murlo* ‘muslo’ e *chorno* ‘chozno’ são citadas por Miguel de Toro para Colômbia e Cuba, respectivamente [...]” (LORENZO, 1975, p. 132)<sup>25</sup>.

Há ainda a constatação do rotacismo em *Os Lusíadas*<sup>26</sup>, obra escrita pelo renomado escritor português, Luís Vaz de Camões, e publicada em 1572:

<sup>25</sup> **Tradução nossa.** “Se han señalados casos de rotacismo en Argentina, Méjico, Colombia, Cuba, Costa Rica, Puerto Rico y Ecuador. Así Vidal de Battini cita en el habla argentina de San Luis *murlo* ‘muslo’ y *marlo* ‘maslo’. [...] Las formas *murlo* ‘muslo’ y *chorno* ‘chozno’ son citadas por Miguel de Toro para Colombia y Cuba, respectivamente [...]” (LORENZO, 1975, p. 132).

<sup>26</sup> A obra *Os Lusíadas* é um poema épico escrito por Luís de Camões, publicado em 1572. O tema central da é o descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Para o seu tratamento literário, Camões criou uma história mitológica onde seres sobrenaturais - os deuses - contribuem para a evolução da acção, alguns opondo-se à viagem de Vasco da Gama, outros favorecendo-a. Ao mesmo tempo, são evocadas por Vasco da Gama ao rei de Melinde as glórias da nacionalidade, numa síntese da História de Portugal. Geralmente, no início e no fim dos cantos, o poeta faz diversas considerações revelando as suas opiniões, reflexões e críticas (CENTRO VIRTUAL CAMÕES, 2016).

**Figura 1-** Rotacismo em *Os Lusíadas*.

“E não de agreste avena, ou *frauta* ruda” (canto I, verso 5)  
 “Doenças, *frechas*, e trovões ardentes” (X, 46)  
 “Era este *Ingrês* potente, e militar” (VI, 47)  
 “Nas ilhas de Maldiva nasce a *pranta*” (X, 136)  
 “*Pruma* no gorro, um pouco declinada” (II, 98)  
 “Onde o profeta jaz, que a lei *pubrica*” (VII, 34)

Fonte: BAGNO (2007, p.51)

Diacronicamente, quando as mudanças ocorrem ao longo da história, o estigma em relação a uma forma ou a uma outra é, praticamente, nulo. No entanto, na variação sincrônica a “batalha entre as variantes” é sustentada pela escolha de uma das formas podendo ser, em alguns casos, a forma estigmatizada. Diante disso e por se tratar de um fenômeno percebido na fala e na escrita do latim e das línguas românicas, como mostram os registros, é que o rotacismo tem recebido grande destaque nas pesquisas da linguagem.

## 2.2 BREVE PANORAMA DO ROTACISMO NAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresenta-se uma síntese de algumas pesquisas que tratam do fenômeno do rotacismo.

Em *Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, datado de 1920, o autor enfatiza o dialeto na zona rural da região central de São Paulo. Nessa pesquisa, o rotacismo é definido como “um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação; ou posição social, menos em contacto com o povo rude” (AMARAL, 1955, p. 82). Alguns exemplos são mencionados, dentre eles: *mer* > *mel*. Diante à palavra vício, faz-se necessário uma observação, as análises do rotacismo apresentadas neste trabalho mostram claramente que o fenômeno não é um vício e sim um processo natural de variação sincrônica, fundada em possibilidades fonéticas e fonológicas do próprio sistema da língua portuguesa.

Por meio da análise acústica, o fenômeno se revela em ataque complexo como variantes róticas aproximantes e aproximante retroflexa (COSTA, 2010). A pesquisa *Abordagem Dinâmica do Rotacismo*, resultado da análise acústica das ocorrências do rotacismo, comprovou que:

o rotacismo não se constitui na mera substituição categórica de um som lateral por um som líquido, pois observamos a presença de sons de difícil classificação auditiva que, examinados acusticamente, revelaram-se uma ‘mistura’ de rótico com lateral e que estamos chamando de róticos lateralizados (COSTA, 2013, p.185).

Luiza Fernandes Tem Tem (2010), na dissertação de mestrado intitulada *Rotacização das Líquidas nos Grupos Consonantais: Representação Fonológica e Variação*, confirmou a influência da variável escolaridade na ocorrência do fenômeno: “quanto menor a escolarização, maior a ocorrência de rotacismo” (TEM TEM, 2010, p. 98).

Ainda no ano de 2010, o rotacismo foi investigado na fala dos moradores de Dourados/MS, mais especificamente na fala de uma classe profissional: empregadas domésticas. Os dados obtidos do *corpus*, formados por 8 entrevistas, comprovaram que “o rotacismo é recorrente na fala das empregadas domésticas e que mais da metade das falantes entrevistadas tendem ao uso da variedade não padrão da língua” (SILVA; ALONSO; ONOFRE, 2010, p.1). Além disso, mais uma vez a variável escolaridade mostrou-se como fator determinante e fundamental enquanto mantenedora da modalidade padrão.

Em Minas Gerais, na cidade de Itajubá, Fonseca e Romano descrevem a ocorrência do rotacismo em contexto de encontro consonantal e em coda silábica (FONSECA; ROMANO, 2010). Em 2013, no estudo *A influência da escrita na pronúncia do português falado por japoneses*, a rotacização do fonema /l/ foi comprovada ao ocupar posição de ataque, além disso, aos termos são acrescentadas a semivogal /w/, como na palavra *Claro* > [ku'raru].

A pesquisa, *Gramática Histórica e Mudança Linguística no Português Brasileiro*, apresenta o estigma acerca do fenômeno do rotacismo. A interferência direta no fenômeno do foi comprovada em *Vamos Prantar Frores no Grobo da Terra: Estudando o Rotacismo nas Séries Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Moita Bonita/Se*. Nessa pesquisa, o foco das análises foram estudantes da rede municipal de ensino. Ao término, as autoras comprovaram que a variável escolaridade tem efeito direto na não realização da rotacização:

Nos dados da tabela 3, fica evidente o efeito da escolarização no bloqueio à variante não padrão. A forma de prestígio, a variante /l/ ocorre em 73,6% das ocorrências relativas ao 2º ano, com peso relativo de 0,19, o que restringe fortemente tal variante. Já no 5º ano, a variante /l/ ocorre em 94,9% das ocorrências, com peso relativo de 0,58, o que indica tendência à aplicação da variante de prestígio (FREITAG et al, 2010, p. 29).

Além disso, mostram ainda que a ocorrência costuma ser associada pelos professores como vícios de linguagem ou erro. Segundo Freitag et al (2010), “à medida que o grau de escolaridade aumenta a ocorrência desse fenômeno diminui” (FREITAG et al, 2010, p. 29).

No decurso dos trabalhos envolvendo o rotacismo e mesmo após tentativas de rechaço, por ser tratar de uma forma variante vista com estigma, o fenômeno está vivo na língua portuguesa e continua oportunizando aos estudiosos da linguagem uma série de possibilidades de análise. As informações aqui expostas representam apenas algumas das pesquisas que abrangem o fenômeno.

A descrição dos fenômenos de rotacismo e vocalização na fala de Assis Chateaubriand/PR foi conduzida pelo roteiro metodológico que compreende a junção dos princípios da Sociolinguística e da Dialetologia. No próximo capítulo, descreve-se a metodologia da pesquisa, considerando a definição das variáveis geográficas, sociais, o instrumento, a coleta e o tratamento dos dados.

### **3. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: UM ROTEIRO PARA A DESCRIÇÃO DOS FENÔMENOS DA VARIAÇÃO NA FALA DE ASSIS CHATEAUBRIAND**

Esta seção apresenta o caminho metodológico percorrido para a concretização das etapas da presente pesquisa.

No campo das ciências, de acordo com os objetivos e fundamentação teórica, o pesquisador decide quais as modalidades que pode aplicar à sua pesquisa. A pesquisa qualitativa vem responder à necessidade em se investigar um fenômeno nas relações sociais formadas ao longo da história. Para a pesquisa qualitativa, os fenômenos são melhor compreendidos se forem analisados no contexto em que ocorrem. Nessa perspectiva, as análises são processuais e reflexivas, todos os envolvidos fazem parte da investigação e um mesmo fenômeno pode ser observado por diferentes enfoques.

Para a pesquisa quantitativa as análises se dão por amostragem e os resultados são quantificados. Por isso, o estudo dos dados requer o uso de recursos e técnicas estatísticas. Nesta pesquisa, os dados quantificáveis foram relacionados aos dados qualitativos.

Este trabalho está amparado pela perspectiva teórica do interpretativismo, uma vez que o indivíduo é agente transformador em seu contexto social e histórico e, por meio de hipóteses, busca compreender quais ações humanas agem sobre a sociedade.

#### **3.1 PESQUISA GEOSOCIOLINGUÍSTICA E ELEIÇÃO DAS VARIÁVEIS**

A investigação da fala de Assis Chateaubriand/PR fundamentou-se na Dialetologia contemporânea, pois “se preocupa com o estudo da variação espacial aliada à variação social” (ISQUERDO, 2003, p. 79). A partir dos princípios da Dialetologia Pluridimensional, analisou-se a fala no espaço areal, atravessado por dimensões e parâmetros sociais.

A escolha da localidade e dos inquiridos ponderou o processo de povoamento, aspectos sociopolíticos e econômicos. Os falantes pesquisados foram divididos em grupos de acordo com nível de escolaridade: i) nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto, ii) Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto; faixa etária: i) 15 a 35 anos, ii) 45 a 65 anos, e sexo: i) masculino, ii) feminino. Ressalva-se que a eleição das variáveis extralinguísticas foi acordada e aceita pelo pesquisador e por sua orientadora, e esteve fundamentada na tentativa de encontrar o fenômeno do rotacismo nos diferentes grupos de falantes.

A atuação dos fatores externos na geração e motivação da fala está condicionada pela mesma “dinâmica” dos fatores internos, sendo possível, portanto, determinar a rede de relações mantida entre eles, e que orienta a produção da fala na comunidade. Os fatores internos e externos devem ser avaliados como fenômenos passivos, pois sua ação depende das circunstâncias da fala, das determinações históricas e da liberdade linguística. (COSERIU, 1988).

As pesquisas dialetológicas, tanto o modelo tradicional, quanto o contemporâneo têm registrado o fenômeno da variação, apontando para a história das línguas nos diferentes espaços e momentos de realização da fala. Os dados revelam estados de línguas que são colhidos no interior dos processos de inovação, adoção, mudança e conservação linguística (BUSSE, 2013).

Quando aliado à metodologia da Sociolinguística, o estudo dialetológico investiga a relação entre língua e fatores extralinguísticos. Conciliar os princípios metodológicos da Sociolinguística e da geolinguística,

pode oferecer pistas para a identificação dos caminhos pelos quais as inovações linguísticas se encaixam no interior dos contextos internos e externos da língua. O reconhecimento das dimensões que favorecem e/ou inibem a adoção e a difusão das novas formas ou a manutenção e preservação de formas já existentes revela também o papel de cada dimensão, que, no caso da variação, é particularizado pelos elementos da história e da cultura de cada grupo (BUSSE, 2012, p.114).

Interessa aos estudos da Sociolinguística compreender as variáveis sociais que influenciam na fala. A variação social ou diastrática refere-se à variação condicionada aos fatores sociais. A variável *escolaridade* auxilia a compreender as relevantes diferenças quanto aos usos linguísticos de uma comunidade de fala escolarizada e não-escolarizada. Acredita-se que ao ter um maior contato com a língua padrão, a comunidade escolarizada tende a “rejeitar” formas inovadoras e não-padrão.

Ao considerar a variável *faixa etária* é importante voltar-se ao que é mudança individual e o que é mudança histórica: a variável pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo ou a mudança na fala do indivíduo em relação ao seu tempo de vida. Para que se possa tratar da complexidade existente nessa variável é fundamental que outros fatores sociais sejam levados em consideração.

Duas medidas podem auxiliar na interpretação dos resultados, a primeira delas é controlar o comportamento de cada indivíduo da amostra e a segunda, é munir-se do máximo

de informações sociais possíveis a respeito dos indivíduos: relação com redes sociais, informações a respeito dos familiares mais próximos, grau de escolarização e relação com o mercado de trabalho. (MOLLICA, 2005)

A variável *sexo* é um importante fator na compreensão da variação linguística, no entanto, é necessário que as variáveis *escolaridade*, *faixa etária* e *sexo* se cruzem para que os dados sejam os mais legítimos possíveis.

Além das dimensões diastráticas, as dimensões diatópicas deram respaldo à compreensão da herança deixada na fala Chateaubriandense. Para a definição da rede de pontos, considerou-se: (i) proximidade da localidade às cidades vizinhas; (ii) grupos étnicos que povoaram a cidade; (iii) distância entre os pontos.

A rede de pontos é reveladora dos objetivos do estudo, pois a escolha não é aleatória, mas representativa dos fenômenos da variação observados em determinada área. Por meio da fixação dos pontos, poderão ser identificadas áreas inovadoras, áreas conservadoras e áreas de dispersão e de irradiação linguística. (BUSSE, 2010, p. 66)

São pelos dados obtidos nos estudos dialetológicos que se pode compreender os caminhos percorridos pela língua e de que forma os grupos étnicos contribuíram para as inovações e conservações que ocorreram no português do Brasil.

### 3.1.1 Fixação da rede de pontos da pesquisa - dimensão diatópica

A dimensão diatópica compreende a representação espacial do fenômeno da variação linguística. Mais do que a demarcação de isoglossas<sup>27</sup>, os registros areais da variação revelam a história de uma língua. A definição da rede de pontos da presente pesquisa considera os estudos desenvolvidos por Aguilera (1994), Rodrigues (2007) e Altino (2007) sobre a variação da fala rural paranaense, os quais apontam para a formação de áreas ou ilhas linguísticas marcadas por traços característicos dos movimentos de colonização e povoamento e dos processos econômicos, além de outros aspectos.

A seleção da rede de pontos representa uma tentativa de delimitação prévia das áreas de abrangência de determinados fenômenos linguísticos e que assim possam revelar, com maior nitidez, as zonas de transição entre elas (BRANDÃO, 2005).

---

<sup>27</sup> Delimitação das áreas de abrangência de um determinado fenômeno linguístico (BRANDÃO, 2005).

### 3.1.1.1 O Oeste do Paraná e sua face multicultural

O Paraná faz divisa com os estados de Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e São Paulo, sua colonização e povoamento foram marcados pela presença de imigrantes e migrantes vindos de vários estados do Brasil.

Por que os indivíduos migram? A busca, incessante pela melhoria de vida leva o homem a sair pelo mundo à procura de novas oportunidades econômicas e sociais. As pessoas migram por diversos fatores, dentre eles a atenção que uma localidade ganha na mídia. A repercussão das possíveis riquezas materiais de uma região desperta inúmeros desejos a migrantes aventureiros.

Essa busca por riquezas não se consolidou de forma diferente no Estado do Paraná. No regime republicano, o café era “a menina dos olhos” da economia brasileira, contudo, o solo paranaense destacava-se pela produção da erva-mate, plantada desde o planalto paranaense seguindo até a margem do rio Paraná, na atual cidade de Guaíra/PR.

Além da condição climática, propícia para o plantio de diferentes culturas, o solo vermelho e fértil, era garantia de produtividade e retorno financeiro: “a erva-mate passa por uma fase de expansão, sem que haja um delineamento claro do mercado futuro. Para evitar que venham ocorrer problemas devido ao excesso de oferta de erva-mate produzida, é necessário monitorar o balanço produção/ consumo e efetuar projeção para o futuro (COSTA, 1995, p. 30).

Nos anos de 1902, a erva-mate representava de 31% da economia paranaense, nessa época iniciava, a instalação de pequenas indústrias de manufaturas. Na década de 1920, a agricultura, sob o domínio de imigrantes e descendentes europeus, passava por uma excelente fase.

Nos anos que seguiram, o plano de colonização fez parte dos anseios do então presidente, Getúlio Vargas. As grandes colonizadoras abriam estradas rumo ao interior paranaense, dentre as regiões que seriam colonizadas estava o Oeste do Paraná.

O Oeste paranaense compreende o território entre os rios “Guarani, Iguçu, Paraná e Piquiri” (WACHOWICZ, 2002, p. 231). A colonização da região Oeste teve início a partir da segunda metade do século XX. Com a chegada dos imigrantes às terras brasileiras, o número de pequenas propriedades rurais e algumas organizações urbanas baseavam-se nos moldes da cultura europeia. Uma das causas pela demora no interesse em se colonizar a região Oeste, justifica-se pelos conflitos e a instabilidade fronteiriça (WACHOWICZ, 2002).

O Oeste do Paraná permaneceu até recentemente à margem da economia e da sociedade brasileiras, uma vez que, a ocupação europeia do espaço, no Brasil, se restringiu, durante séculos, a uma pequena faixa do litoral, com raras e pequenas incursões para o interior. Dessa forma, “a área mais interiorana apenas recebia atenção quando a integração e o domínio territorial brasileiro sofriam ameaças” (COLOGNESE; GREGORY; SCHALLENBERGER, 1999, p. 33-34).

Por muitos anos, a realidade na organização das terras paranaenses foi de concessão, empreendimentos multinacionais e exploração das riquezas naturais. Nesse contexto de migração e imigração, a busca pelas riquezas retiradas dos solos férteis garantiu a expansão dos territórios e a urbanização de muitas regiões do interior.

A mudança no cenário econômico brasileiro, após o término da Segunda Guerra Mundial, foi decisiva na ampliação das fronteiras agrícolas. Após o decreto 19.842 de 12 de dezembro de 1930, que instaurou medidas nacionalistas drásticas, levando muitas empresas estrangeiras à falência, as colonizadoras nacionais viram-se diante de grandes oportunidades de expansão.

Na “Marcha para o Oeste”, programa do governo que objetivava o povoamento de regiões do interior do Brasil e o desenvolvimento de pequenas propriedades agroindustriais, teve como a rodovia mais importante a BR-35 que ligava Ponta Grossa a Foz do Iguaçu, atual BR-277. O principal atrativo às correntes migratórias chegadas à região, primeiramente, compostas por europeus e descendentes de europeus, era a possibilidade de ascensão. Em seguida, pessoas vindas dos estados de Minas Gerais e São Paulo, buscavam a riqueza prometida pela terra roxa paranaense. O solo fértil foi o principal propulsor das correntes migratórias e imigratórias:

A colonização ocorrida fez com que, de forma geral, o Oeste do Paraná tivesse uma certa identidade cultural e histórica, isto é, a população da região seria muito semelhante na origem e na cultura, nos seus interesses e nas suas perspectivas [...] para resolver problemas de comercialização de seus produtos, os desbravadores do Oeste do Paraná, solidários entre si, construíram estradas, organizaram as primitivas cooperativas dos colonos e juntos comercializaram seus produtos e conquistaram os mercados consumidores (EMER, 1997, apud COLOGNESE; GREGORY; SCHALLENBERGER, 1999, p. 53).

O período da colonização, marcado por uma grande riqueza histórica, consagra a cultura dos paranaenses em um contexto multiétnico, multicultural e, conseqüentemente, multilinguístico.

### 3.1.1.2 Formação sociocultural de Assis Chateaubriand/PR

Ponderar sobre a organização da sociedade brasileira na conjuntura de colonização fornece informações preciosíssimas na compreensão da identidade do falante. Para tanto, nesta seção, uma abordagem histórica torna-se imprescindível.

No Brasil, durante muitos anos a língua portuguesa, trazida de Portugal, e as línguas indígenas conviveram lado a lado como línguas de comunicação. Contudo, o português se sobrepôs ao Tupi após a ordem de imposição dada por Marques de Pombal em 03 de maio de 1757 (TEYSSIER, 2004). Com o fim do tráfico negreiro, nos séculos seguintes, a formação linguística do Brasil teve contribuições das imigrações vindas de várias partes do mundo, dentre elas, Alemanha, Itália e Espanha.

O caminho percorrido pela língua portuguesa do Brasil, desde a colonização e povoamento até o momento presente, foi marcado por muitas interferências das imigrações que fizeram parte da constituição da sociedade brasileira. Diferentes regiões formadas por diferentes etnias, de Norte a Sul, foram muitos os imigrantes e de seus países vieram, conseqüentemente, um pouco da história, da cultura e da língua.

Considerando a multiplicidade linguística do português brasileiro e observando os fatores históricos e geográficos, “uma investigação que se propõe a identificar e descrever as diferenças de uma língua deverá atentar para as suas dimensões externas e internas e considerá-las em sua complexidade, dinamicidade e integração” (BUSSE, 2010, p.41).

O homem é agente modificador da língua e é na língua que se projeta a cultura de um povo. A fala traz consigo marcas que permitem identificar no falante a que grupo pertence, a que país ou região se origina, a que grupo social ele faz parte e em qual situação de comunicação a fala é produzida. Dessa forma, é possível notar, por exemplo, as diferenças existentes entre um falante do português de Portugal e do português do Brasil. A língua portuguesa, uma língua histórica, cultural e diassistêmica, torna sua análise, mesmo que parcial, um trabalho bastante complexo.

As correntes migratórias vindas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina eram compostas por pequenos proprietários rurais descendentes de alemães e de italianos. Não apenas o trabalho no campo, esse grupo trouxe consigo traços marcantes de sua língua e cultura.

Devido à precariedade dos meios de transportes e estradas, os grupos de migrantes que chegavam ao Paraná viviam em um relativo isolamento, fator que contribuiu para fortalecer ainda mais toda a bagagem cultural trazida de suas terras de origem. Já as décadas de 60 e 70 foram marcadas pela integração e ligação de norte a sul do estado.

A construção da Ponte Internacional da Amizade, possibilitou a proximidade entre paraguaios e brasileiros. No entanto, a aceleração no crescimento da região Oeste foi impulsionada pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na cidade de Foz do Iguaçu.

A região começa a se transformar num “formigueiro” humano. Entre 1975 e 1978, mais de 9 mil moradias foram construídas nas duas margens para abrigar os homens que atuavam na obra. Até um hospital é construído para atender os trabalhadores. À época, Foz do Iguaçu era uma cidade com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil habitantes; em dez anos, a população passa para 101.447 habitantes. (ITAIPU, 2008).

Esse marco foi o que despertou o interesse do Brasil e do mundo em apostar no sucesso do Estado do Paraná, à realidade anterior é incorporada novos componentes: sociais, históricos, culturais e econômicos.

No Oeste do Paraná situa-se Assis Chateaubriand, cidade conhecida como Morada Amiga. Na época da colonização do município o cultivo do café era predominante e o sucesso de sua colheita trazia inúmeras oportunidades para o desenvolvimento local. Após os caminhos na mata terem sido abertos, outra corrente de migrantes veio do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o Oeste paranaense e se concentrou onde é hoje a cidade de Toledo. Os migrantes sulistas cultivaram a chamada lavoura branca (milho, arroz e feijão) e criaram frangos e gados de leite (MAIOR, 1996).

A ascensão, do que se pode chamar de “Poder da Terra Roxa”, resultado da decomposição das rochas basálticas, fez com que no ano de 1970 a cidade chegasse a 112 mil habitantes. Entretanto, no final da mesma década, o município teve uma considerável redução no número da população, chegando a 33.998 (IBGE, 2013). A mecanização decorrente do acesso à tecnologia diminuiu os trabalhos braçais e liberou os colonos para atividades em indústrias nos grandes centros urbanos. A falta de qualificação colaborou para o aumento no índice de desemprego e o aparecimento das periferias.

A localização geográfica, mais ao norte da região, sua proximidade com localidades formadas por paulistas e mineiros, a princípio, forjou características linguístico-culturais diferenciadas das comunidades vizinhas. Porém, é preciso compreender que a língua se relaciona em processo dinâmico com a economia e outros movimentos sociais. Nesse sentido, com o declínio das pequenas propriedades, a população local se viu obrigada a sair da cidade para buscar novos empregos. Ou seja, esses movimentos criaram perfis diferenciados para cada grupo.

As localidades chateaubriandenses selecionadas para a rede de pontos desta pesquisa foram: Bragantina - Ponto 1; Encantado D’Oeste – Ponto 2; Engenheiro Azaury – Ponto 3;

Jardim Progresso – Ponto 4, bairro que abrigou os primeiros colonizadores, a princípio, o desenvolvimento da cidade começaria nessa localidade, o que não foi possível devido às alterações nos planos de colonização da época.

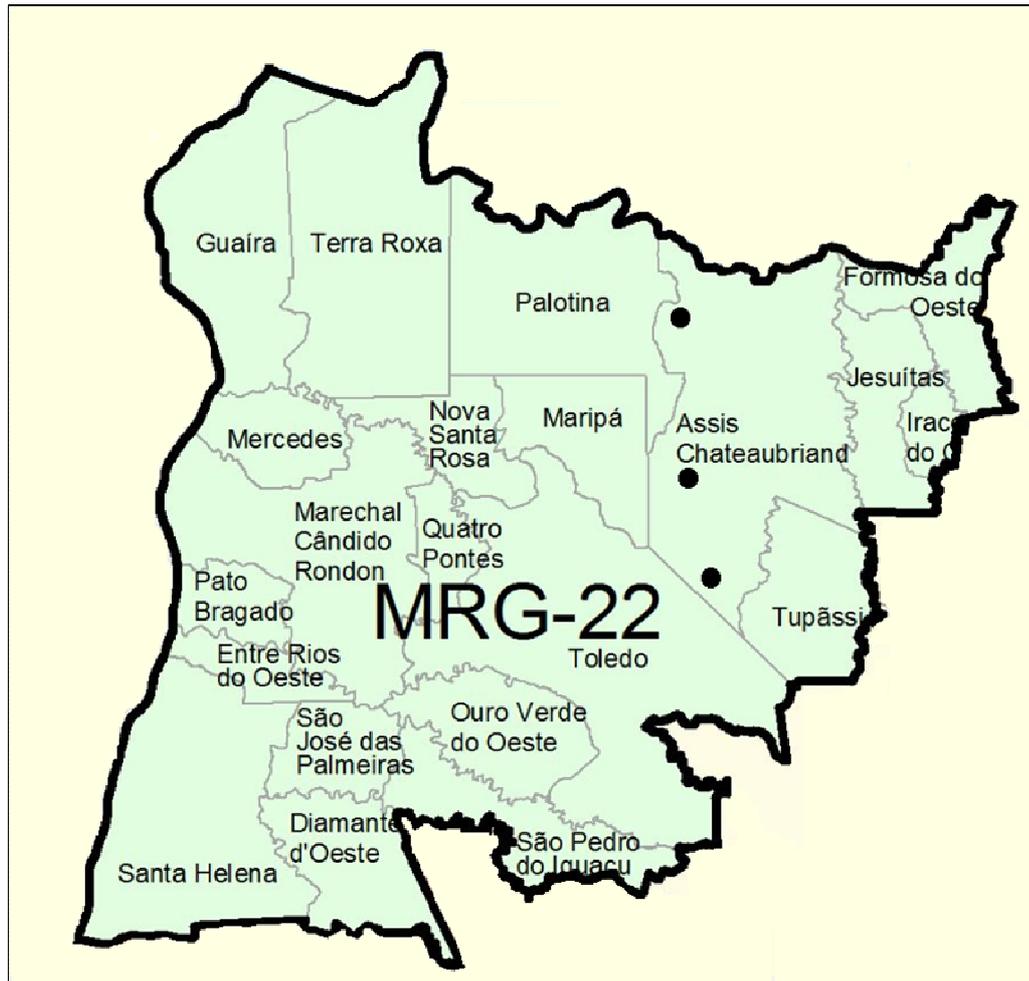
O Jardim América – Ponto 5, é habitado, em sua maioria, pelos pioneiros que contribuíram para o desenvolvimento da cidade e que ainda hoje deixam seu legado para as futuras gerações. Grande parte dos moradores desse bairro pertence à classe média e à classe alta, ademais muitos residentes foram colonizadores ou são filhos e netos dos primeiros moradores que movimentaram a economia do município.

Bragantina, distrito de Assis Chateaubriand, está a 27 km de distância do centro da cidade e a 20 km da cidade de Toledo, no início da pesquisa, acreditava-se que esta proximidade poderia influenciar na fala dos moradores.

A escolha pelo patrimônio Engenheiro Azaury foi por sua característica rural, localizado cerca de 10 km do centro comercial, é rodeado por propriedades agrícolas e abriga muitos pioneiros da cidade. O distrito Encantado D'Oeste situa-se entre Assis Chateaubriand e Palotina, e está a 18km do centro de Assis Chateaubriand, supunha-se que por estar entre duas cidades com culturas distintas houvesse características peculiares na fala dos moradores. Os falantes do ponto 1, 2 e 3 estão representados na figura 2 por formas de “pontos negros”.

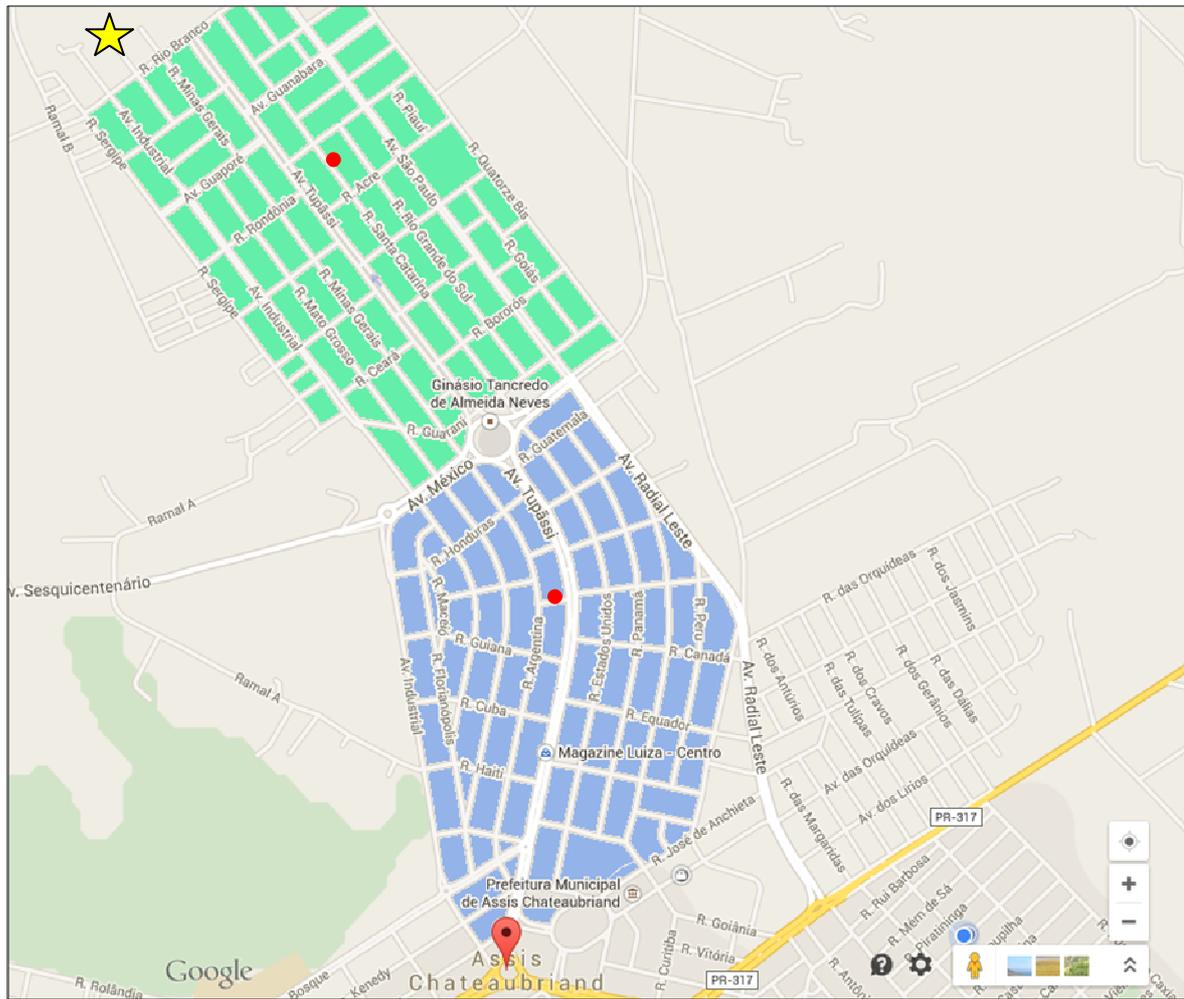
Os bairros Jardim Progresso e Jardim América apresentam realidades sociais, históricas e geográficas distintas, constatou-se que esses fatores influenciam na realidade linguística dessas comunidades. Os pontos 4 e 5 estão representados na figura 3 pelos pontos vermelhos. Já o centro da cidade é representado pela figura de uma estrela de cor amarela.

**Figura 2:** Recorte do Mapa da Região Oeste do Paraná - Pontos de Inquérito 1, 2 e 3.



Fonte: Microrregiões Geográficas (IBGE) - Paraná  
[http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg\\_conteudo=1&cod\\_conteudo=25](http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=25)

**Figura 3:** Mapa da Cidade de Assis Chateaubriand – Ponto de Inquérito 4 e 5.<sup>28</sup>



Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

### 3.2.2 Seleção dos informantes: dimensão diastrática

A inclusão de critérios para a seleção de informantes como as variáveis idade, sexo, nível de instrução, ou situação socioeconômica, é indispensável para “que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e que se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos” (BRANDÃO, 2005, p. 26).

#### 3.2.2.1 Dimensão sociocultural

<sup>28</sup> Para melhor visualização e uma localização mais precisa, optou-se por colorir de verde e azul as quadras dos bairros pertencentes aos pontos de inquérito 4 e 5, respectivamente.

A dimensão diastrática inclui os parâmetros que definem a classe social dos informantes. Dentre os fatores que caracterizam o perfil socioeconômico estão o nível de renda, a ocupação, o nível de instrução, o tipo de moradia e o bairro ou ponto de residência na localidade (BUSSE, 2010).

A definição dos parâmetros diastráticos se dá pelas questões socioculturais, ou seja, conforme a formação escolar (THUN, 2005). O nível de escolarização pode facilitar o acesso a alguns bens que favorecem a mudança linguística, como a mídia, e, ainda, levar o indivíduo a absorver algumas características sociais em função da profissão e dos contatos que estabelece durante o período que permanece na escola.

Partindo da hipótese de que a escolarização possa se colocar como variável atuante no conservadorismo e na inovação linguística, para esta pesquisa, a variável classe social foi assim definida: **EFI** nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto; **EMI** Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto.

#### 3.2.2.2 Dimensão geracional

As duas faixas etárias definidas para a seleção dos informantes buscam o registro da fala na dimensão diastrática e em *tempo aparente* (LABOV, 1994). A variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: “1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 75-76).

Levando em consideração as motivações linguística e extralinguística, foram definidas as faixas etárias: (i) **GI** (15 a 35 anos), a geração mais nova, constituída por falantes nascidos ou residentes na localidade há mais de 10 anos, filhos e netos dos colonizadores, que se inseriram ou estão por se inserirem no mercado de trabalho e se deslocam para a outras cidades com mais frequência em função do trabalho, do comércio ou dos estudos; (ii) **GII** (45 a 65 anos), a geração mais velha, ainda ativa economicamente e socialmente, formada por colonizadores oriundos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, e da região Norte do Paraná, residentes há 30 anos na localidade pesquisada.

Os critérios se justificam em função (a) do registro de traços inovadores com relação ao grupo de convivência familiar e social; (b) registro de traços conservadores com relação à fala dos grupos e locais de origem.

### 3.2.2.3 Dimensão diagenérica

Para que se pudesse constatar as possíveis diferenças entre a fala dos homens e das mulheres, a variável sexo foi eleita para compreender de que forma atua na conservação e na inovação. A fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais (TRUDGILL, 1974).

**Quadro 2 - Dimensões e Parâmetros**

DIMENSÕES		PARÂMETROS
DIATÓPICA	Topostático/topodinâmico I	(Colonizadores/GII)
	Topostático/topodinâmico II	(Jovens/GI)
DIASTRÁTICA	Sociocultural	EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto) EMC (Ensino Fundamental completo, Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo ou incompleto)
	Geracional	G I (15 a 35 anos)
		G II (45 a 65 anos)
	Sexual	Masculino
Feminino		

Fonte: Criado pelo pesquisador

**Quadro 3 - Informantes**

Células Sociais	
Homem, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 15 a 35 anos	HEFIGI
Homem, Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto, 45 a 65 anos	HEFIGII
Homem, Ensino Fundamental completo, Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo ou incompleto, 18 a 35 anos	HEMCGI
Homem, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo ou incompleto, 45 a 65 anos	HEMCGII
Mulher, Analfabeta ou Ensino Fundamental incompleto, 15 a 35 anos	MEFIGI
Mulher, Analfabeta ou Ensino Fundamental incompleto, 45 a 65 anos	MEFIGII
Mulher, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo ou incompleto, 18 a 35 anos	MEMCGI
Mulher, Ensino Fundamental completo e Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo ou incompleto, 45 a 65 anos	MEMCGII

Fonte: Criado pelo pesquisador

### 3.2.3 Instrumento de Coleta de Dados e Procedimentos de Aplicação

Para a elaboração do questionário foram utilizadas as orientações do Comitê Nacional para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). No qual, as questões buscam investigar a diversidade linguística nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical.

Além de refletir aspectos e traços linguísticos específicos da região, o questionário tem por objetivo confirmar fenômenos linguísticos observados na Região Sul e no Brasil. Para tal, utilizaram-se como referência os questionários do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS e do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Assim, o questionário está subdividido em:

#### 3.2.3.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

O questionário foi elaborado pelo pesquisador atentando às palavras relacionadas ao dia-a-dia dos falantes e às palavras de fácil compreensão.

Em relação à estrutura das palavras, as sílabas do português brasileiro são constituídas por elementos classificados de acordo com a posição que ocupam. Sem exceção, não há sílaba sem vogal, sendo assim, a vogal é o núcleo da sílaba. Já as consoantes e as semivogais são classificadas como ataque, antes da vogal, e coda, depois da vogal (HORA, 2009). O ataque, quando ocupado por duas consoantes, é qualificado como complexo. Na língua portuguesa, as líquidas junto a outras consoantes formam os denominados encontros consonantais.

O fato de termos apenas duas consoantes podendo ocupar tal posição pode ser uma das explicações para a grande produtividade de substituições de uma pela outra, principalmente, na fase de aquisição da língua. Não é incomum, ouvirmos, por exemplo, “praca” em vez de “placa” (HORA, 2009, p. 34).

Diante disso, as palavras selecionadas para o questionário apresentam contextos favoráveis para a realização do rotacismo em coda, medial e final, e em encontros consonantais.

A aplicação do Questionário Fonético-Fonológico mostra “até onde uma variante pode ser considerada puramente linguística, ou se ela se constitui uma marca regional ou sociolinguística, diminuindo, assim, uma série de dúvidas e discussões sobre a prevalência de um determinado tipo de variação sobre o outro” (ARAGÃO, 2003, p. 65).

### 3.2.3.2 Perguntas metalinguísticas/método da sugestão

Por meio das 14 perguntas metalinguísticas foi possível constatar as crenças que os falantes têm em relação à fala chateaubriandense. De maneira geral, orgulham-se por pertencer ao grupo, cuja identidade foi constituída a partir do multiculturalismo trazido pelos colonizadores.

O “Método da Sugestão” permite retomar determinadas informações e assim possibilita descrever o léxico passivo e ativo e o registro dos comentários como índices de atitudes e do comportamento linguístico dos falantes (THUN, 2005). As questões têm como objetivo verificar, portanto, o grau de consciência linguística do informante.

### 3.2.3.3 Temas para discurso semidirigido

Ao refletir sobre a coleta de dados, especificamente sobre o *paradoxo do observador*, Labov (1972) destaca como algumas técnicas de entrevistas confiáveis no sentido de registrar a fala espontânea do informante. Na parte do questionário, destinada aos temas para discursos semidirigidos, é possível registrar “elocuições mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidade que, muitas vezes, se encontra presente nas respostas às indagações do inquiridor, em outros trechos da entrevista”. Trata-se de um momento em que o informante “discorre livremente sobre determinados assuntos, destacando-se entre esses os relatos pessoais” (MOTA, 2004, p. 41).

Os 5 temas para o discurso semidirigido foram propostos para que o entrevistado, ao se envolver emocionalmente, transferisse sua atenção de *como* para *o que* estava sendo dito. E, conseqüentemente, a fala fosse a mais natural possível.

### 3.2.3.4 Análise e transcrição dos dados

Os registros fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais coletados durante a realização dos inquéritos foram transcritos seguindo as orientações metodológicas do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

A seguir, apresenta-se uma análise dos dados considerando as variáveis linguísticas e sociais para uma descrição da fala e identificação do perfil sociolinguístico dos falantes no movimento de manutenção e inovação linguística da comunidade.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS: UM PANORAMA DA FALA EM ASSIS CHATEAUBRIAND/PR

### 4.1 O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ENTREVISTADOS

Os dados apresentados referem-se ao perfil socioeconômico dos entrevistados. O questionário é composto de 40 perguntas. Contudo, para esta apresentação foram eleitas apenas 15, como demonstra o quadro 4. Importante ressaltar que as demais perguntas do questionário poderão fundamentar outros estudos, no entanto, nesta etapa do trabalho são apresentadas somente àquelas que interferem na realidade linguística dos entrevistados. Esta apreciação tem como objetivo considerar outros fatores sociais que podem influenciar na realização rotacismo e relacioná-la à análise dos dados.

**Quadro 4 – Questões socioeconômicas.**

8. Naturalidade	9. Com que Idade Chegou a esta Cidade? <sup>29</sup> (Caso não Seja Natural da Localidade)	18. Profissão
22. Assiste TV A) Todos os Dias B) Às Vezes C) Nunca	23. Programas Preferidos A) Novelas B) Esportes C) Pr. Auditório D) Filmes E) Pr. Religiosos F) Telejornal G) Outros	
24. Tipo de Transmissão A) Rede Gratuita B) Parabólica C) TV por Assinatura	25. Ouve Rádio A) Todos os Dias B) Às Vezes C) Nunca D) Parte do Dia E) O dia Inteiro F) Enquanto Viaja G) Enquanto Trabalha	
26. Programas Preferidos A) Noticiário em Geral B) Esportes C) Pr. Religiosas D) Noticiário Policial E) Música F) Pr. Com Participação do Ouvinte G) Outros		
29. Seções do Jornal que Gosta de Ler A) Editorial B) Esportes C) Notícias D) Cultural E) Política F) Página Policial G) Classificados H) Outra		
30. Lê Revista A) Às Vezes B) Semanalmente C) Mensalmente D) Raramente E) Nunca		
32. Cinema 33. Teatro 34. Shows	Frequentemente A <input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/> A <input type="checkbox"/>	Às Vezes B <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/> B <input type="checkbox"/>
	Raramente C <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/>	Nunca D <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/> D <input type="checkbox"/>
38. Que Religião ou Culto Pratica?		
42. Categoria Social do Informante A) "A" B) "B" C) "C" D) "D"		

Fonte: Criado pelo pesquisador

<sup>29</sup> Neste trabalho foram considerados apenas falantes com no mínimo 10 anos de residência no município.

Para melhor entendimento os dados serão apresentados por meio de gráficos. No que diz respeito à naturalidade, 61 % dos entrevistados nasceram em Assis Chateaubriand/PR, enquanto 39 % nasceram em outras localidades. Devido ao contexto histórico, conforme exposto na seção 3.1, muitos entrevistados chegaram ao município após a década de 70 e 80. Destes 39%, o tempo de permanência fora de Assis Chateaubriand/PR é inferior se comparado ao tempo de residência na cidade.

**Tabela 1:** Naturalidade

Naturalidade	Porcentagem (%)
Assis Chateaubriand	61
Outras Localidades	39

Fonte: Criado pelo pesquisador

No que tange à ocupação profissional, 38% dos inquiridos se dedicam à agricultura, isso porque a cidade de Assis Chateaubriand/PR é polo agrícola e está localizada em uma das áreas agrária mais ricas do Paraná. Além disso, há na região 4 grandes cooperativas que empregam inúmeros chateaubriandenses e influenciam diretamente na economia do município (IPARDES, 2016). Na tabela 2, as profissões foram divididas de acordo com as atividades econômicas e ocupações.

**Tabela 2:** Profissão

Atividades Econômicas / Ocupação	Porcentagem (%)
Agricultura	38
Serviços	29
Indústria	13
Comércio	8
Estudante	8
Aposentado	4

Fonte: Criado pelo pesquisador

A escolha pelas questões 22, 23, 24, 25 e 26 baseia-se na relevância dos meios de comunicação para a variação linguística. A mídia televisiva, além das radiofônicas, pode influenciar na escolha de uma ou mais variantes, não necessariamente a padrão, mas àquela que goza de prestígio nesse meio.

Ao difundir, discursos e personalidades tão variadas, como a de ministros e camponeses ou de crianças e adultos; a TV põe o seu espectador perante o panorama de uma língua variada e legítima essa variedade pela sua própria reprodução pública, contradizendo a exclusividade da valorização social do modelo escolar da língua oral (LOPES, 2003 p. 05).

Os dados revelam que a televisão é o meio de comunicação mais usado, 30% dos entrevistados assistem TV regularmente e 70% veem todos os dias. O rádio é o segundo meio mais utilizado, ficando à frente do jornal e da, raramente lida, revista. Dividido em tabelas, a seguir, apresenta-se um panorama da utilização dos meios de comunicação:

**Tabela 3:** Meios de Comunicação - Televisão

Assiste TV?	Porcentagem (%)
Todos os Dias	70
Às Vezes	30
Nunca	0

Fonte: Criado pelo pesquisador

Os participantes declararam que o horário de maior exposição à programação televisiva é entre 18h e 23h. Dentre as preferências estão os telejornais e as telenovelas (28%), filmes (22%), programas religiosos (19%) e esportes (3%). Os dados revelam, ainda, que o acesso à TV parabólica corresponde a 64%, já à TV por assinatura é menos frequente, atingido 26% dos lares, os outros 10% dos entrevistados possuem acesso apenas aos canais abertos.

**Tabela 4:** Meios de Comunicação - Rádio

Ouve Rádio?	Porcentagem (%)
Todos os Dias	40
Às Vezes	35

Nunca	16
O Dia Inteiro	6
Parte do Dia	3

Fonte: Criado pelo pesquisador

De acordo com relatos, a motivação em ouvir rádio está amparada na necessidade em se manter informado sobre a região e principalmente sobre a agricultura. Os dados revelam que o interesse na programação radiofônica são noticiários (40%), música (19%), programas religiosos (15%), programas policiais (7%) e, por fim, esportes (4%).

**Tabela 5:** Meios de Comunicação - Jornal

Lê Jornal?	Porcentagem (%)
Raramente	40
Nunca	35
Às Vezes	19
Semanalmente	6
Todos os Dias	0

Fonte: Criado pelo pesquisador

Apenas 25% dos participantes leem jornais impressos ao menos 1 vez no mês. Entre as seções mais lidas estão notícias 58%, esporte (16%), editorial (11%) e variedades (10%).

Entre os meios de comunicação mencionados no questionário, a revista é a que está menos presente no dia-a-dia dos entrevistados. Conforme dados, 58% não leem, 26% leem raramente e apenas 16% leem às vezes.

**Tabela 6:** Meios de Comunicação - Revista

Lê Revista?	Porcentagem (%)
Nunca	58
Raramente	26
Às Vezes	16

Fonte: Criado pelo pesquisador

Referente à diversão, os dados apontam a baixa participação a movimentos e a estabelecimentos culturais. O município não possui cinema, o mais próximo está localizado a aproximadamente 50 quilômetros, na cidade de Toledo. Em relação ao teatro, há um inoperante na cidade, a obra ficou inacabada por anos e nos últimos meses foi retomada. Os shows são mais frequentes, na maioria sem custo ou a um preço acessível à população.

**Tabela 7:** Participação em Diversão - Cinema

Vai ao Cinema?	Porcentagem (%)
Nunca	72
Raramente	19
Às Vezes	6
Frequentemente	3

Fonte: Criado pelo pesquisador

Vale ressaltar que os 72% dos entrevistados não vão ou nunca foram ao cinema, a justificativa para a falta de participação nessa diversão foi a distância e a necessidade em se “pegar estrada” para chegar até o cinema mais próximo.

**Tabela 8:** Participação em Diversão - Teatro

Vai ao Teatro?	Porcentagem (%)
Nunca	82
Raramente	15
Às Vezes	1
Frequentemente	0

Fonte: Criado pelo pesquisador

Da mesma forma, as idas ao teatro são poucas ou inexistentes, as razões são as mesmas apresentadas em relação ao cinema.

**Tabela 9:** Participação em Diversão - Show

Vai a Shows?	Porcentagem (%)
Nunca	38
Raramente	28
Às Vezes	22
Frequentemente	12

Fonte: Criado pelo pesquisador

No que concerne às participações em shows, os dados apontam uma maior presença a esses espetáculos. Anualmente, são trazidas atrações e shows gratuitos durante a festa que comemora o aniversário da cidade, a chamada ExpoAssis. Desse modo, 62% dos inquiridos ao menos uma vez no ano vão a shows.

Acerca do item religião, o catolicismo é a crença predominante.

**Tabela 10:** Religião ou Culto que Pratica

Que Religião ou Culto Pratica?	Porcentagem (%)
Catolicismo	91
Protestantismo	6
Nenhuma	3

Fonte: Criado pelo pesquisador

Por fim, a pergunta 42 contempla a categoria social do falante. Dentre as opções estão classe alta (A), classe média (B), classe baixa (C) e a classe miserável (D). A seguir, na tabela 10, apresenta-se os percentuais:

**Tabela 11:** Categoria Social do Informante

Categoria Social do Informante	Porcentagem (%)
A - Alta	0
B - Média	74
C - Baixa	26
D - Miserável	0

Fonte: Criado pelo pesquisador

Nesta seção, objetivou-se apresentar os dados referentes ao perfil dos participantes da pesquisa. Esses dados são valiosíssimos visto que revelam, ainda que parcialmente, a realidade social da comunidade chateaubriandense.

#### 4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

Nesta seção são apresentados os dados obtidos do *corpus* da cidade de Assis Chateaubriand/PR, dentre as 40 questões do questionário Fonético-fonológico, elegeu-se 20 para análise. Justifica-se a escolha devido ao contato dos entrevistados com as palavras e às realizações para cada uma delas.

##### Quadro 5 – Questões Fonético-fonológicas selecionadas para análise

Questões	Respostas
1. Como se chama a pessoa que usa farda, que vive no quartel? Quando um jovem de 18 anos se alista no exército ele vira um...	SOLDADO
2 ... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que estourem?	PÓLVORA
4. As crianças adoram, tem duas rodas, você pode sentar no banco e sair pedalando	BICICLETA
5. O que coloca na comida para dar sabor?	SAL
7. ...uma refeição que se faz, em geral, ao meio dia?	ALMOÇO
8. Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer; Só colhe quem __?]	PLANTA
9. É fabricado pela abelha...	MEL
11. A pessoa que fica no início da fila é o primeiro, quem fica no final é o...	ÚLTIMO
17. É amarelo e brilha forte durante o dia no céu....	SOL
20. É um canal de TV, as pessoas gostam de assistir às novelas e ao Jornal Nacional.	GLOBO
22. É uma peça de roupa, usada por homens e mulheres, cobre as pernas, pode ser jeans, de malha...	CALÇA
23. É uma peça de roupa, comumente usada em dias frios ou mais fresquinhos, cobre a parte dos braços.	BLUSA
24. É feito a partir da celulose, as pessoas escrevem, desenham e rabiscam nele, pode ser colorido e embrulhar presentes, é utilizado no banheiro...	PAPEL
25. Ingrediente utilizado para fazer pão de queijo, tapioca e biscoitos, à base de mandioca e é um pó muito fino...	POLVILHO
27. Quando as pessoas têm dificuldade para resolver alguma situação, elas têm um grande...	PROBLEMA
28. Corda onde as pessoas penduram as roupas para secar.	VARAL
31. É um objeto, tem forma de cone e serve para despejar líquidos em recipientes./ As pessoas utilizam para despejar o óleo dentro de garrafas.	FUNIL
35. Qual é o instrumento musical de sopro, formado de um tubo oco com furinhos? Ou Que instrumento é este/ (Imagem)	FLAUTA
38. É uma verdura, é cheia de água, é verde, pode ser crespa, tem no X-Salada...	ALFACE
40. Quando uma pessoa termina a faculdade ela se forma e recebe um...	DIPLOMA

Fonte: Criado pelo pesquisador

Durante as entrevistas e na análise, percebeu-se que o fenômeno do rotacismo é nulo em coda silábica final. A nulidade é justificada pela transformação do fonema /l/ na semivogal /w/, fenômeno classificado como vocalização. Por esse motivo, as questões em que houve a vocalização em coda silábica final não serão apresentadas, uma vez que o objeto de estudo desta pesquisa é o fenômeno do rotacismo. Para melhor visualização, no quadro abaixo, as palavras selecionadas foram divididas em cores que condizem à posição silábica das líquidas.

**Quadro 6** – Posição Silábica das Consoantes Líquidas

Grupo Consonantal (CCV)	Coda Silábica Medial (CVC)	Coda Silábica Final (CVC)
BICICLETA	SOLDADO	SAL
PLANTA	PÓLVORA	MEL
FLECHA	ALMOÇO	SOL
GLOBO	ÚLTIMO	PAPEL
BLUSA	CALÇA	VARAL
PROBLEMA	POLVILHO	FUNIL
DIPLOMA	ALFACE	

Fonte: Criado pelo pesquisador

As cartas linguísticas e os gráficos abaixo foram gerados a partir das questões: 4. *As crianças adoram, tem duas rodas, você pode sentar no banco e sair pedalando – BICICLETA*; 8. *Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer; Só colhe quem \_\_?]* - *PLANTA*; 12. *(Imagem) Olhe este desenho, o que é?* – *FLECHA*; 20. *É um canal de TV, as pessoas gostam de assistir às novelas e ao Jornal Nacional – GLOBO*; 23. *É uma peça de roupa, comumente usada em dias frios ou mais fresquinhos, cobre a parte dos braços - BLUSA*; 27. *Quando as pessoas têm dificuldade para resolver alguma situação, elas têm um grande... – PROBLEMA*; 40. *Quando uma pessoa termina a faculdade ela se forma e recebe um... – DIPLOMA*.

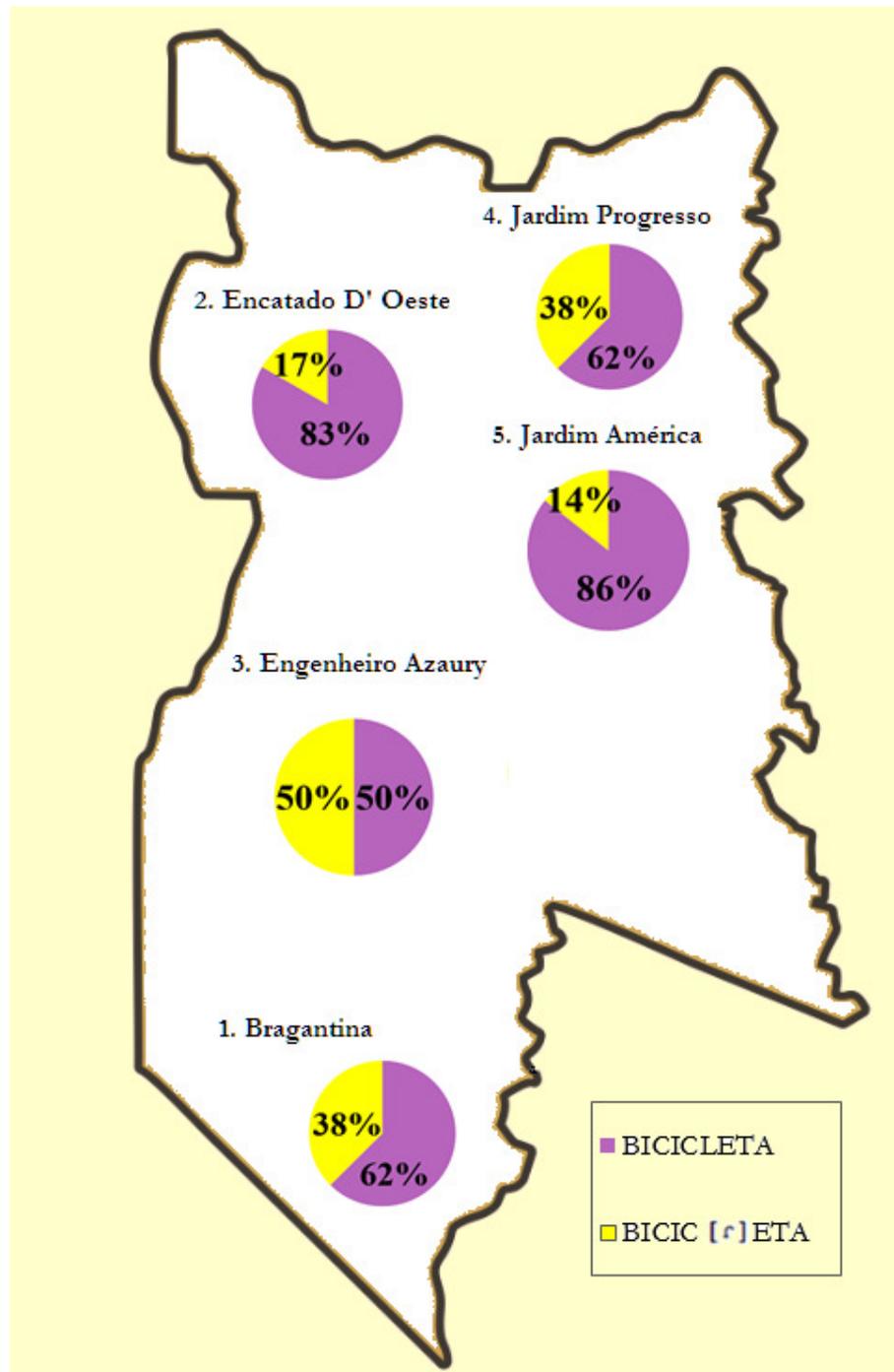
Os entrevistados foram divididos de acordo com o sexo, a faixa etária e pontos de inquérito. Foram analisados os dados obtidos nos contextos socioculturais na comunidade de fala de Bragantina, ponto 1; Distrito Encantado D'Oeste, ponto 2; Distrito Engenheiro Azaury, ponto 3; Jardim Progresso, ponto 4 e por fim, no Jardim América, ponto 5.

Durante as entrevistas, logo após a leitura das questões, foram apresentadas aos informantes algumas gravuras que remetessem aos objetos em questão com o objetivo de facilitar nas respostas às perguntas. Nesta pesquisa, para a transcrição das realizações dos fonemas, utilizaram-se os grafemas e não os símbolos fonéticos, exceto para as posições silábicas que dão fundamentação às análises.

#### 4.2.1 O Uso Fonético-Fonológico das Líquidas em Grupos Consonantais (CCV)

A carta linguística 01 e os gráficos 1, 2 e 3 foram organizados a partir das respostas obtidas da pergunta 04 do questionário fonético- fonológico: “*As crianças adoram, tem duas rodas, você pode sentar no banco e sair pedalando*”.

**Figura 4 - Carta Linguística 1 - Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA**



Fonte: Criado pelo pesquisador

A carta linguística 01 demonstra a existência das variantes *bicicleta* e *bicicreta* no município de Assis Chateaubriand/PR, destaca-se a rotacização nos cinco pontos de inquérito, entretanto, a realização ocorre com menor frequência em dois pontos, 2 e 5.

No que diz respeito à posição na sílaba, em posição de ataque ramificado a realização de uma vibrante seria motivada pelo fato de que esse segmento propicia uma melhor estrutura

silábica (COSTA, 2007). Além disso, as líquidas são as únicas que podem assumir a posição do segundo elemento no ataque complexo.

Acredita-se que além das influências internas à língua, as dimensões diatópicas e diastráticas foram fundamentais para a constatação do fenômeno. Quanto à distribuição diatópica, o ponto 2 está localizado próximo à Palotina, cidade colonizada por italianos e migrantes sulistas, essa característica pode justificar a baixa rotacização em grupos consonantais. Além disso, os inquiridos indicaram um contato maior com a cidade de Palotina, resultado da maior quantidade de opções para compras em mercados, lojas e farmácias. Outro aspecto que merece destaque, dentre os participantes desta pesquisa, no ponto 2, 2 deles, que ainda estão inseridos no mundo do trabalho e que não possuem sua própria empresa, trabalham na cidade de Palotina e o contato é diário com outras variantes da língua.

“Quando precisamos fazê compra vamô ali em Palotina, às vezes, as coisas são mais baratas e tem mais opções. Em Assis, têm os nossos parentes, vamos lá passear, também” (INF15, MEMCGI)

O ponto 05, possui características particulares em relação aos demais pontos. O Jardim América é habitado em sua maioria por colonizadores ou filhos de colonizadores, essas pessoas moram neste bairro há muitos anos e estão na mesma residência há todo esse tempo, característica comum a todos os inquiridos do ponto em questão. Nesse ponto estão os entrevistados que com maior frequência saem da cidade para shows e que leem revistas e jornais com constância.

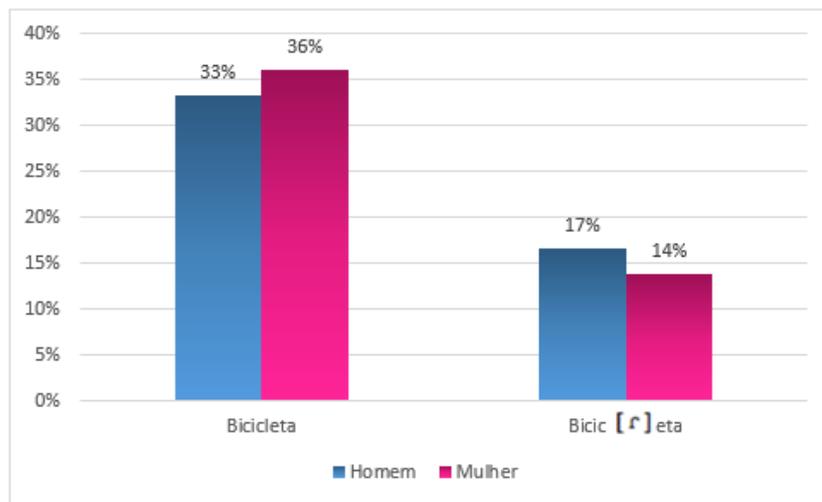
Infere-se, a partir da análise dessa carta, que dentro da cidade de Assis Chateaubriand o rotacismo ocorre em uma quantidade considerável, exceto no ponto 5. O ponto 3 é residido, em grande parte, por nordestinos ou filhos de nordestinos que após a colonização decidiram manter residência no município.

O ponto 4, Jardim Progresso, está localizado na região mais ao norte do município, próximo à saída para Umuarama, trata-se de um bairro colonizado, em sua maioria, por pessoas que buscavam melhoria na condição de vida, no entanto, devido aos fatores históricos e econômico, viram-se impedidas de retornar aos seus lugares de origem, dentre eles, da região nordeste Bahia, Ceará e Pernambuco, da região Sudeste São Paulo e do norte do Paraná.

O fenômeno do rotacismo no falar nordestino é uma característica geral entre os falantes. Desde a colonização, presente na fala dos portugueses e dos indígenas, a troca do r pelo l é recorrente e comum. O matuto do nordeste não pronuncia o l medial e final, o

primeiro sofre a rotacização e o segundo é apagado (MARROQUIM, 1996). Uma vez que o rotacismo faz parte da fala dos nordestinos, o que também pôde ser comprovado por meio das análises das entrevistas, compreende-se que o número de ocorrências no ponto 4 é justificado pelo convívio entre os falantes que tem como característica a herança da fala nordestina.

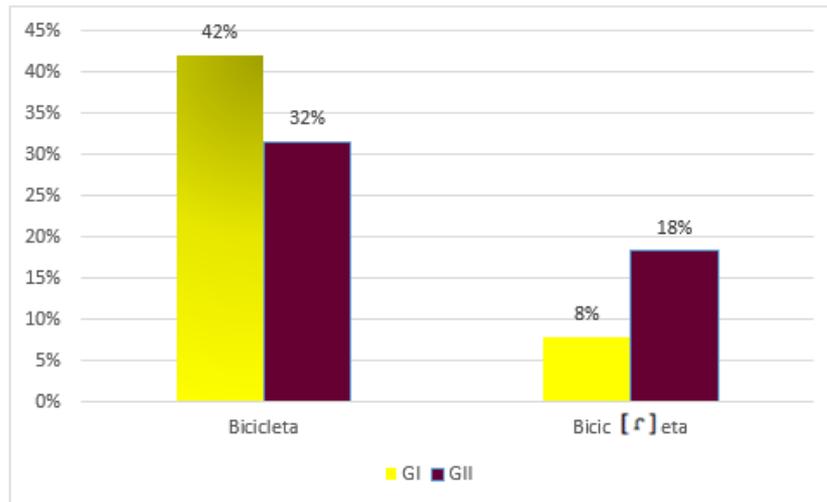
Referente às variáveis diastráticas, o gráfico 1 ilustra os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com homens e mulheres dos cinco pontos de inquérito.



**Gráfico 1** – Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA – SEXO

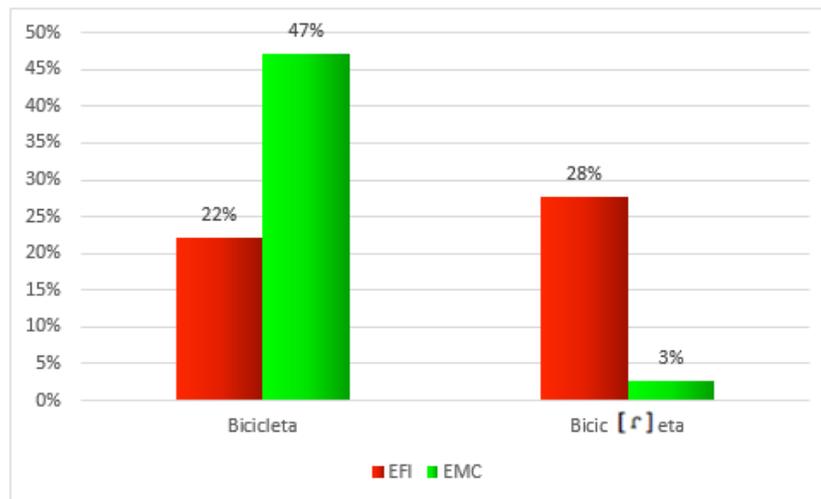
Ao se tratar da palavra *bicicleta*, é possível observar a realização das variantes *bicicleta* e *bicicreta*, não havendo diferenças significativas na fala do homem se comparada à fala da mulher.

Na variação diageracional, conforme revela o gráfico 2, a rotacização, ainda que em menor frequência, pode ser observada na geração mais jovem (15 a 35 anos). Contudo, a variante *bicicleta* é a mais registrada nas gerações I e II, sinalizando a coexistência das variantes. O aparecimento do rotacismo nas duas gerações (GI e GII) comprova o fenômeno desde a colonização até os dias atuais, são 50 anos que as variantes têm existido lado-a-lado caminhando para uma possível mudança seja para *bicicleta*, seja para *bicicreta*.



**Gráfico 2** – Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA – GI/GII

A variável escolaridade pode ser observada como variável favorável para a realização de uma ou outra variante. No gráfico 3 é possível notar que os falantes com maior escolaridade atuam na não realização do fenômeno, uma vez que a realização do rotacismo é quase nula nessa categoria. O contato com a norma padrão, sustentada no meio escolar, é o grande motivador para a não realização do rotacismo na fala dos mais escolarizados.



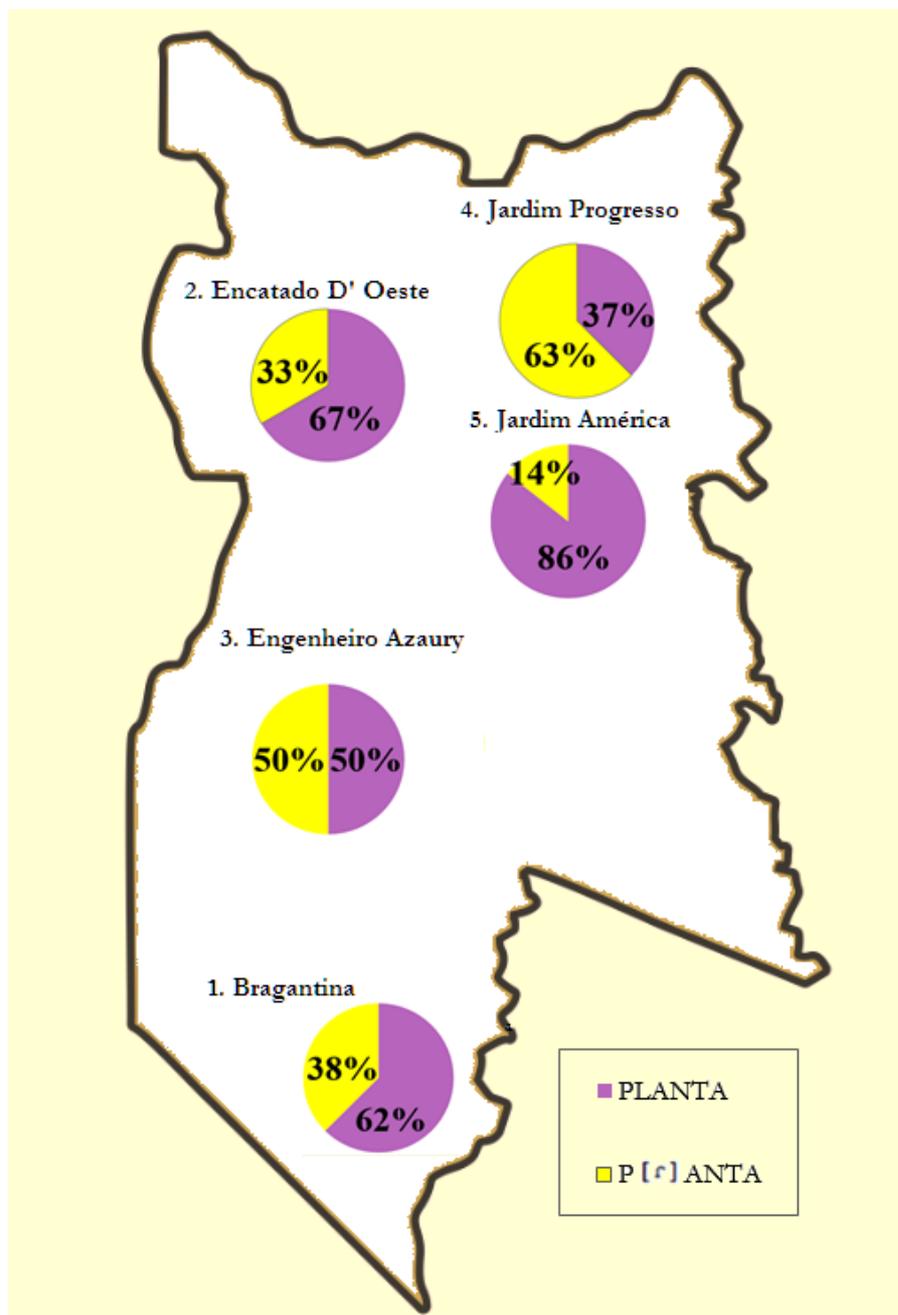
**Gráfico 3** – Grupo Consonantal (CCV) – BICICLETA – EFI/EMC

A carta linguística 02 e os gráficos 4, 5 e 6 foram gerados com base na pergunta 8, *para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer; Só colhe quem \_\_\_?]*. As variantes ditas pelos inquiridos como respostas foram *planta* e *pranta*.

Conforme os dados apresentados na carta linguística 2, observa-se a preservação da variante *prantar*, utilizada com mais frequência pela geração mais velha (45 a 65 anos), nos pontos 4 e 3. Já o ponto 5 oferece dados que ressaltam a não rotacização em grupo consonantal, a justificativa se respalda na formação cultural na época da colonização desse grupo de fala, no qual há a presença marcante de portugueses e japoneses.

Destaca-se a rotacização no ponto 04, no qual a variante *pranta* foi identificada na fala de 63% dos entrevistados, mais uma vez, chama-se a atenção para os fatores históricos.

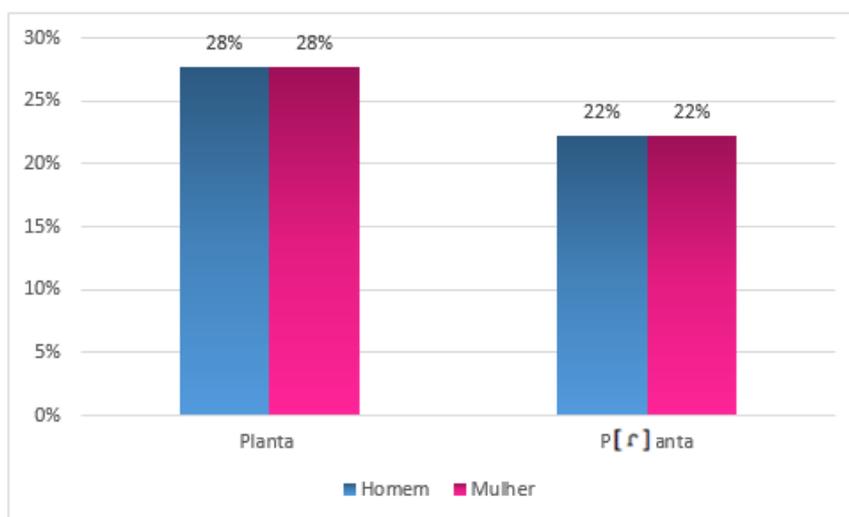
**Figura 5 - Carta Linguística 2 - Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA**



Fonte: Criado pelo pesquisador

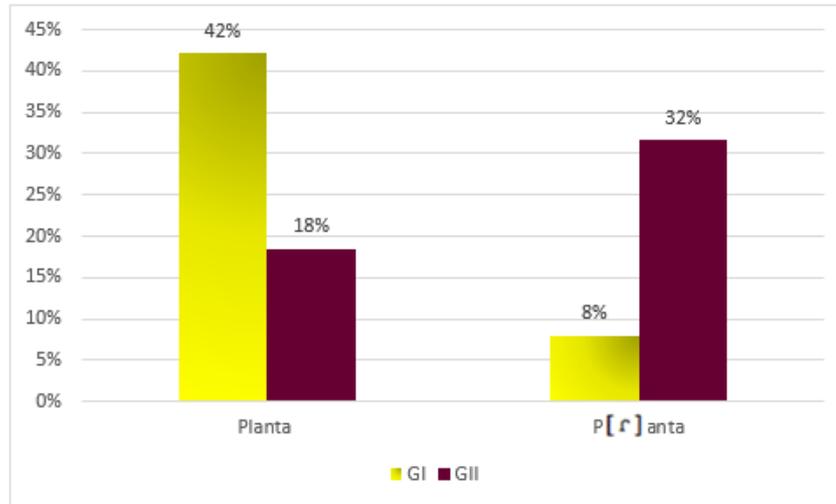
A cidade de Assis Chateaubriand é movida economicamente pela agricultura, nesse contexto, a palavra *plantar* faz parte do dia-a-dia dos inquiridos. Ao longo das entrevistas, tanto no questionário fonético-fonológico quanto no questionário metalinguístico, a variante *prantar* foi repetida inúmeras vezes. Diariamente e numerosas vezes, os entrevistados pronunciam a palavra *planta* e suas derivações, no entanto, pode-se observar que na pronúncia da palavra, nos diversos contextos de fala, ocorre a rotacização. Presume-se que o contexto silábico e a falta de contato com a forma escrita favoreçam o fenômeno, outrossim, a expressiva ocorrência na fala da GII (45 a 65 anos) pode ser visto como um legado deixado na fala dos mais jovens, mesmo que seja pouco frequente na fala dos mais escolarizados.

No gráfico 4 nota-se um equilíbrio no uso das variantes entre homens e mulheres. Entretanto, faz-se necessário frisar a notória presença da variante *pranta* na fala dos entrevistados.



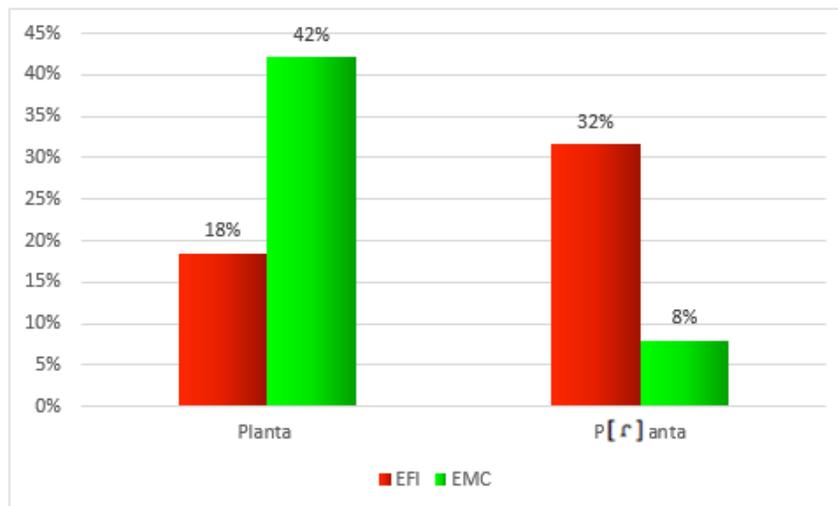
**Gráfico 4 – Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA – SEXO**

Na dimensão diageracional, gráfico 5, constata-se a preservação da forma *prantar* na geração II (45 a 65 anos), no entanto, há registro da variante na fala dos mais jovens. Um dos motivos para não realização do fenômeno está associado à escolarização, pois a maioria dos entrevistados ainda estuda ou está em constante contato com o meio escolar. Diante disso, pode-se inferir que, por existir nas duas gerações, a variante apresenta indícios de estabilidade (Labov, 2002).



**Gráfico 5 – Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA – GI/GII**

Um dos fatores que atua na preservação da variante de prestígio é a *escolaridade*. O gráfico 6, aponta para a variante *planta* como sendo a utilizada pelos falantes mais escolarizados, enquanto 32% das realizações dos falantes com baixa escolaridade correspondem à variante *pranta*. Desses informantes, o contato com a escrita e leitura é nulo, as informações a respeito de fatos e da atualidade são obtidas pelo meio televisivo.

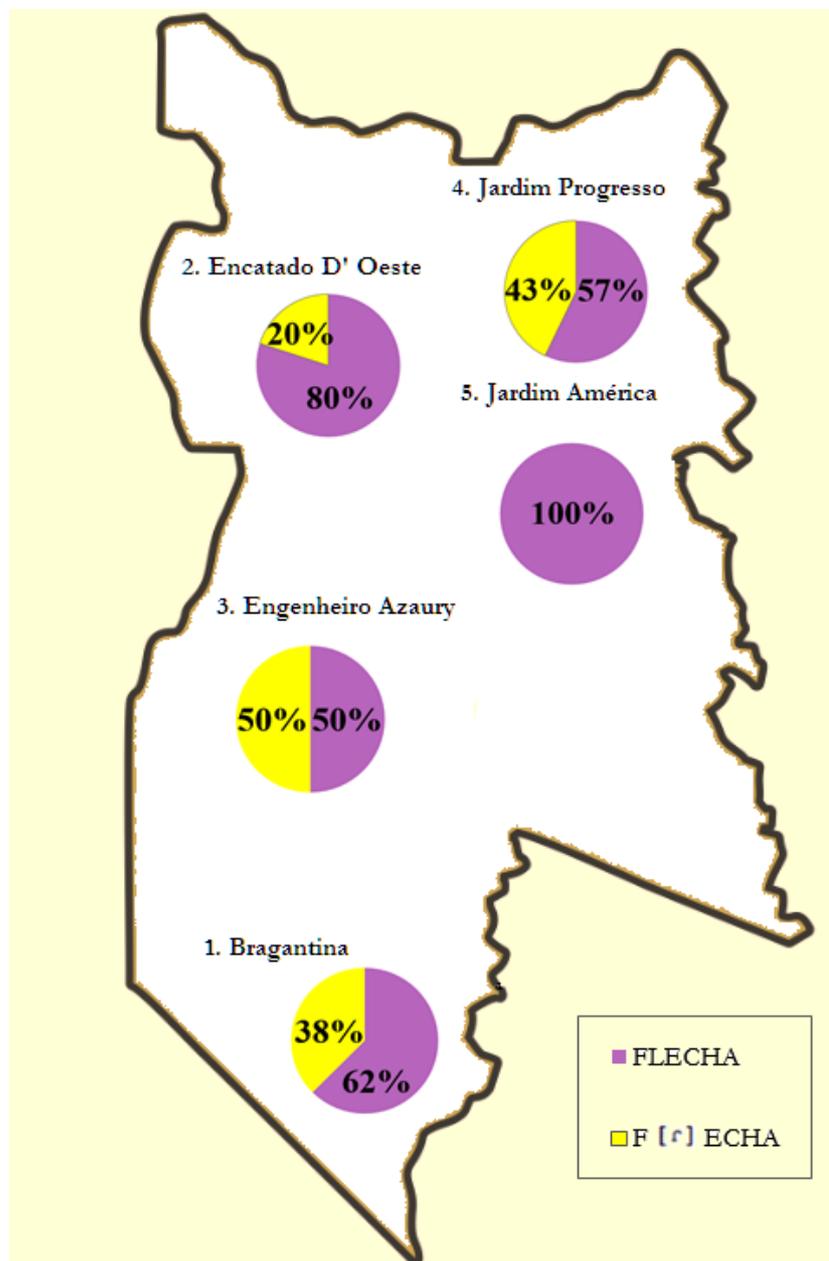


**Gráfico 6 – Grupo Consonantal (CCV) – PLANTA – EFI/EMC**

A próxima carta linguística, carta 3, refere-se às realizações da palavra *flecha*. Nesta questão, para auxiliar na resposta, uma imagem foi apresentada aos entrevistados: *olhe este desenho, o que é?* Mais uma vez, em encontro consonantal, constata-se o fenômeno do rotacismo, exceto no ponto 5.

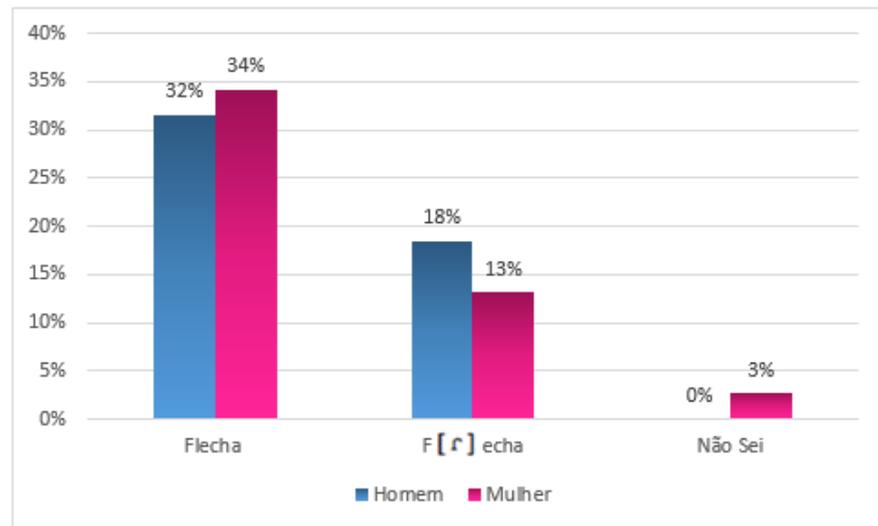
Os registros mostram a preferência pela variante *flecha* e um possível abandono da forma *frecha*, como destaca o ponto 2 e 5. Uma possível justificativa, interna à língua, trata-se da posição da fricativa [f]. Conforme destaca Costa (2006), em ataque absoluto, o número de palavras é bastante inferior se comparado às outras realizações, exemplo disso são as 2.642 palavras com a oclusiva [p] na posição de ataque absoluto contra as 889 com a fricativa [f]. Além disso, as fricativas podem favorecer a manutenção do [l] por se tratarem de sons contínuos.

**Figura 6 - Carta Linguística 3 - Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA**



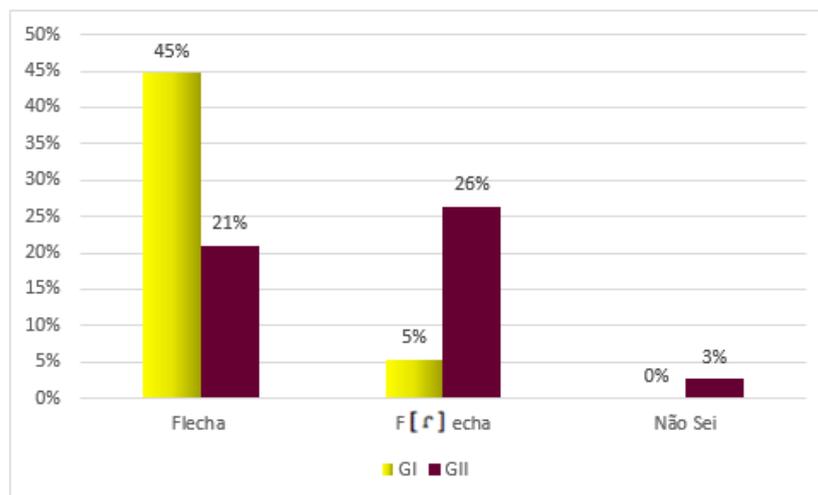
Fonte: Criado pelo pesquisador

No que concerne à variável sexo, não houve evidências significativas que diferenciem a fala de homens e mulheres, embora o maior número de ocorrências do rotacismo tenha sido constatado na fala masculina.



**Gráfico 7 – Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA– SEXO**

Os dados registrados no gráfico 8, destacam a realização do fenômeno nas duas gerações, ainda que seja mais frequente na geração II (45 a 65 anos). Os dados apontam um equilíbrio no uso das variantes na geração II (45 a 65 anos), já na geração I (15 a 35 anos) é quase unânime a variante *flecha*. Destaca-se, neste caso, um possível desaparecimento da variante *frecha* na fala dos mais jovens, podendo ser justificado pelas redes de contatos em que estão inseridos.



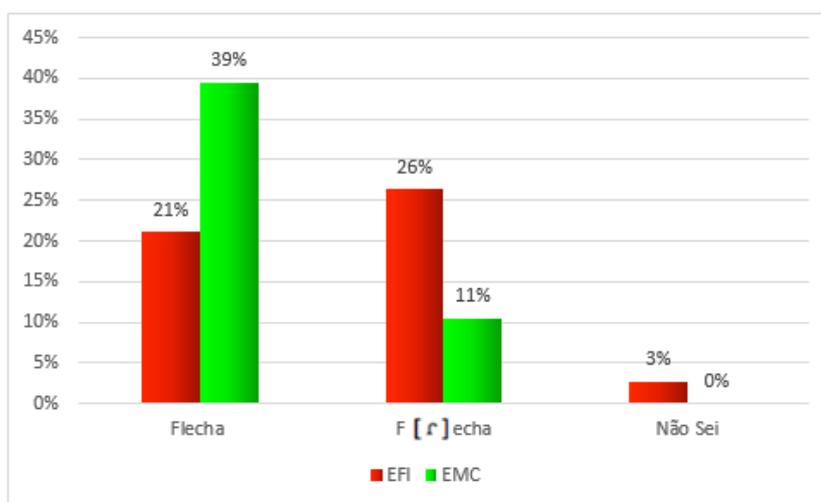
**Gráfico 8 – Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA – GI/GII**

Na dimensão diastrática, a variável escolaridade, coloca-se como um fator decisivo na realização do rotacismo. Ao se observar as proporções registradas no gráfico 9, constata-se que há rotacização na fala dos participantes com menos escolaridade, apesar disso, enfatiza-se a presença do rotacismo na fala dos entrevistados com mais escolaridade. Ao longo das entrevistas, foi possível perceber que não há estigma em relação ao rotacismo ou a qualquer outro fenômeno. Essa afirmação se sustenta nos resultados das perguntas metalinguísticas.

### Recorte A: (INF32 - MEMCGII)

**INQ:** Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?

**INF32:** Ah, prof. Não tem assim, melhô, tem diferente. Num acho certo falar pior ou melhô, cada um fala de um jeito, o jeito que aprendeu, aqui no Assis as pessoas fala do jeito que aprenderam com os pais e depois falam assim com os filho, com os vizinho, com as amiga e todo mundo entende.

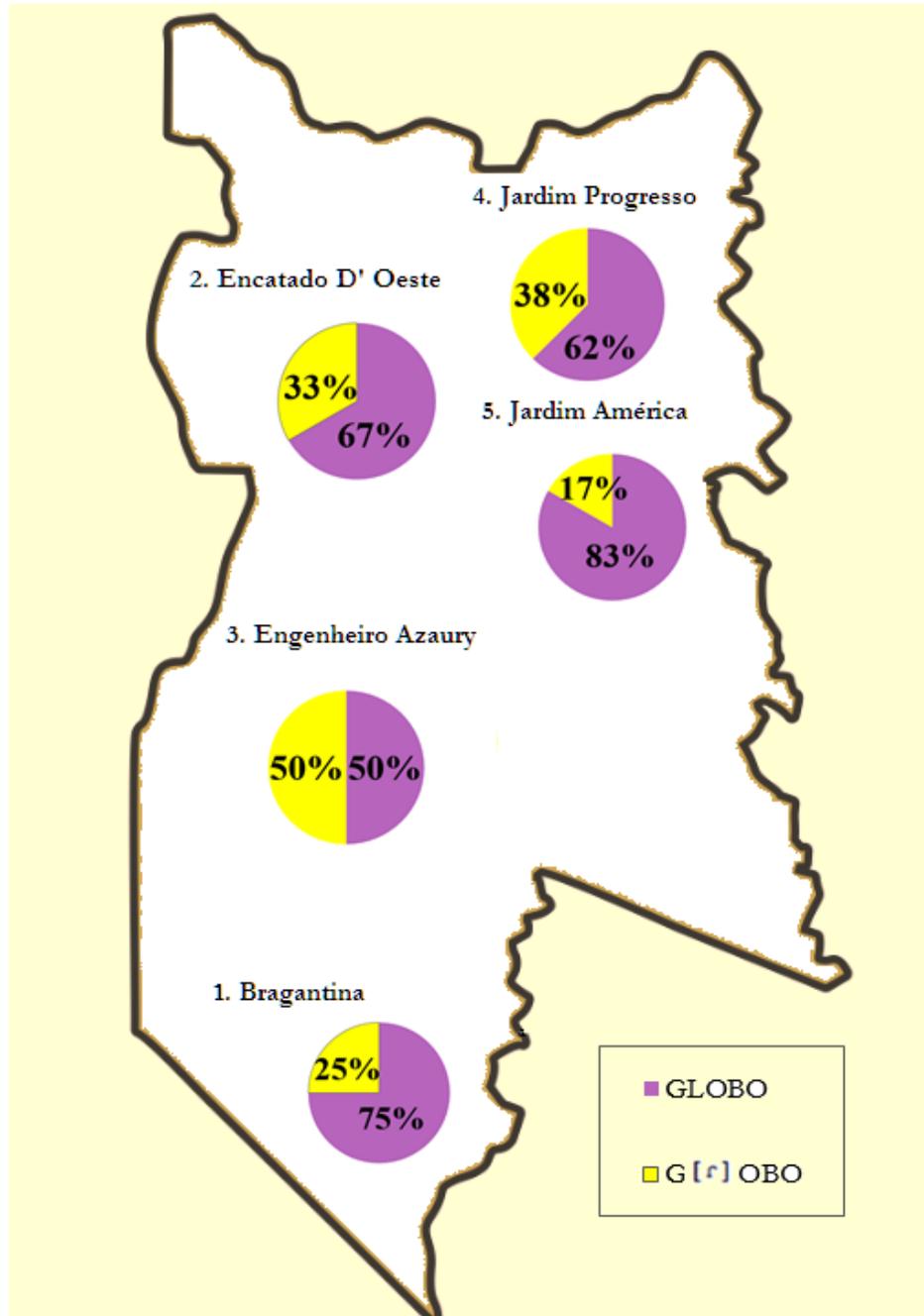


**Gráfico 9** – Grupo Consonantal (CCV) – FLECHA – EFI/EMC

Na carta 4 são apresentadas as variantes *globo* e *grobo*, motivadas a partir da pergunta: *é um canal de TV, as pessoas gostam de assistir às novelas e ao Jornal Nacional*. De modo geral, as ocorrências do rotacismo se deram em menor proporção. Em relação às demais questões analisadas até esta seção, verifica-se uma regularidade nos percentuais de registros nos pontos 3 e 4. Quanto aos outros pontos de inquérito, averigua-se a variante *globo* sobrepondo-se em relação à variante *grobo*.

A palavra *globo* é utilizada frequentemente no meio televisivo, em jornais, novelas, programas de humor, dentre outros, sendo, assim, pode-se afirmar que os falantes elegem essa variante pelo constante contato na fala e na escrita<sup>30</sup>.

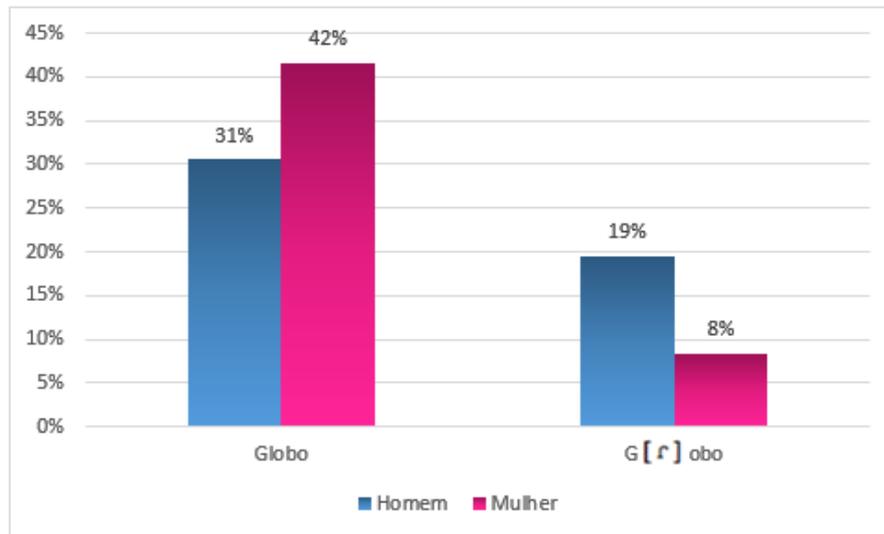
**Figura 7 - Carta Linguística 4 - Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO**



Fonte: Criado pelo pesquisador

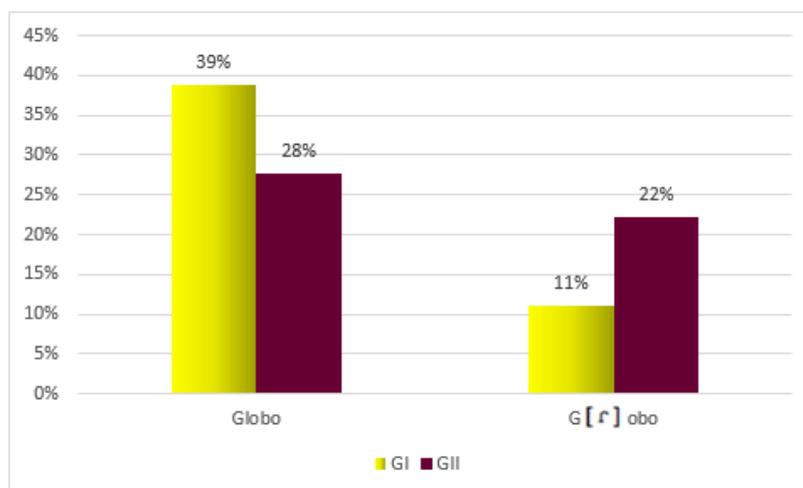
<sup>30</sup> A forma escrita é apresentada aos telespectadores ao término dos programas e ao longo dos intervalos comerciais.

O gráfico 10 apresenta os dados gerados a partir da fala dos homens e das mulheres. Observa-se que o rotacismo ocorre mais frequentemente na fala dos homens, possivelmente seja porque as mulheres elegem a forma de prestígio, a forma que goza de maior aceitação.



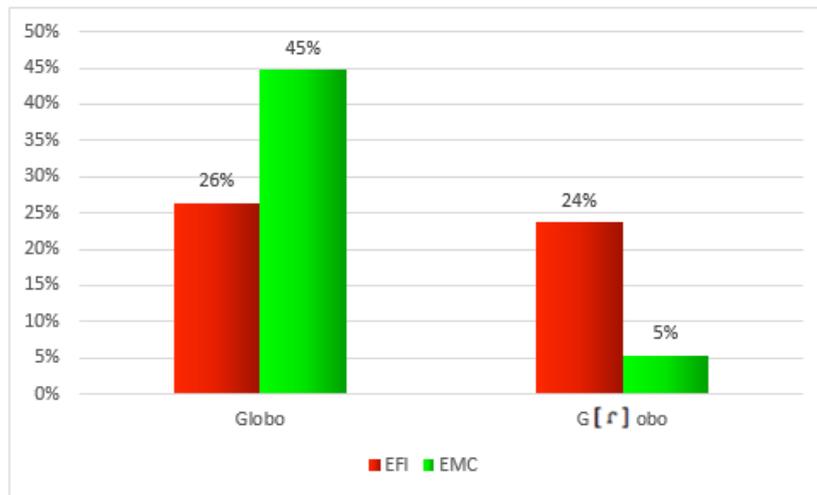
**Gráfico 10** – Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO – SEXO

Mais uma vez, a rotacização é registrada nas duas gerações, GI e GII. Na geração II (45 a 65 anos), conforme mostra o gráfico 11, há uma estabilidade na existência das duas variantes, embora, acredita-se que a realização do fenômeno em menor quantidade aponte para o desaparecimento da variante *grobo*.



**Gráfico 11** – Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO – GI/GII

A seguir, o gráfico 12, assinala a escolarização atuando no controle do rotacismo.



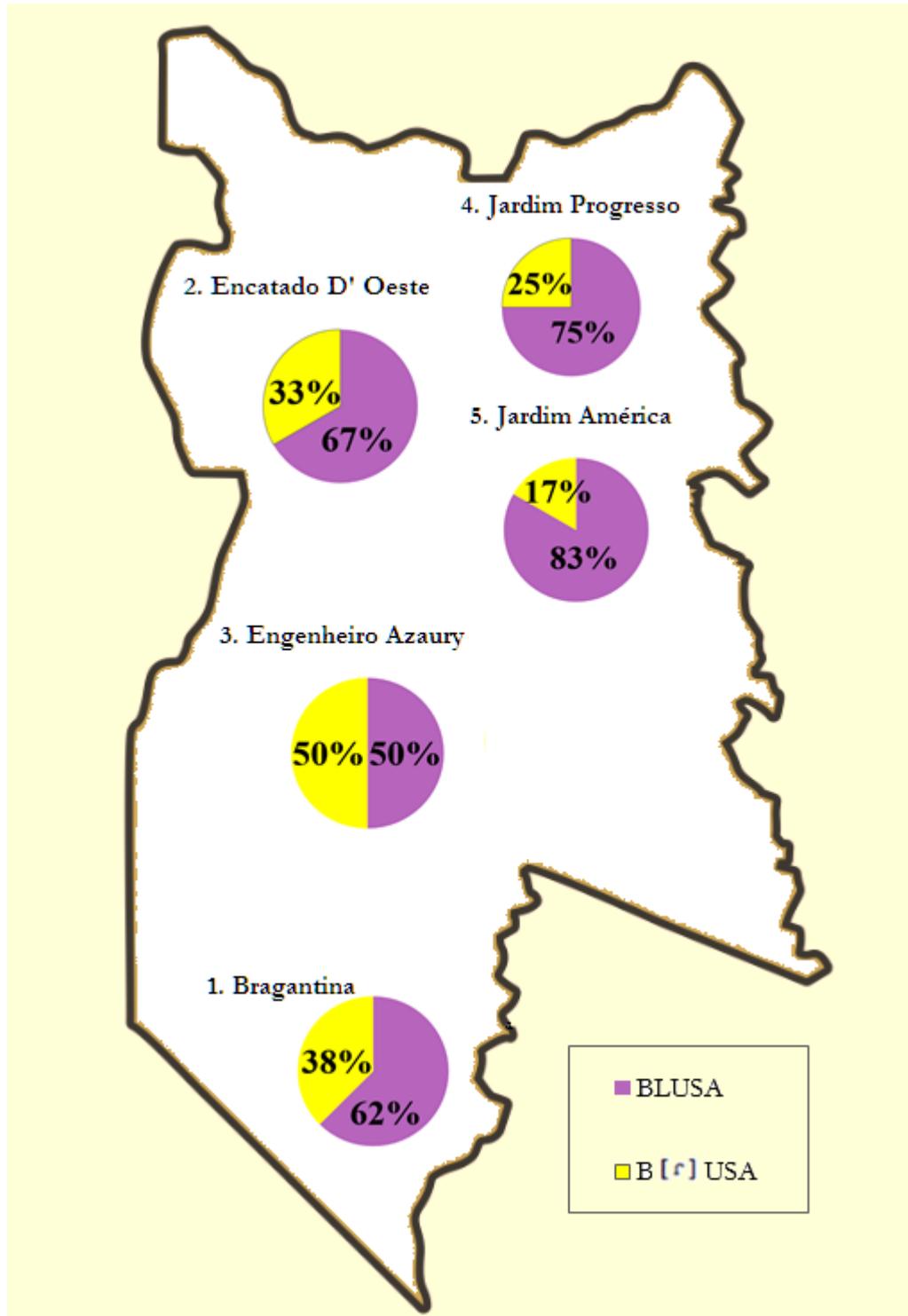
**Gráfico 12** – Grupo Consonantal (CCV) – GLOBO – EFI/EMC

A carta linguística 5 corresponde às variantes para a palavra *blusa*. A pergunta que motivou as respostas foi: *é uma peça de roupa, comumente usada em dias frios ou mais fresquinhos, cobre a parte dos braços*. Percebe-se a redução da rotacização no ponto 4, nos demais pontos a variante *blusa* é predominante.

Nesta carta o ponto 04 chama a atenção para a baixa rotacização, o que não havia ocorrido nas cartas anteriores. Do ponto de vista articulatório a oclusiva e o tepe são próximos, justamente porque na articulação de ambas as letras a saída do ar encontra uma obstrução, afirmação que não pôde ser provada pelos dados obtidos no ponto 4. Contudo, de modo geral, ao ocuparem a posição de ataque absoluto, as oclusivas favoreceram a realização do rotacismo.

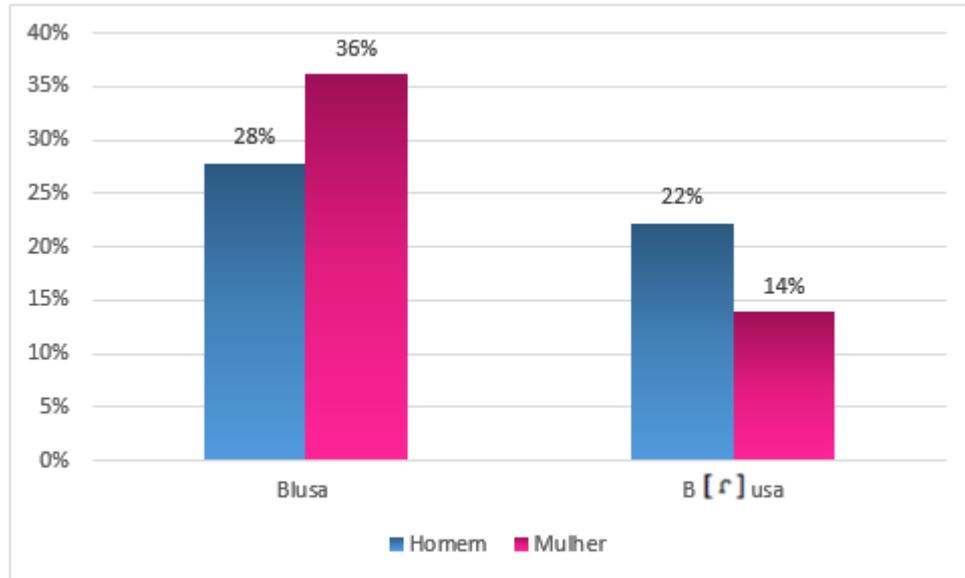
O ponto 05, foi o ponto que apresentou a menor frequência do rotacismo, sendo possível comprovar apenas ao se analisar a variável externa, escolaridade. Os falantes com menos contato com a sala de aula, com a forma escrita e com a leitura desconhecem ou têm dúvidas em relação a pronúncia e escrita correta das palavras eleitas para esta pesquisa.

**Figura 8 - Carta Linguística 5 - Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA**



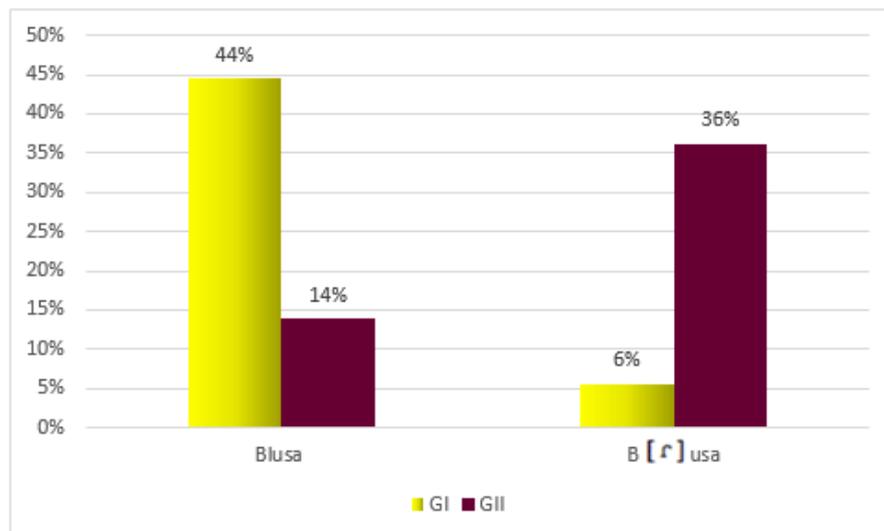
Fonte: Criado pelo pesquisador

De acordo com o gráfico 13, a rotacização é mais comum à fala dos homens, já as mulheres recorrem ao rotacismo com menor frequência.



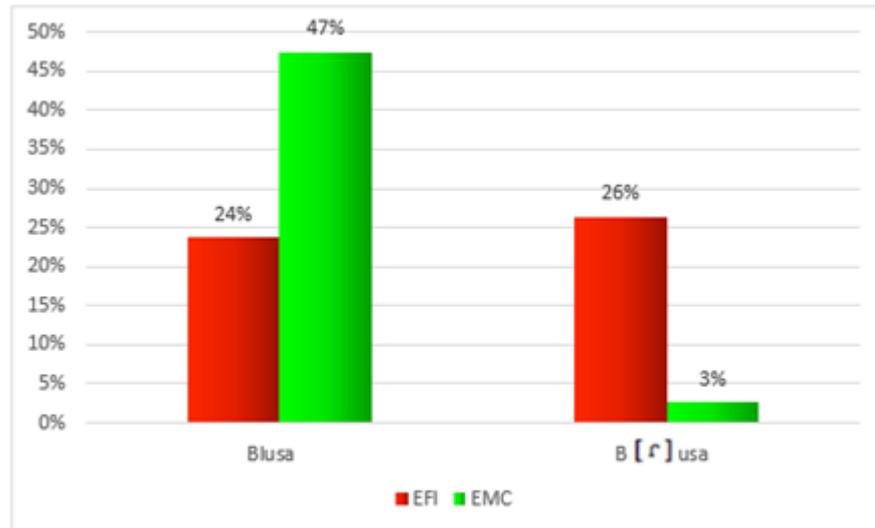
**Gráfico 13** – Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA – SEXO

A variável faixa-etária demonstra que o rotacismo é maior na geração II (45 a 65 anos), desse modo, constata-se a manutenção do fenômeno por esse grupo. O baixo registro na geração I (15 a 35 anos) pode apontar para um possível desaparecimento da variante *brusa*.



**Gráfico 14** – Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA – GI/GII

No gráfico 15, a variável escolaridade é determinante na escolha por uma ou outra variante, nesse caso, a variante *blusa* é registrada em quantidade maior na fala dos inquiridos com baixa escolaridade.



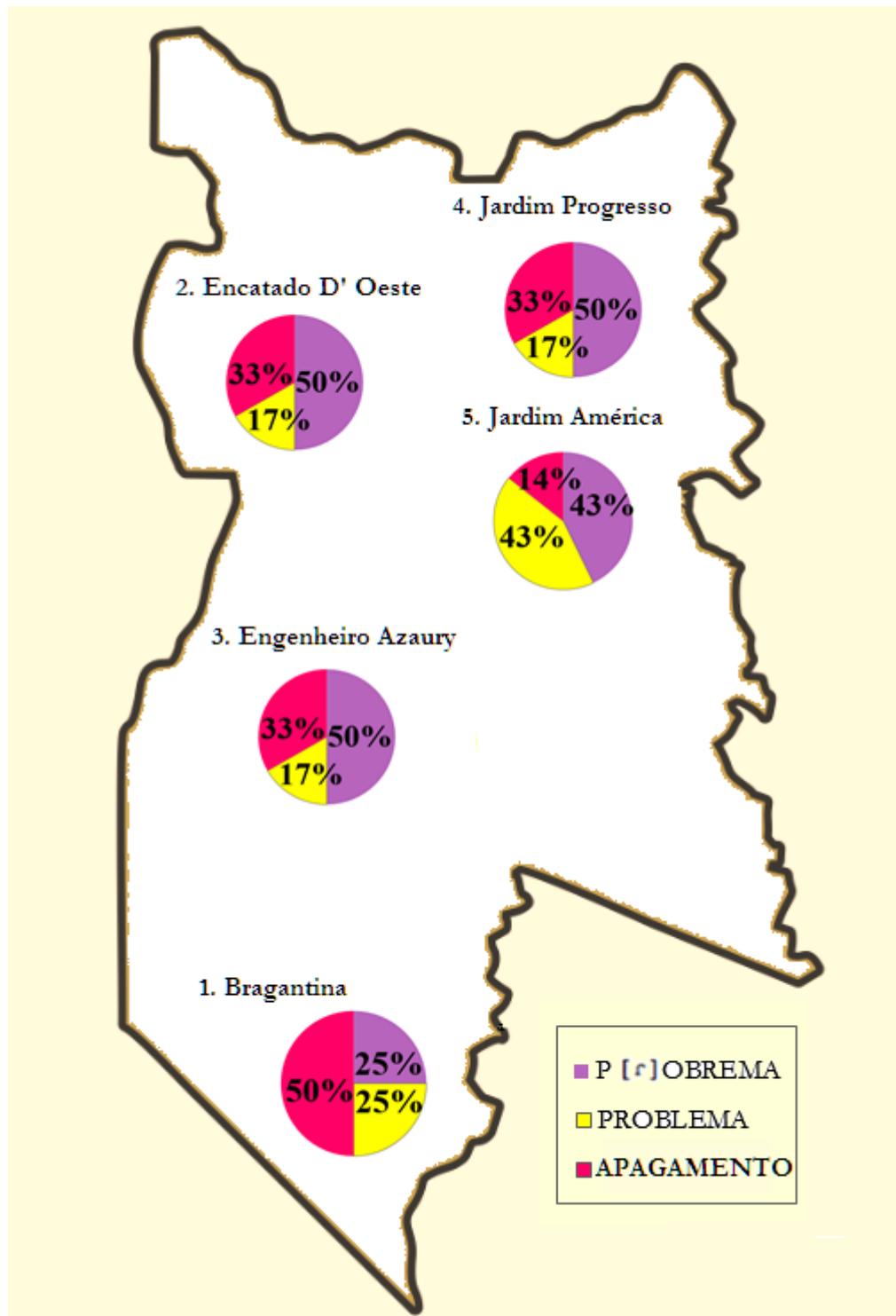
**Gráfico 15** – Grupo Consonantal (CCV) – BLUSA – EFI/EMC

A carta linguística a seguir, carta 6, retrata um quadro particular sobre as possíveis variantes para a palavra *problema*. Além de ser constituída por duas sílabas com ataque complexo, a palavra deixa os falantes em dúvida sobre qual de fato é a pronúncia tida como “correta” de acordo com sua grafia, conforme aponta o relato do informante 28:

Acredito que os mais velhos falem diferente porque não tiveram muitas oportunidades de estudo, às vezes eles falam errado porque não sabem como se escreve uma palavra ou nunca viram a palavra escrita (INF28, HEMCGII).

Esse relato enfatiza as prováveis justificativas para as variadas ocorrências da palavra *problema*. As respostas foram dadas à pergunta: *quando as pessoas têm dificuldades para resolver alguma situação, elas têm um grande...*

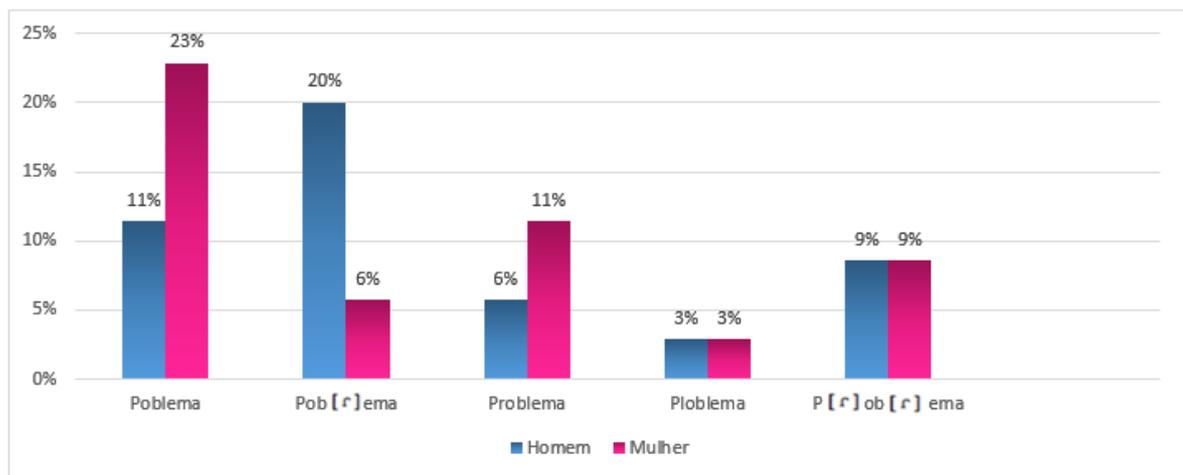
**Figura 9** - Carta Linguística 6 - Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA



Fonte: Criado pelo pesquisador

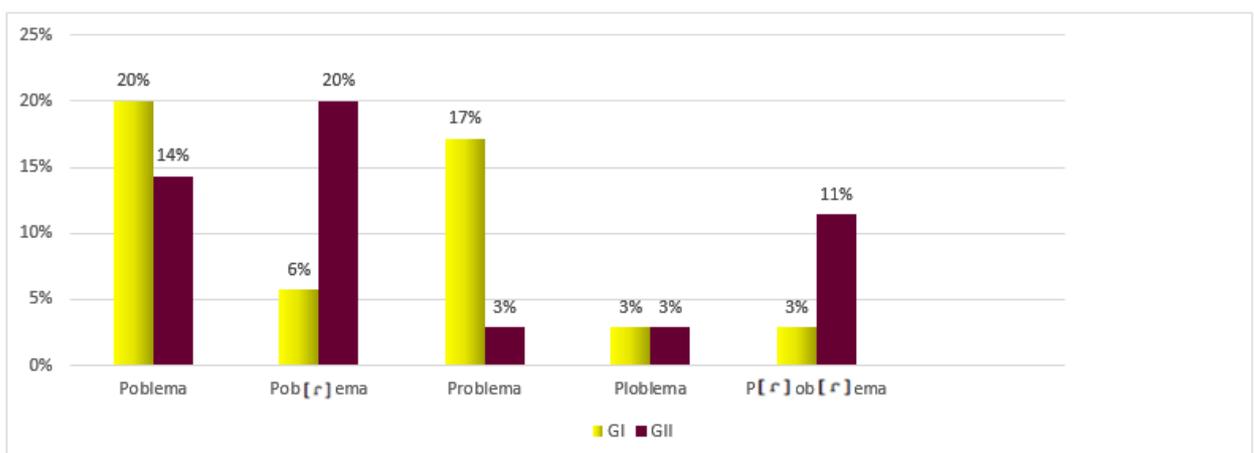
Mesmo com as inúmeras variantes para a palavra *problema*, houve duas mais registradas na fala dos homens e na fala das mulheres, 20% das ocorrências na fala masculina

apontam para a variante *pobrema*, revelando a rotacização nessa categoria, enquanto 23% dos registros na fala das mulheres assinalam a variante *poblema*, na qual, ocorre o apagamento na primeira sílaba em posição de ataque complexo. Os apagamentos são mais comuns em coda silábica, não em posições que antecedam a vogal, uma explicação para o fenômeno pode ser a simplificação da estrutura silábica, motivada, também, por fatores extralinguísticos (CALLOU; LEITE, 2009).



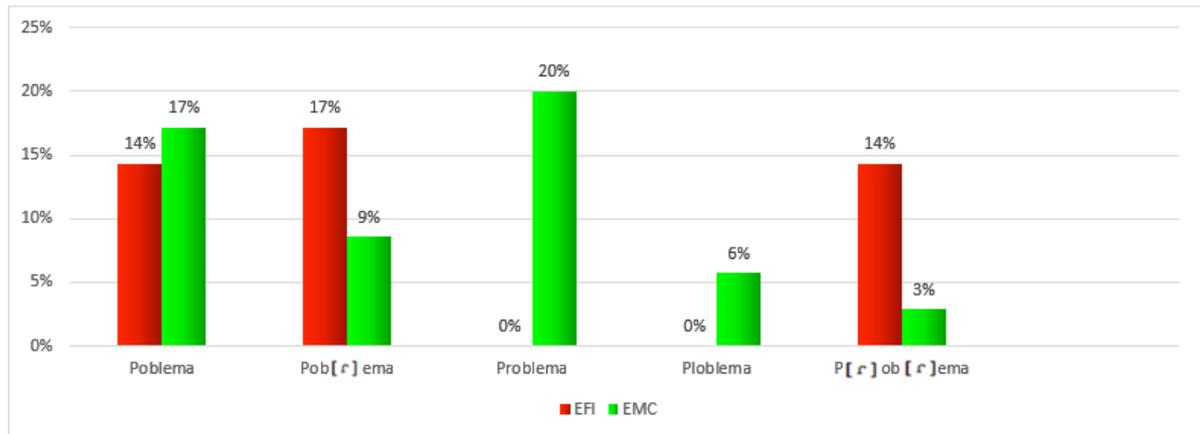
**Gráfico 16 – Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA – SEXO**

O gráfico 17 revela que na geração II (45 a 65 anos) as variantes mais utilizadas foram *poblema*, *pobrema* e *problema*, ratificando mais uma vez a presença da rotacização na fala dos mais velhos. A geração I (15 a 35 anos), por sua vez, divide-se, em sua maioria, entre a variante *poblema* e *problema*, apresentando, também, as realizações *pobrema*, *poblema* e *problema*.



**Gráfico 17 – Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA – GI/GII**

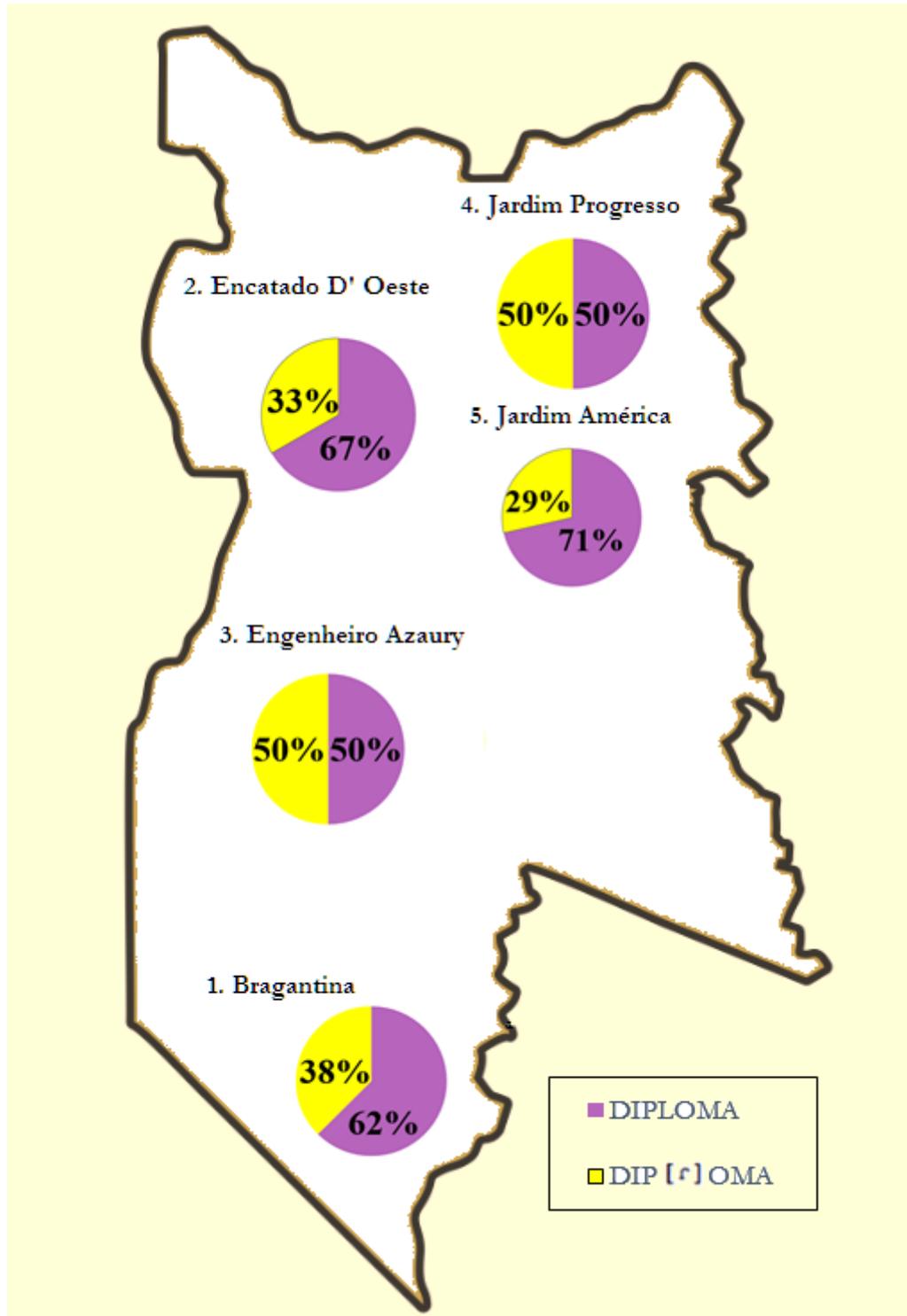
A variável escolaridade exerce seu papel enquanto “orientadora” na adoção ou resistência aos fenômenos da variação (BUSSE, 2010). Todavia, no gráfico 18, atenta-se para a realização das variantes de menor prestígio na categoria EMC, o que enfatiza a hipótese de que a rotacização faz parte da fala dos chateaubriandenses, recorrida com maior ou menor frequência por grupos distintos, mas utilizada em todos eles.



**Gráfico 18** – Grupo Consonantal (CCV) – PROBLEMA – EFI/EMC

*Quando uma pessoa termina a faculdade ela se forma e recebe um?* Esta interrogação serviu de base para os resultados registrados no gráfico 19. Observa-se uma regularidade nos pontos 1, 4 e 5, nos quais a variante *diproma* aparece com menor frequência, mas coexiste com a variante *diploma*. O ponto 3 foi o que mais se manteve simétrico na ocorrência das variantes se comparado aos demais.

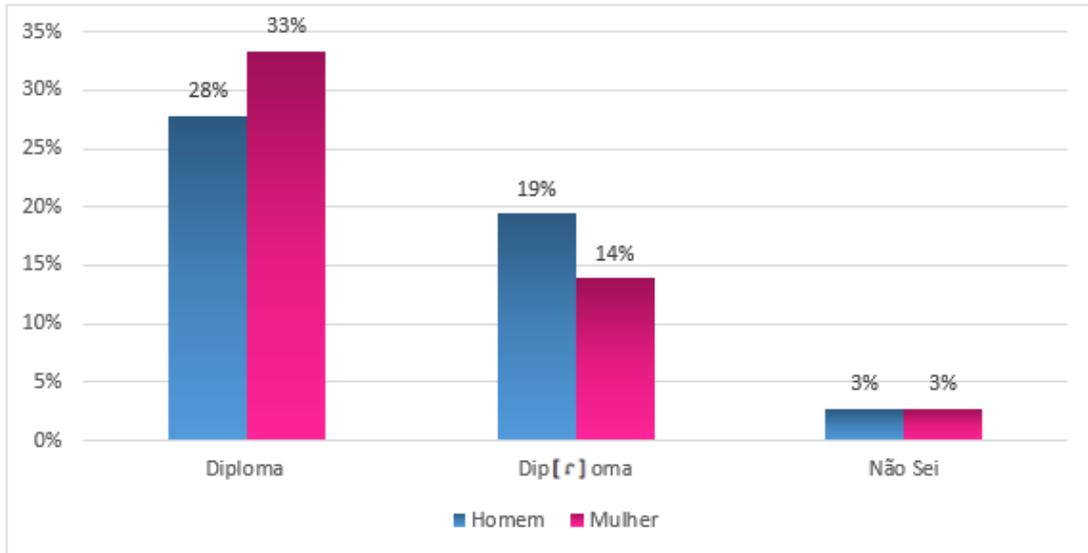
**Figura 10** - Carta Linguística 7 - Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA



Fonte: Criado pelo pesquisador

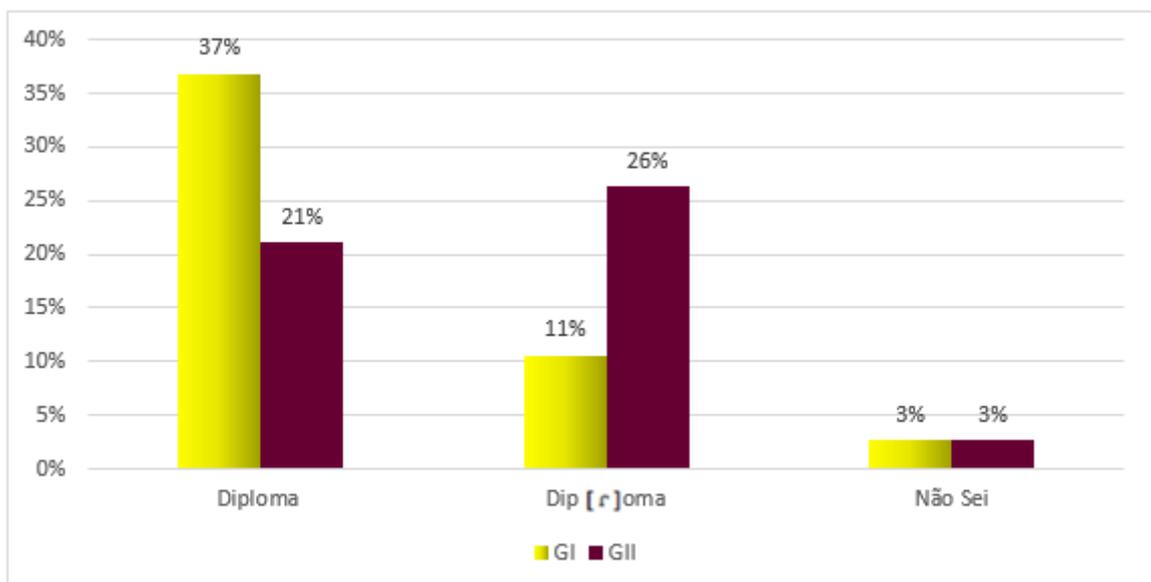
Em relação as ocorrências para a resposta à pergunta 40, *quando uma pessoa termina a faculdade ela se forma e recebe um...* Em consonância ao que se nota no gráfico 19, não há uma representação significativa no número de ocorrências na fala dos homens e das

mulheres. Muito embora, haja um equilíbrio entre os sexos no que se refere ao uso das variantes *diploma* e *diproma*.



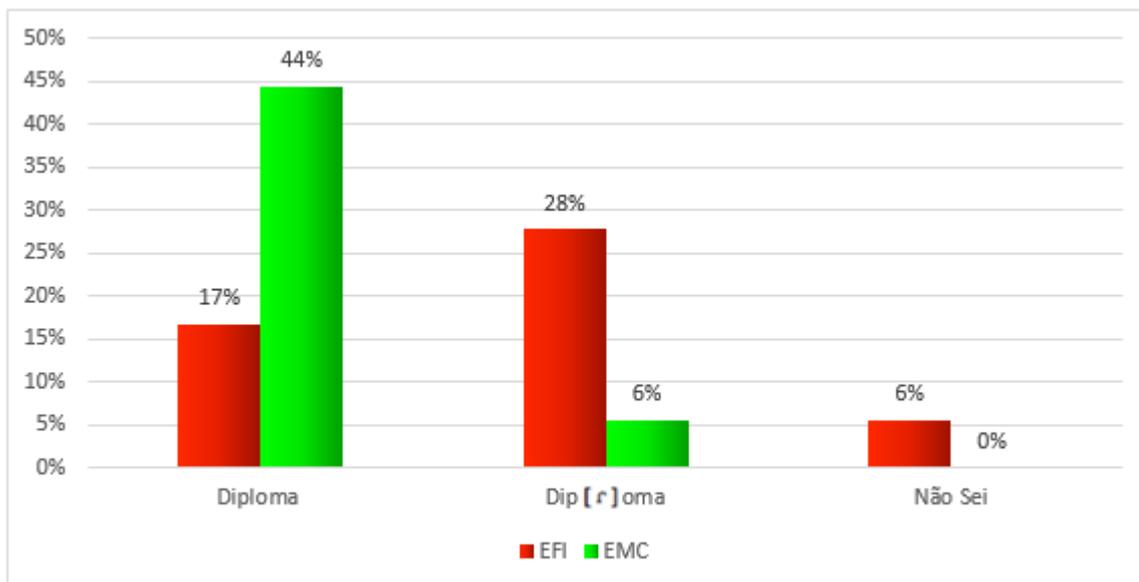
**Gráfico 19** – Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA – SEXO

No que diz respeito às gerações, percebe-se uma grande assimetria na ocorrência das variantes. Verifica-se que a geração II (45 a 65 anos) é a que mais se utiliza das variantes em que acontece a rotacização. Por outro lado, na geração I (15 a 35 anos) há registro da variante *diploma* em mais de 70% dos entrevistados.



**Gráfico 20** – Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA – GI/GII

O gráfico 21 assinala, mais uma vez, a variável escolaridade atuando na inibição do rotacismo, embora, constata-se a rotacização no nível EMC.



**Gráfico 21** – Grupo Consonantal (CCV) – DIPLOMA – EFI/EMC

#### 4.2.2 Posição de coda medial simples (CVC)

Coda silábica é a posição periférica localizada após a vogal podendo, ou não, ser preenchida. As codas silábicas medial e final só podem ser preenchidas pelas consoantes [l], [r], [s] e [n] ou por uma semivogal, sendo elas, com exceção ao [s], sonoras. As sílabas travadas, isso é, sílabas formadas por consoantes em posição pré ou pós-vocálica, podem apresentar coda simples ou complexa.

Para a consoante lateral as possibilidades em coda são: a vocalização, o apagamento, a velarização, alveolarização e a rotacização. Em outras palavras, escreve-se *papel*, *jornal*, *Brasil* e fala-se *pape[w]*, *jorna[w]*, e *Brasi[w]* ou ainda, *palpe[ʁ]*, *pape[ʌ]* e *papé[Ò]*. Estas duas últimas, a rotacização e apagamento, são as formas estigmatizadas.

Nesta seção, observa-se as realizações das líquidas em coda simples. As cartas linguísticas de 8 a 13 foram constituídas a partir das seguintes perguntas do questionário fonético-fonológico:

1. *Como se chama a pessoa que usa farda, que vive no quartel? Quando um jovem de 18 anos se alista no exército ele vira um... – SOLDADO;*

2. Aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que estourem? – PÓLVORA;
7. A refeição que se faz, em geral, ao meio dia é? – ALMOÇO;
11. A pessoa que fica no início da fila é o primeiro, quem fica no final é o... – ÚLTIMO;
22. É uma peça de roupa, usada por homens e mulheres, cobre as pernas, pode ser jeans, de malha... – CALÇA;<sup>31</sup>
25. Ingrediente utilizado para fazer pão de queijo, tapioca e biscoitos, à base de mandioca e é um pó muito fino... POLVILHO;
38. É uma verdura, é cheia de água, é verde, pode ser crespa, tem no X-Salada... – ALFACE.
- <sup>32</sup>

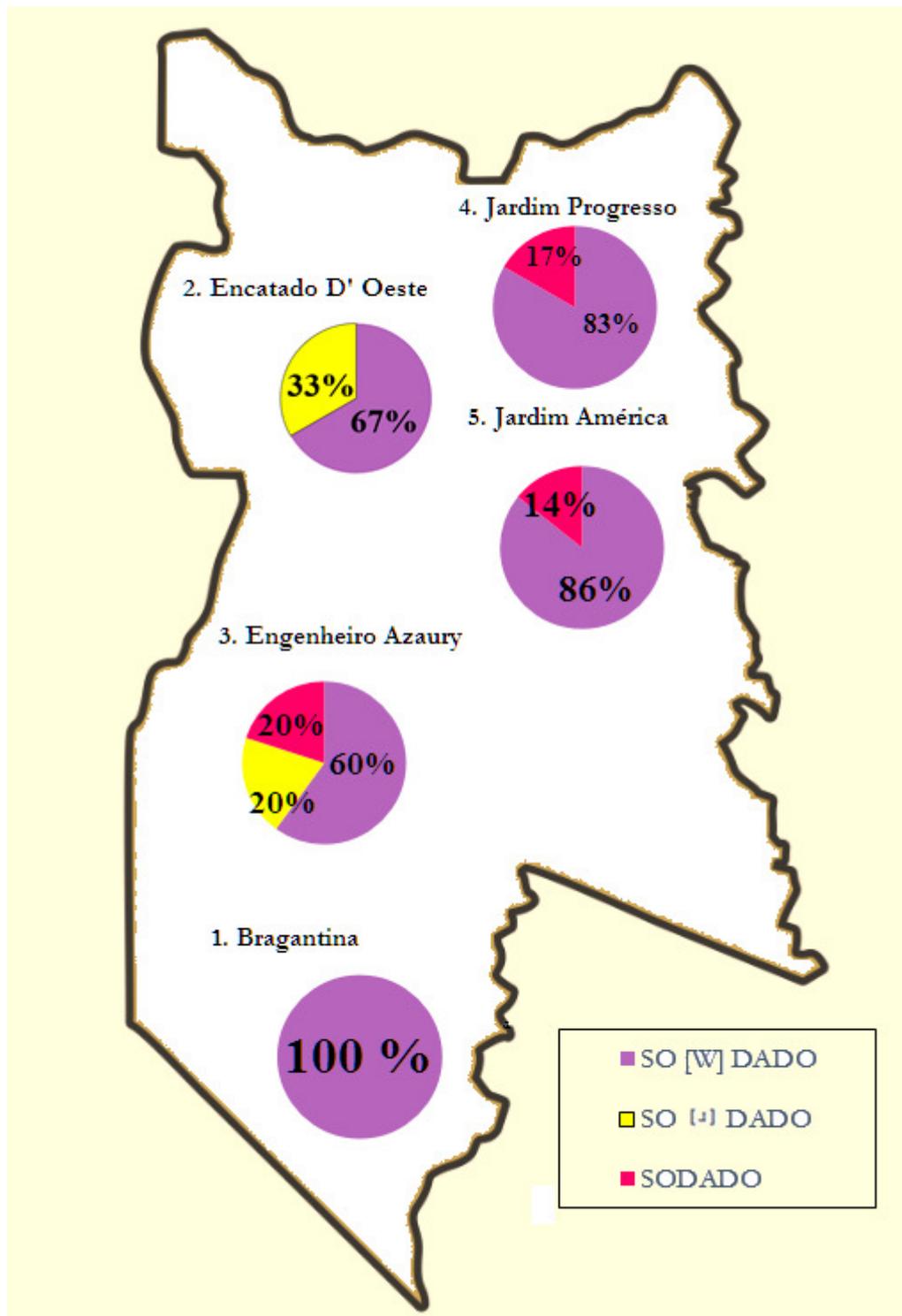
A carta linguística 8 apresenta a diversidade para a palavra *soldado*. A rotacização em coda silábica foi constatada apenas nos pontos 2 e 3, na geração mais velha (45 a 65 anos), apontando para o desuso da variante *so[♦]dado*. Os pontos 3, 4 e 5 apresentam duas características em comum: a) o grande número de ocorrência da vocalização, fenômeno comprovado, também, nos demais pontos; b) apagamento da semivogal, ou ainda a chamada monotongação.

A vocalização é o fenômeno mais comum no Português Brasileiro (PB). Na ditongação ocorre o enfraquecimento da consoante passando a uma semivogal. Ao posicionar-se posteriormente a uma vogal, a lateral, perde seu traço consonântico e assimila-se à vogal precedente (BROD, 2010).

**Figura 11 - Carta Linguística 8 - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - SOLDADO**

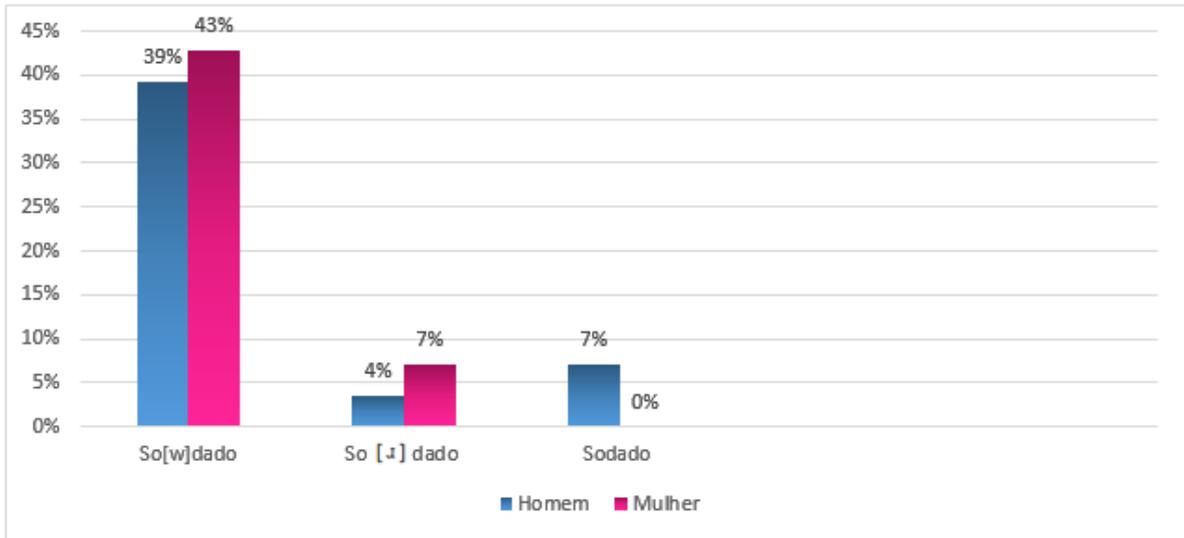
<sup>31</sup> A questão 22 não será representada em carta linguística, tampouco por gráficos. Essa escolha se justifica pela não existência de duas variantes.

<sup>32</sup> Idem à nota 20.



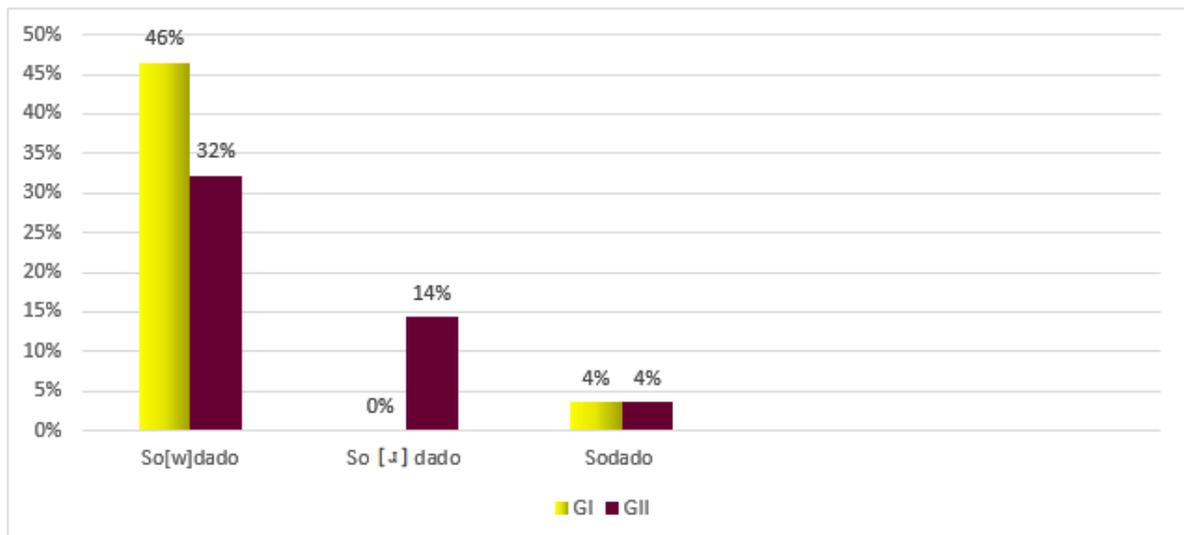
Fonte: Criado pelo pesquisador

Quanto à variável sexo, o gráfico 22 aponta para uma regularidade no uso da variante *so[w]dado*, dado que ratifica as descrições presentes no ALPR e ALERS para as ocorrências de vocalização em coda. Destaca-se, ainda, nesta variável a rotacização nas duas categorias, mesmo que em pequenas proporções.



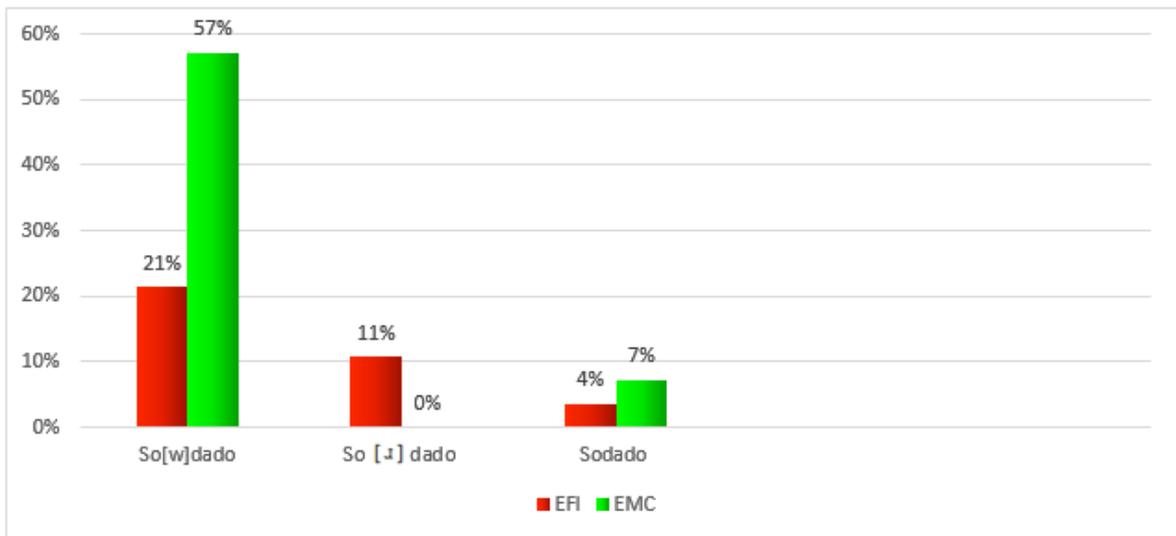
**Gráfico 22** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – SOLDADO – SEXO

De acordo com os resultados obtidos no gráfico 23, as gerações I e II utilizam de forma equilibrada a variável *so[w]dado*, ainda que ocorra em maiores proporções na GI (45 a 65 anos), as ocorrências ainda não apontam para uma possível mudança. Com relação ao rotacismo, não houve ocorrência na geração I (15 a 35 anos), contudo, observa-se a presença do apagamento nas gerações I e II.



**Gráfico 23** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – SOLDADO – GI/GII

O gráfico 24 faz referência às ocorrências nos dois níveis de escolaridade, EFI e EMC. A variável escolaridade apresenta-se como fator favorável para a variação. Foram 76% para a variante *so[w]dado*, considerada aceitável dentro das possíveis realizações para a realização da lateral.

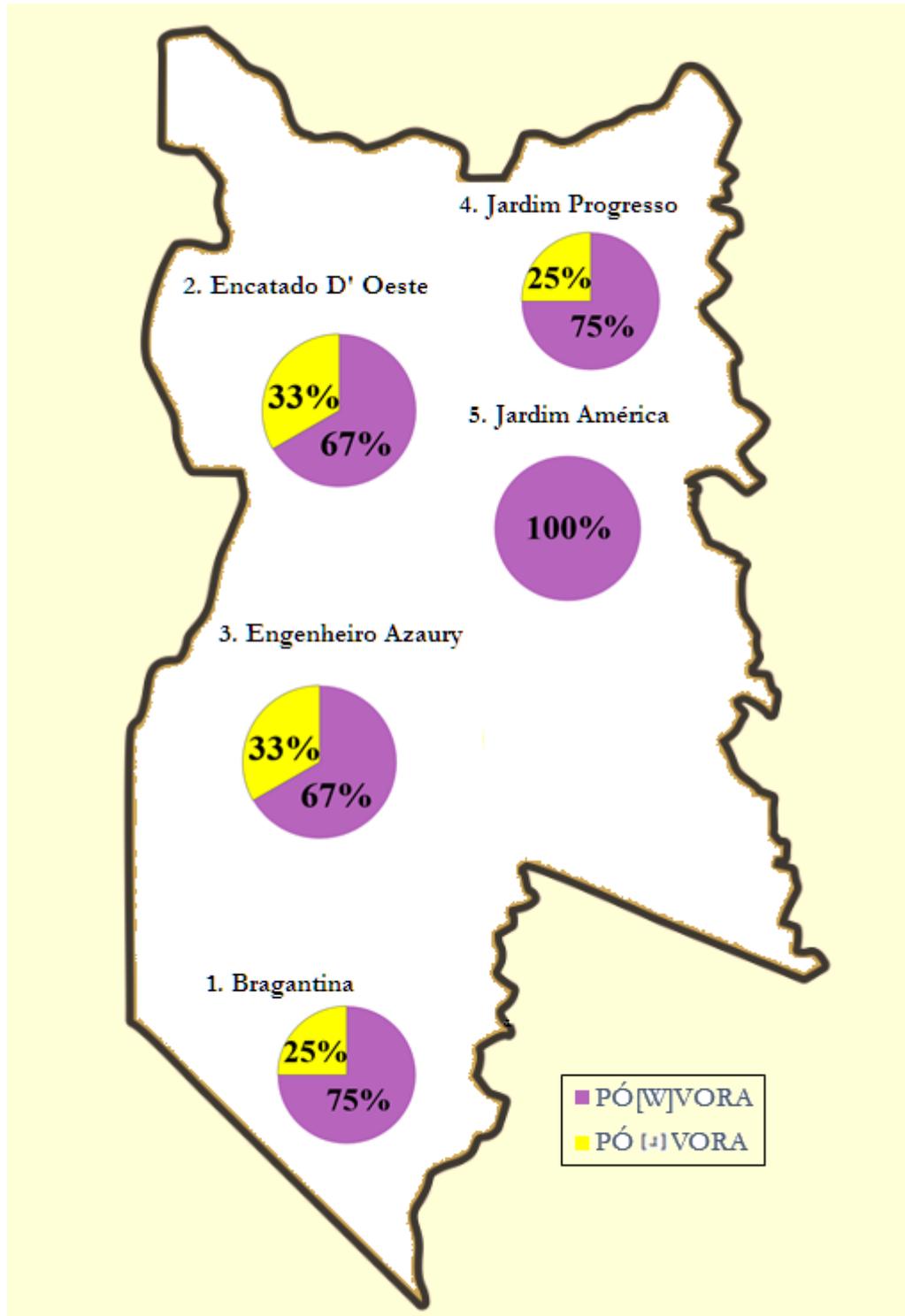


**Gráfico 24** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – SOLDADO – EFI/EMC

*Aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que estourem?* Foi a pergunta que motivou às seguintes respostas *pó[w]vora* e *pól[ɹ]vora*. Há um dado interessante na carta linguística 9, no ponto 2, localizado próximo à cidade de Palotina, houve o maior registro do rotacismo, dado que chama a atenção, pois no município de Palotina é comum a velarização e alveolarização, se considerado seu contexto social e de colonização.

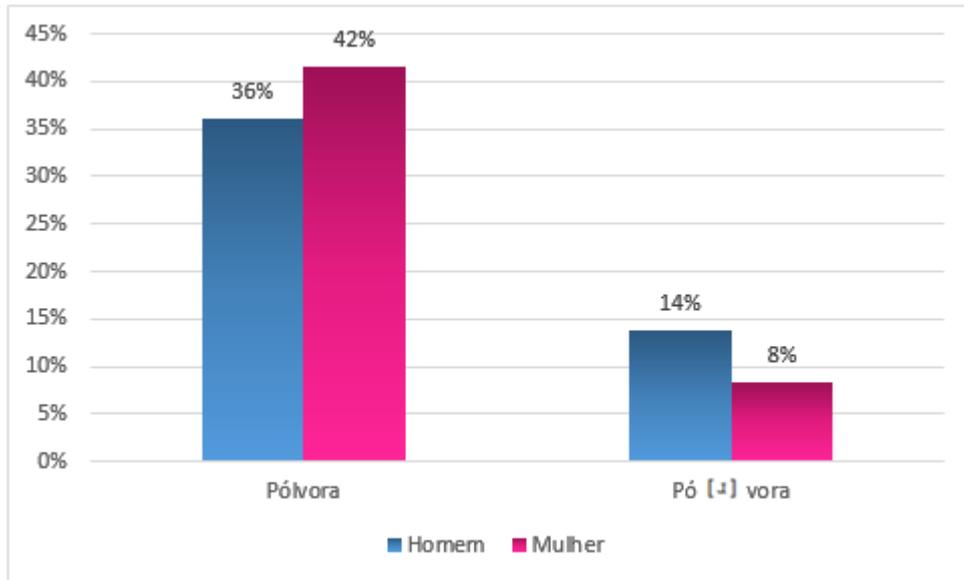
Nos pontos 1, Bragantina, e 4, Jardim Progresso, constata-se que a rotacização ocorreu em apenas 25% dos registros, já no ponto 5, a rotacização é nula.

**Figura 12** - Carta Linguística 9 - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - PÓLVORA



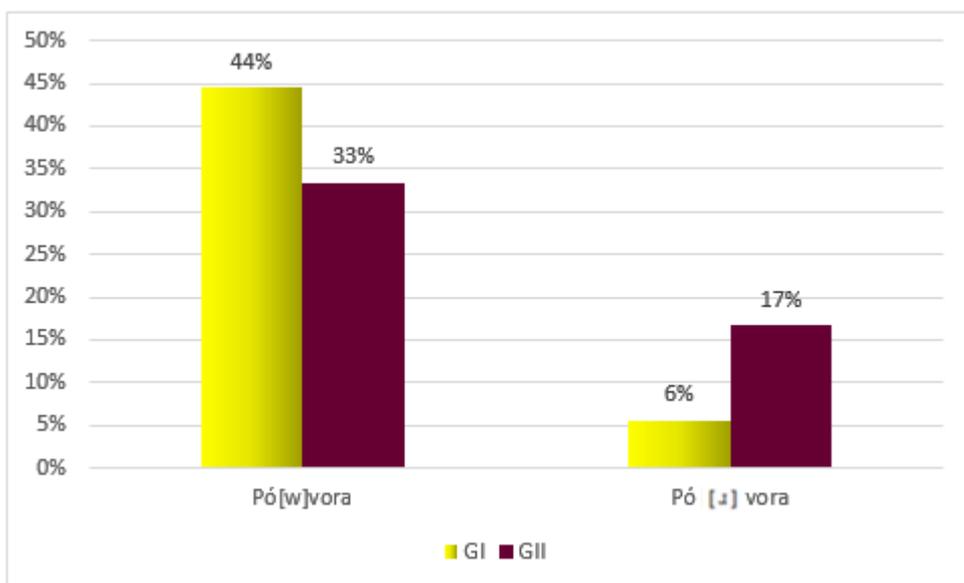
Fonte: Criado pelo pesquisador

Na variável *sexo*, nota-se uma regularidade entre homens e mulheres nas realizações para *pó[w]vora*, havendo, contudo, mais ocorrências da variante *pó[ɰ]vora* se comparada as realizações na fala feminina.



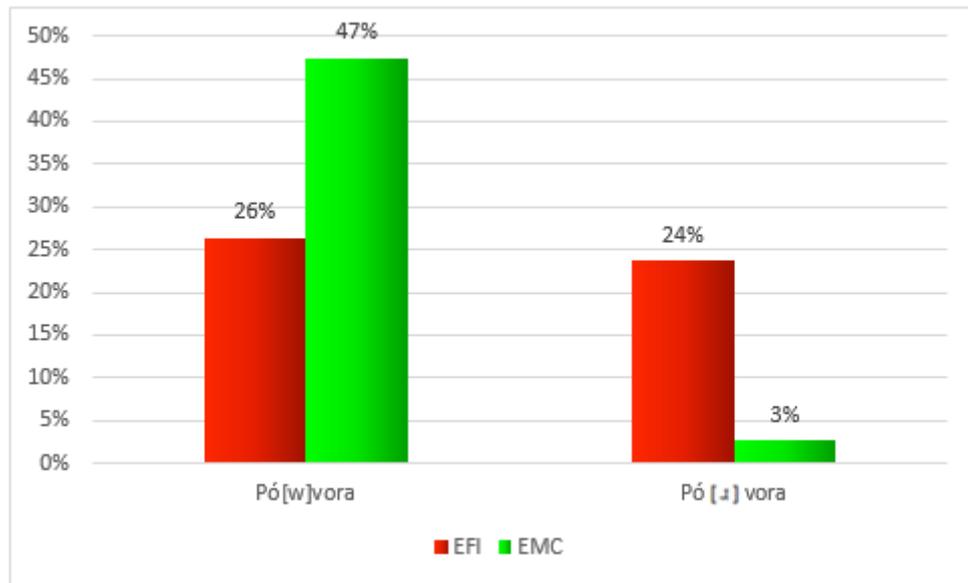
**Gráfico 25** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – PÓLVORA – SEXO

Nas gerações I e II fica evidente a preferência pela variante *pó[w]vora*, havendo registros de rotacização em baixas proporções.



**Gráfico 26** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – PÓLVORA – GI/GII

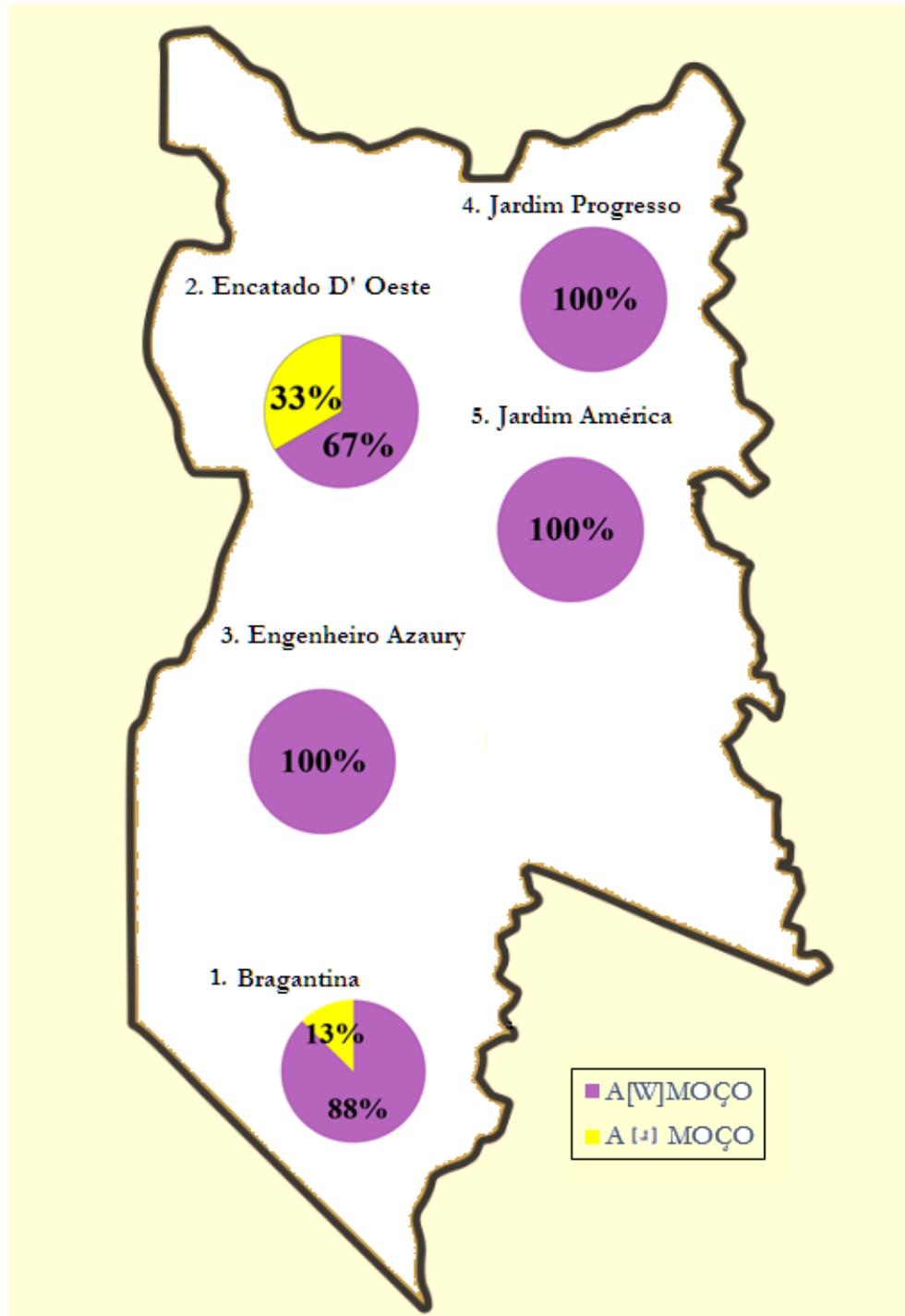
O gráfico 27 atesta que para a palavra *pólvora* há apenas uma variante na fala dos participantes com mais escolaridade, ficando equilibrado a ocorrência das variantes *pó[w]vora* e *pó[♦]vora* na categoria EFI. Os dados registrados para as realizações da palavra *pólvora*, aponta para um possível desaparecimento da variante *pó[♦]vora*.



**Gráfico 27** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – PÓLVORA – EFI/EMC

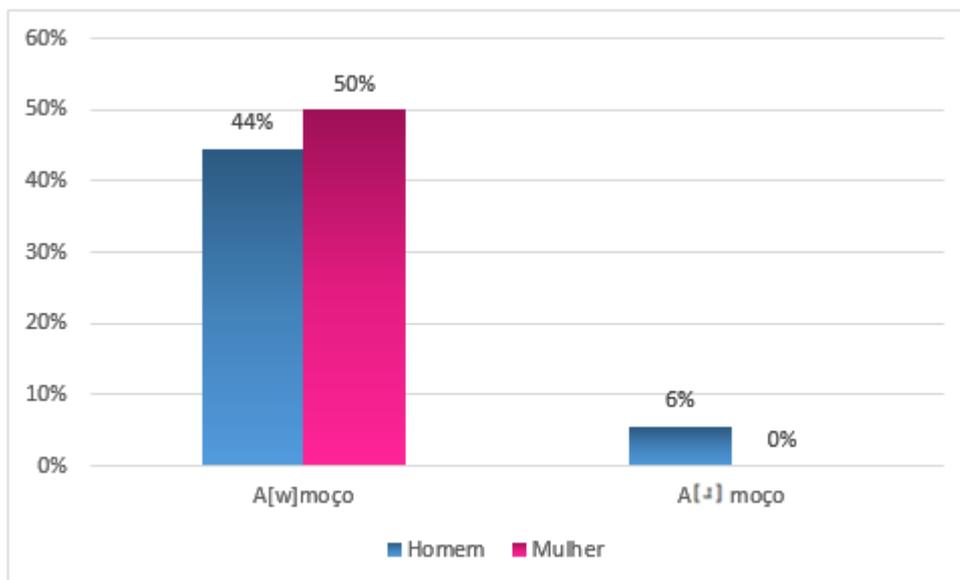
A carta linguística 10 indica que a variante *a[♦]moço* está desaparecendo, sendo comprovada sua realização apenas no ponto 1 e 2. No ponto 2 a rotacização ocorre com maior frequência na GII, corroborando para a hipótese que faixa-etária e escolaridade, mais novos em fase escolar, são variáveis decisivas para a manutenção ou para o desaparecimento de uma variante. Para esta análise a questão motivadora foi: *A refeição que se faz, em geral, ao meio dia é?*

**Figura 13** - Carta Linguística 10 - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - ALMOÇO



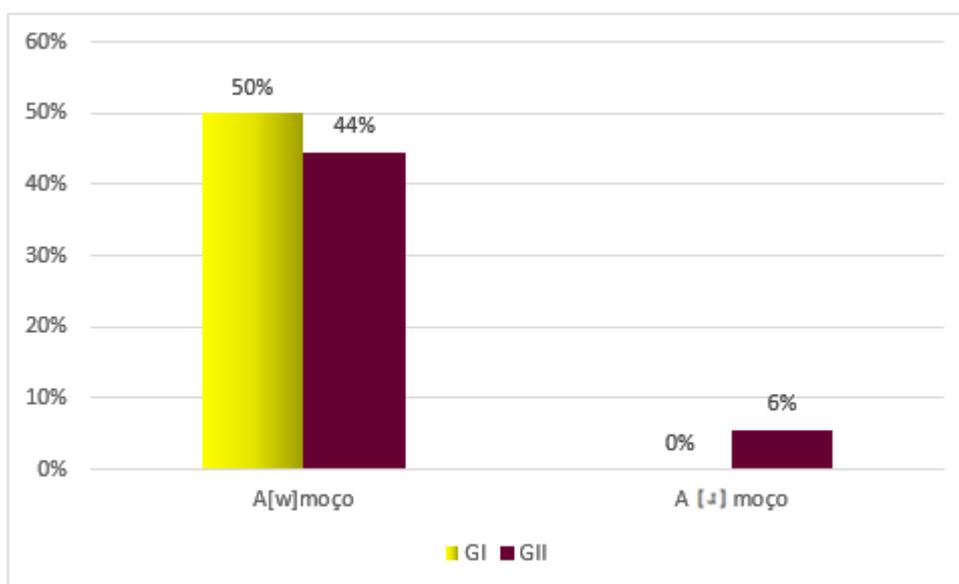
Fonte: Criado pelo pesquisador

O equilíbrio entre a fala do homem e da mulher é observado no gráfico 28. Além disso, é notória a ocorrência da rotacização apenas na fala masculina, variante que goza de menor prestígio o que justifica a ausência do rotacismo na fala feminina.



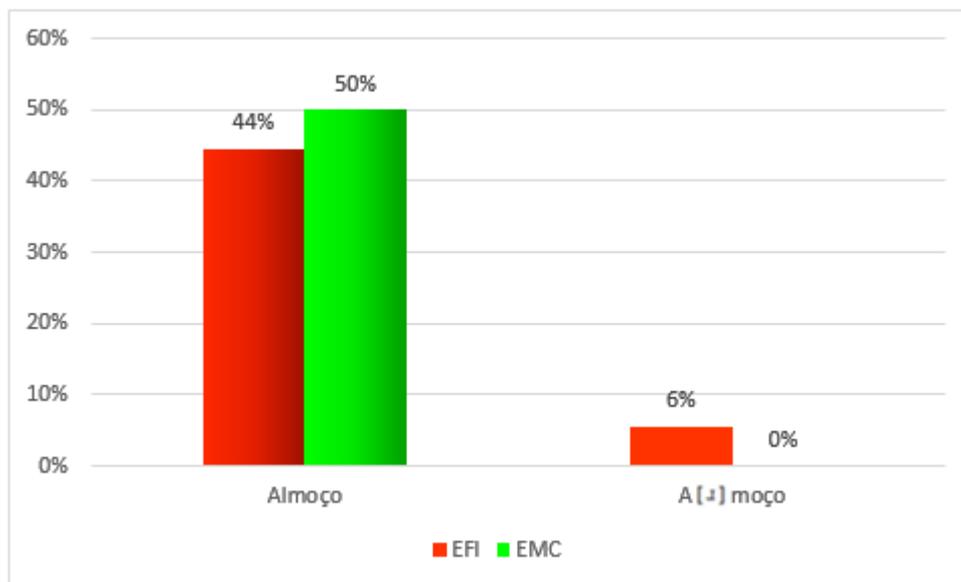
**Gráfico 28** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ALMOÇO – SEXO

Não há registro da rotacização na fala da geração mais jovem (15 a 35 anos) e na geração II (45 a 65 anos) apenas 11% dos entrevistados dessa categoria recorreram ao rotacismo.



**Gráfico 29** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ALMOÇO – GI/GII

O gráfico 30 revela que mesmo na fala dos entrevistados com baixa escolaridade a variante  $a[\text{♦}]moço$  está em fase de desaparecimento.



**Gráfico 30** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ALMOÇO – EFI/EMC

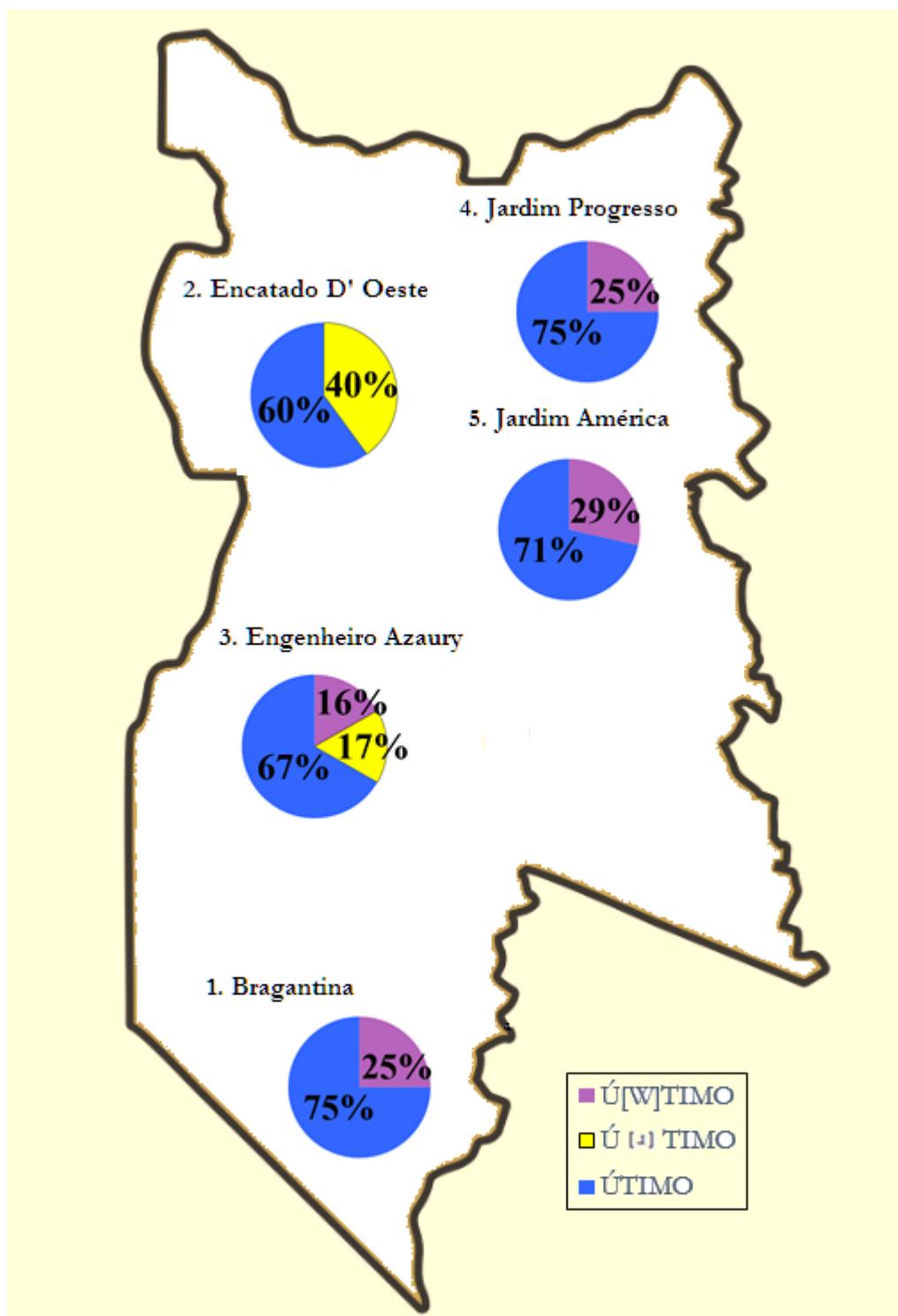
A seguir, a carta linguística 11 apresenta as variantes para a palavra *último*. A pergunta que incitou as respostas foi: *A pessoa que fica no início da fila é o primeiro, quem fica no final é o...* As variantes utilizadas pelos entrevistados foram *ú[w]timo*, *último*, *ú[♦]timo*.

Hora (2009, p.36) afirma que se a consoante *l* “for precedida pela vogal “u”, seu apagamento é praticamente categórico, devido à impossibilidade de se ter um ditongo com vogal e semivogal com o mesmo ponto \*[uw], já que ambas são posteriores e altas”. Entretanto, nas transcrições das entrevistas foi possível observar um alongamento na pronúncia da primeira sílaba da variante *ú[w]timo*, enquanto a variante *último* foi pronunciada de forma mais direta.

Ainda em relação à distribuição das variantes, a carta 11 evidencia a coexistência de 3 formas linguísticas no ponto 3, Engenheiro Azaury. Já no ponto 1, 4 e 5 a rotacização não está presente na palavra *último*.

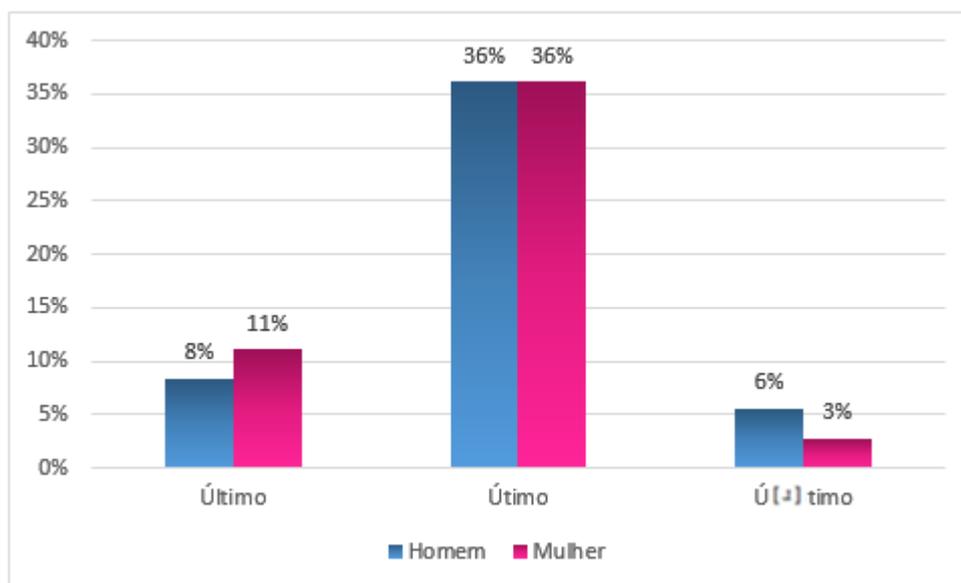
O ponto 2, destaca-se por apresentar ocorrências particulares em relação aos demais pontos. Se comparado a quantidade de ocorrências nos demais pontos, a rotacização torna-se um número, ainda que baixo, expressivo.

**Figura 14** - Carta Linguística 11 - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - ÚLTIMO



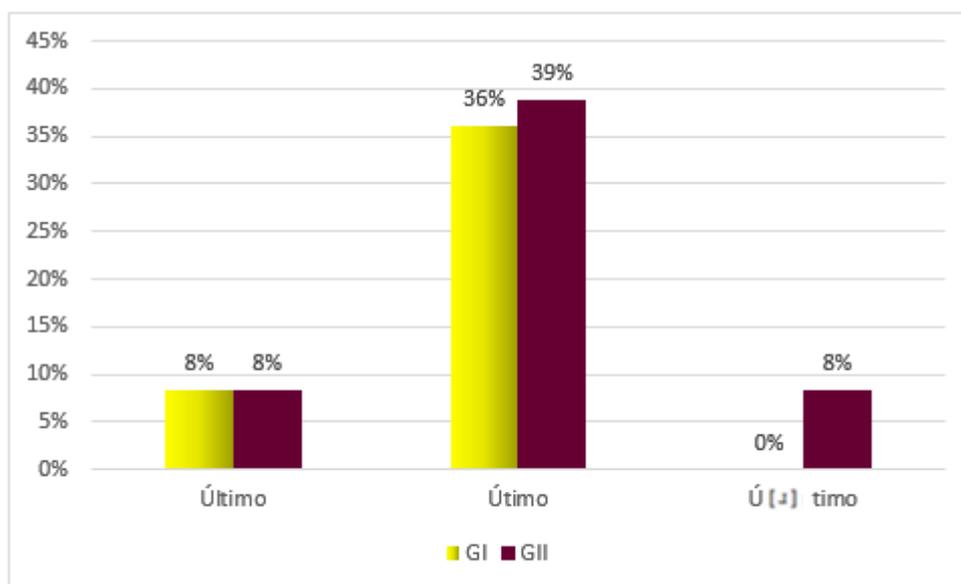
Fonte: Criado pelo pesquisador

O gráfico 31 representa a harmonia existente nas ocorrências da fala dos homens e das mulheres. A rotacização existe nas duas categorias, no entanto, os índices são baixos.



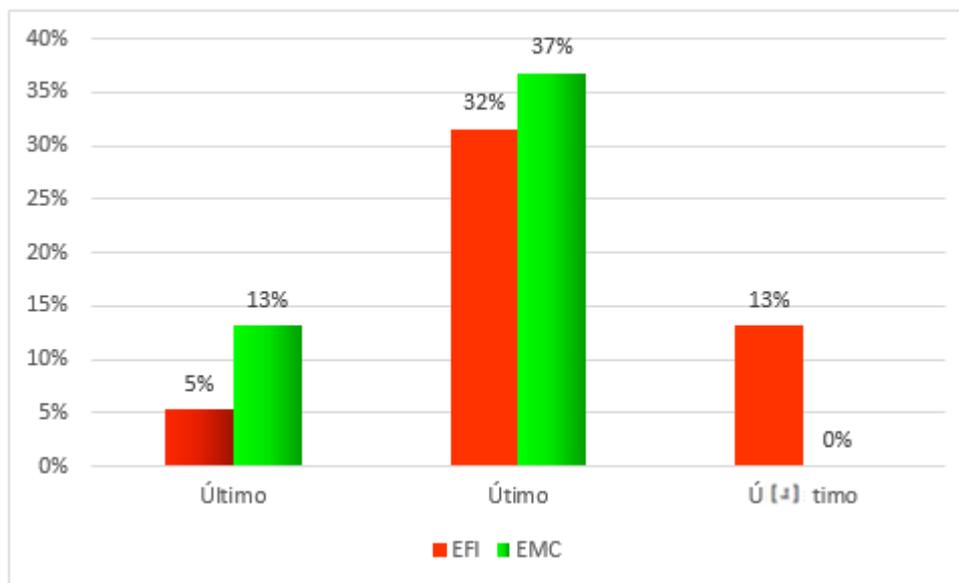
**Gráfico 31** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ÚLTIMO – SEXO

No que diz respeito à faixa-etária, o rotacismo não foi verificado na geração I (15 a 35 anos) e o apagamento corresponde a um número significativo nas duas gerações.



**Gráfico 32** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ÚLTIMO – GI/GII

Ao observar o gráfico 33, nota-se que não há resistência da categoria EMC no uso da variante *último*. Em apenas 16% dos entrevistados da categoria EFI houve a rotacização, comprovando, mais uma vez, um possível desaparecimento do rotacismo em posição de coda medial simples.



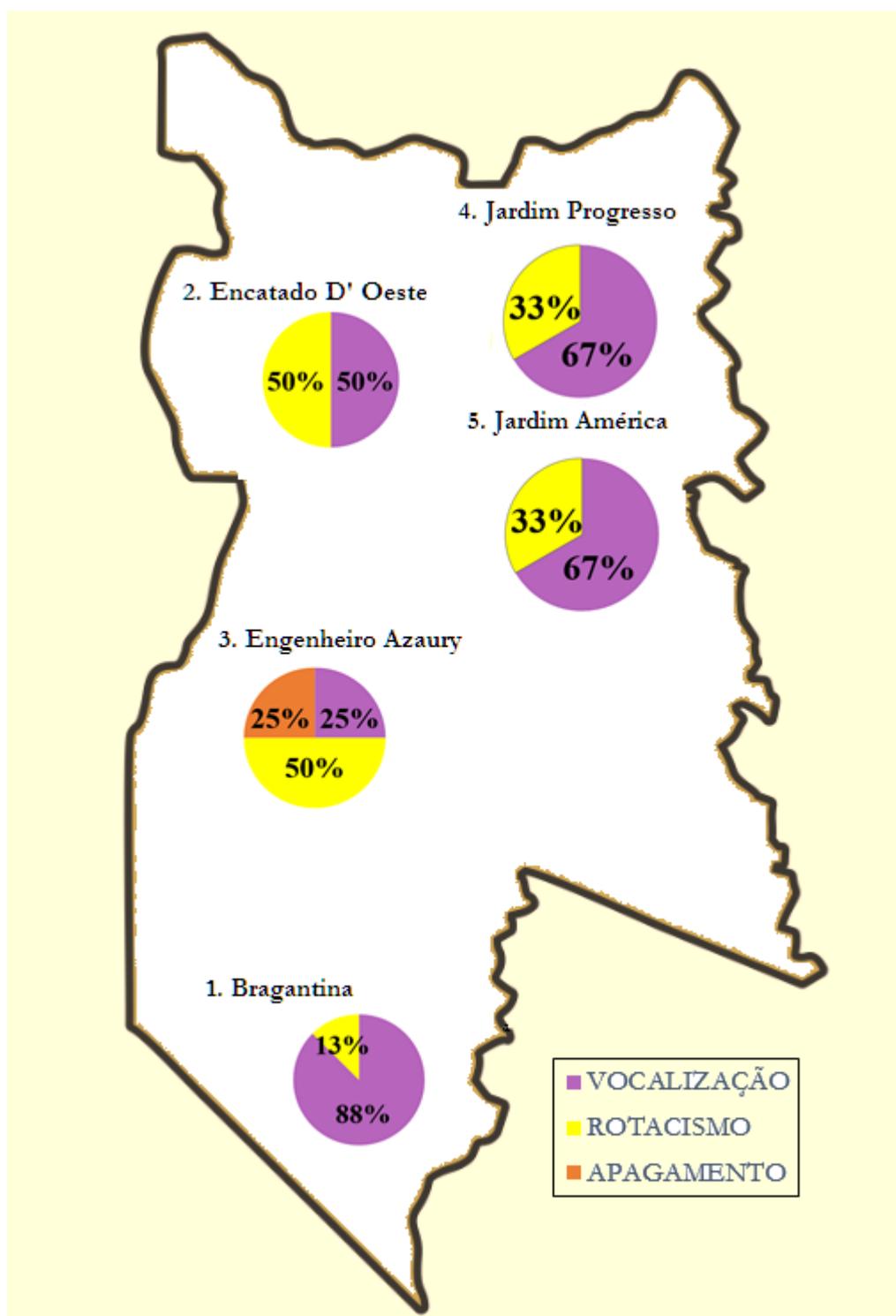
**Gráfico 33** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – ÚLTIMO – EFI/EMC

A carta linguística 13 apresenta os fenômenos realizados na pronúncia da palavra *polvilho*. Motivados pela pergunta *Ingrediente utilizado para fazer pão de queijo, tapioca e biscoitos, à base de mandioca e é um pó muito fino...*, os entrevistados expuseram a vivência com a variável eleita. Considera-se que o pouco contato, ou a ausência, com a forma escrita seja o fator crucial na vocalização, no apagamento e no rotacismo. Quanto à estrutura linguística, quando o [l] é precedido pelo [o] a tendência a vocalização é maior se antecedido por labiais (SÁ, 2007).

O apagamento em interior de palavra só ocorre “se o contexto fonológico precedente for uma vogal posterior, incluindo a vogal [o]” (HORA, 2006, p.40), afirmação que justifica o apagamento do [l] na fala dos chateaubriandenses.

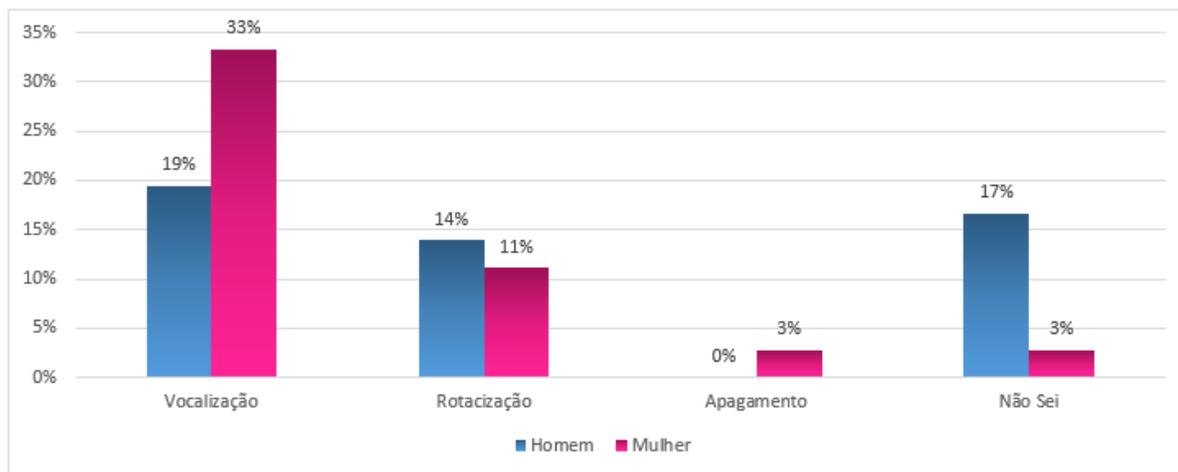
Diante disso, observa-se que no município as 3 variantes têm disputado o espaço e coexistindo, no entanto, os dados apontam uma maior tendência para a vocalização. Não houve entre os falantes a ocorrência do [l].

**Figura 15** - Carta Linguística 12 - Posição de Coda Medial Simples (CVC) - POLVILHO



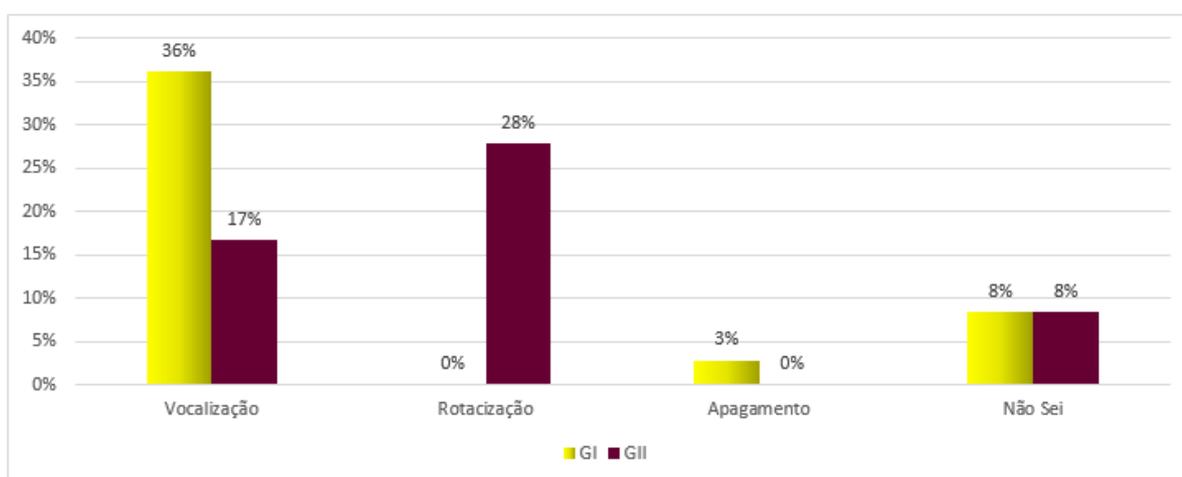
Fonte: Criado pelo pesquisador

O gráfico 37 mostra a distribuição das variantes na variável sexo. A vocalização foi o fenômeno mais frequente na fala dos homens e das mulheres, importante enfatizar que houve, novamente, um equilíbrio entre o uso das variantes ao se considerar a variável sexo. O apagamento é a forma menos recorrente.



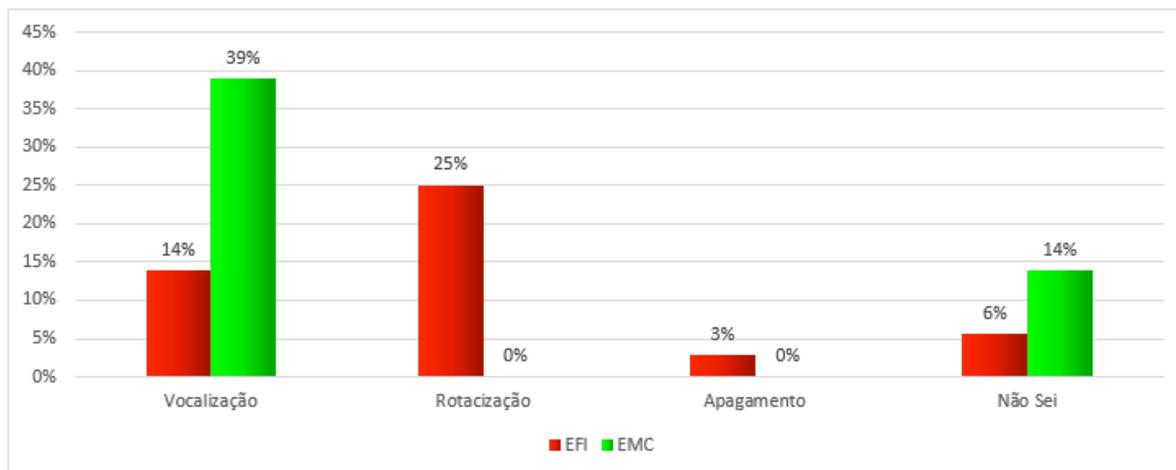
**Gráfico 34** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – POLVILHO – SEXO

A presença do fenômeno do rotacismo é comprovada na GII (45 a 65 anos), no entanto, é possível observar uma possível mudança linguística favorecendo a permanência da vocalização, uma vez que o fenômeno foi constatado na GI (15 a 35 anos) em mais de 80% dos falantes.



**Gráfico 35** – Posição de Coda Medial Simples (CVC) – POLVILHO – GI/GII

Na variável escolaridade, a categoria EMC apresentou um contexto favorável para a vocalização. O percentual de ocorrências das variantes em que há a rotacização também é muito significativo, ressalva-se que essas ocorrências foram na categoria EFI. De modo geral, as variantes, nas quais ocorre a vocalização, foram registradas no nível EMC, já a rotacização, ocorreu com maior frequência na fala dos inquiridos com menos escolaridade.



**Gráfico 36**– Posição de Coda Medial Simples (CVC) – POLVILHO – EFI/EMC

Nas perguntas *é uma verdura, é cheia de água, é verde, pode ser crespa, tem no X-Salada... e é uma peça de roupa, usada por homens e mulheres, cobre as pernas, pode ser jeans, de malha...* foi unânime o entre os entrevistados a realização da vocalização em coda: *a[w]face* e *ca[w]ça*, respectivamente. Dessa forma, justifica-se a ausência das cartas linguísticas e dos gráficos para as duas questões.

#### 4.2.3 Posição de Coda Final Simples (CVC)

Em conformidade ao já descrito, em coda final no PB é comum a vocalização. Os registros das realizações em coda final nos 5 pontos de inquérito apontam para a não ocorrência da rotacização. Entretanto é unânime a vocalização, conforme exhibe o quadro abaixo. Ao total, foram 7 questões motivadoras: 5. *O que coloca na comida para dar sabor?* – SAL; 9. *É fabricado pela abelha...* – MEL; 17. *É amarelo e brilha forte durante o dia no céu...* – SOL; 24. *É feito a partir da celulose, as pessoas escrevem, desenharam e rabiscam nele, pode ser colorido e embrulhar presentes, é utilizado no banheiro...* – PAPEL; 28. *Corda onde as pessoas penduram as roupas para secar* – VARAL; 31. *É um objeto, tem forma de*

*cone e serve para despejar líquidos em recipientes./ As pessoas utilizam para despejar o óleo dentro de garrafas – FUNIL.*

**Quadro 7:** Posição de Coda Final Simples (CVC)

<b>Termo</b>	<b>Rotacização</b>	<b>Vocalização</b>
<b>Sal</b>	-	40
<b>Mel</b>	-	40
<b>Sol</b>	-	40
<b>Papel</b>	-	40
<b>Varal</b>	-	40
<b>Funil</b>	-	40

Fonte: Criado pelo pesquisador

#### 4.3 ANÁLISE DAS PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

As perguntas metalinguísticas foram extremamente relevantes para o entendimento da percepção que os falantes do município construíram em relação à sua fala e à fala de outros grupos que possuem comportamentos linguísticos distintos. Dentre as 14 perguntas metalinguísticas, 3 foram selecionadas para apreciação e discussão. Para melhor elucidar os resultados, abaixo, apresenta-se o quadro das questões selecionadas para análise das crenças linguísticas na cidade de Assis Chateaubriand/PR. As entrevistas foram gravadas e duraram aproximadamente 30 minutos.

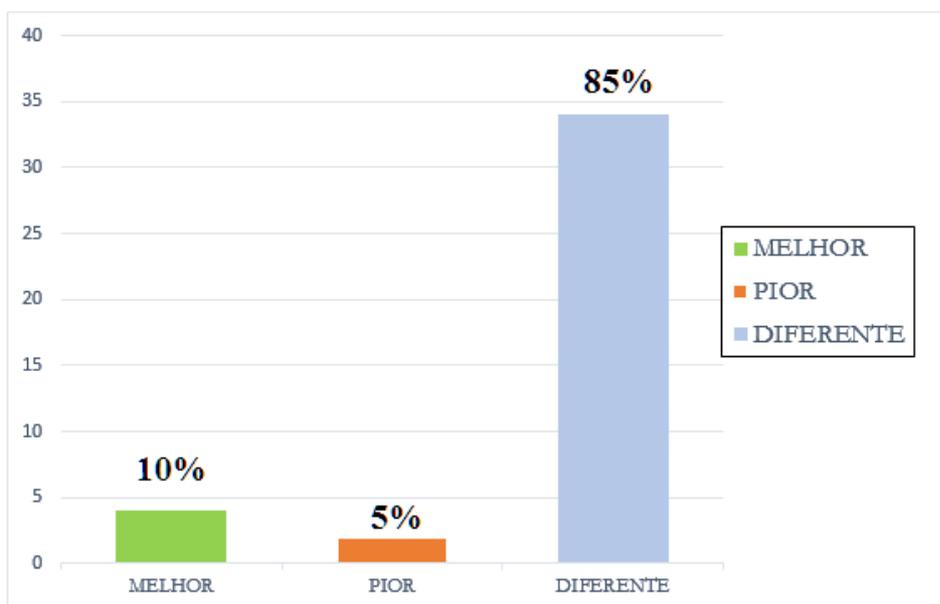
**Quadro 8 –** Questões Metalinguísticas Selecionadas para Análise

<b>10.</b>	Há pessoas de outros lugares que já moravam ou têm vindo morar aqui em Assis Chateaubriand, como essas pessoas falam? Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?
<b>13.</b>	Na sua opinião, quem fala melhor, os homens ou as mulheres?
<b>14.</b>	As pessoas de idades diferentes falam igual? Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos?

Fonte: Criado pelo pesquisador

O gráfico abaixo foi gerado a partir da questão 10 do questionário metalinguístico: *Há pessoas de outros lugares que já moravam ou têm vindo morar aqui em Assis*

*Chateaubriand, como essas pessoas falam? Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?.*



**Gráfico 37.** Pergunta Metalinguística 10.

Dos participantes, 10% afirmam que a forma falada pelos chateaubriandenses é melhor que as demais faladas no Brasil, 5% classificaram como pior por se tratar de uma fala *caipira* e os demais participantes, 85%, consideram a fala da localidade diferente e preferiram não rotulá-la como melhor ou pior.

Durante as entrevistas os participantes tentaram explicar a diferença entre as variantes do português, mesmo não tendo conhecimento científico para tal explicação, essa tentativa faz parte da consciência linguística do falante sobre os usos linguísticos em sua comunidade.

Não havia na questão a opção *diferente*, no entanto, foi quase unânime a escolha por essa classificação. Ainda que não haja o conhecimento científico sobre a organização e variação da língua, os falantes possuem consciência linguística sobre os fenômenos linguísticos e sociolinguísticos. Os fenômenos podem pertencer à própria variedade do falante, à de seu grupo ou a outras comunidades. Assim, segundo Moreno-Fernández, “Los hablantes *saben* que su comunidad prefiere unos usos lingüísticos a otros, que ciertos usos son propios de unos grupos y no de otros [...]” (MORENO-FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

Mediante a análise das entrevistas, é importante salientar que todos os informantes enaltecem os valores da cidade e a classificam como acolhedora. Da mesma forma, foi

comum a afirmação de que aquelas pessoas que deixam o município para estudar ou trabalhar acabam voltando na velhice.

No recorte da entrevista abaixo, o informante deixa claro o seu conhecimento a respeito da língua. Também foi possível observar, de acordo com os relatos do **INF30**, que ao chegar em Assis Chateaubriand havia pessoas de diversos lugares do Brasil e o que mais chamou a atenção foi o “jeito” imponente do gaúcho e a fala arrastada dos nordestinos.

### **Recorte B (INF30 - MEFIGII)**

**INF30:** Ah, elas falam arrastado né?...

**INQ:** E como a senhora acha que os moradores daqui de Assis falam?

**INF30:** Como é que eles falam...

**INQ:** A senhora disse que é menos arrastada a fala...

**INF30:** Tem uns que fala mais puxando pra nação deles memo né, otros falam menos. Assim, mas quando acho que quando a gente vai acostumando ninguém presta assunta mais do que fala de um jeito e fala de outro, né. Mas..., mas sempre cada um tem uma deferencinha né, mas de tudo jeito dá pra entender.

**INQ:** Dá pra conversar né?

**INF30:** Dá. (riso)

**INQ:** Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?

**INF30:** Eu acho que cada pessoa tem seu modo de falar né, eu penso assim, se uma pessoa falou uma coisa e cê entendeu o que qui é, não precisa cê ignorar aquilo não.

### **Recorte C (INF34 - HEFIGII)**

**INF34:** Falam o brasileiro né, que é a língua do Brasil, porque a língua do brasileiro é portuguesa né, só que o socate é otro. Aqui no Brasil, eu acho qui se fala a mesma língua lá no Norte do Paraná e aqui em Assis.

**INQ:** E a dona A.<sup>33</sup> fala como o Senhor fala?

**INF34:** Não, não... ela puxa bem o nortista<sup>34</sup> né. A gente né, fala e... entende tudo na língua portuguesa e o que se fala no Brasil.

**INQ:** E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de Assis Chateaubriand?

<sup>33</sup> Para preservar a identidade, optou-se por abreviar o nome citado.

<sup>34</sup> Os nordestinos são comumente chamados de nortistas em Assis Chateaubriand.

Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?

**INF34:** Não é... tem o jeito de de de alagoano tem um jeito né, carioca outro, é, é paulista outro, então é ... o gaúcho, catarinense e aí já diferente de Assis, já é diferente no falar né.

**INQ:** Os chateaubriandenses falam melhor ou pior que as pessoas de outros lugares?

**INF34:** (Risos) Ahh, é um jeito diferente...

O posicionamento do informante INF34 é ressaltado na fala do informante INF30. O INF30 defende a ideia de uma forma diferente falada na cidade, constituída por “*sotaques*” diversos. Ao longo da entrevista, foi possível compreender que o informante considera como sotaque as variações fonéticas e lexicais da língua. Além disso, observa-se o posicionamento a respeito do português falado no Brasil e o português falado em Portugal, faz-se necessário atentar para a nacionalidade do informante: Português, trazido ao Brasil pelos pais na época auge do café e morador da localidade há 42 anos.

Outro ponto que merece destaque é o conhecimento sobre a colonização da cidade como um dos fatores que influenciam na fala local. Assis Chateaubriand é um município constituído por diferentes povos, sendo possível observar na atitude linguística, como mostram os dados, uma aceitação da cultura e fala como um fator que contribuiu para a construção da comunidade chateaubriandense.

#### **Recorte D (INF7 - MEMCGI)**

**INF3:** Algumas pessoas que vêm de fora e trazem o sotaque de onde vieram e acabam, às vezes, não se acostumando com o nosso jeito de falar e continua com o sotaque da sua natureza.

**INQ:** E qual é o jeito do chateaubriandense falar?

**INF7:** (Risos) Ahhh, assim como eu tô falando, num tem como explicar.

**INQ:** Como você acha que os moradores daqui falam?

**INF7:** Falam com um pouco de gírias...

**INQ:** Você pode me dar exemplos?

**INF7:** Hum, tem tantos...

**INQ:** As pessoas que moravam em outros lugares e que vieram morar em Assis, você acha que houve uma mudança na fala delas?

**INF7:** Algumas você percebe que muda, que acabam falando como o pessoal daqui, tem gente que você percebe que (é,é,é) tem uma descendência diferente e que não falam qui nem nós, falam diferente.

**INQ:** Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?

**INF7:** Ahh, melhor, eu acredito que melhor.

O INF7 mostrou-se agitado respondendo de forma direta e pontual às questões, por isso é possível observar que algumas indagações não estão presentes no questionário, mesmo havendo, por parte do inquiridor, uma tentativa para maior interação.

É possível observar, ainda, a diversidade dos falares na localidade, a cidade acolhe quem vem de fora, no entanto nem todos se adaptam à forma chateaubriandense de comunicar-se, que segundo o entrevistado é melhor se comparada às demais.

Além dos fatores linguísticos, os fatores sociais influenciam nas reações dos moradores de Assis Chateaubriand, dessa forma, àqueles que não falam “*qui nem nós*” são os que vieram de fora e não se ajustaram a organização da comunidade chateaubriandense. “Desenvolvemos nossas atitudes ao enfrentarmos e ajustarmo-nos ao meio social e uma vez, desenvolvidas, emprestam regularidades aos nossos modos de reagir e de facilitar o ajustamento social” (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p. 68).

O recorte da entrevista a seguir trata-se de um morador nascido e criado na cidade de Assis Chateaubriand. Em diversos momentos de sua fala ficou evidente a satisfação em residir no local e ao ser questionado sobre o povo chateaubriandense responde de forma entusiasmada: “*As pessoas daqui são legais e interessantes, gente boa. O chateaubriandense é muito querido né, inclusive quem morou aqui sempre tem vontade de voltar pra cá ou de vim passear aqui né*” (INF).

O orgulho em ser chateaubriandense é o que o define como pertencente a um grupo e sua atitude em relação a esse grupo e à língua é positiva, como comprova o relato abaixo:

#### **Recorte E (INF11 - HEMCGI)**

**INQ:** Como os moradores daqui falam?

**INF11:** As pessoas daqui falam? Ahh falar pra você como...

**Interferência<sup>35</sup>:** O sotaque...

**INF11:** O sotaque, acho que é normal, um sotaque chateaubriandense mesmo né.

**INQ:** E como é sotaque chateaubriandense?

---

<sup>35</sup> Neste caso houve interferência de um familiar que acompanhou a entrevista.

**INF11:** (Risos) o pessoal é meio caipira, né, eu acho, (risos) né, eu acho assim, né, não sei né, eu gosto desse jeito, (risos).

**INQ:** Há pessoas de outros lugares que já moravam ou têm vindo morar aqui em Assis Chateaubriand. Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?

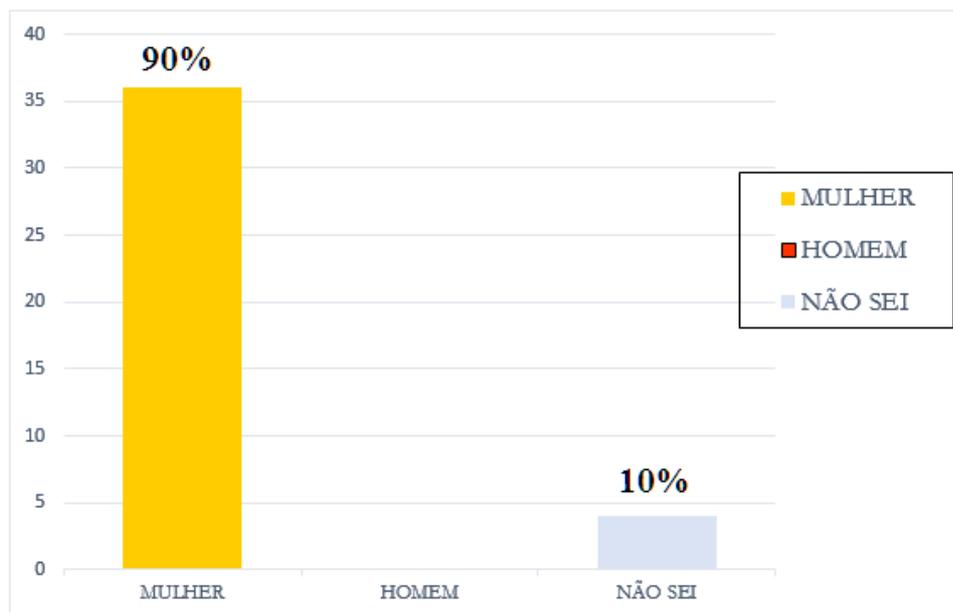
**INF11:** Ah, ah num sei hein, isso aí hein... Ah eu acho que cada um tem seu sotaque, mas eu acho que o povo de Assis fala bem também né, acho que, que fala melhor que o pessoal que vem de fora.

Dois pontos do recorte E merecem destaque, ao ser questionado sobre o sotaque de Assis Chateaubriand, o informante afirma ser caipira, contudo, ao que parece orgulha-se do “sotaque” dito caipira. Diferente do posicionamento do INF35 que afirma ser um sotaque caipira e atenta que “*é o jeito errado de falar*”. Ainda hoje no Brasil o dialeto “caipira” é alvo de críticas e estigmatizado, associado aos moradores rurais proletariados: “os genuínos caipiras, os roceiros, ignorantes e atrasados” (AMARAL, 1920, p. 41).

Referente à avaliação do falar chateaubriandense, em um primeiro momento o participante hesita em classificá-lo como melhor ou pior, entretanto, finaliza julgando positivamente, essa atitude positiva representa a identidade linguística do falante e a fidelidade à sua terra.

No gráfico 2, para a questão 13: *Na sua opinião, quem fala melhor, os homens ou as mulheres?*, ficam evidentes as crenças dos falantes no que diz respeito a superioridade da fala feminina diante à fala masculina. 90 % dos entrevistados avaliam positivamente a fala da mulher e 10% não souberam responder. Estudiosos como FISCHER (1958), TRUDGILL (1974), LABOV (1972), MOLLICA (2004) e TARALLO (2011) tratam das diferenças entre a fala das mulheres e a fala dos homens, esses autores trazem a mulher como mais conservadora linguisticamente e mais favorável às variantes de prestígio.

As falas dos homens e das mulheres são distintas, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por essa razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais (TRUDGILL, 1974).



**Gráfico 38.** Pergunta Metalinguística 13.

Dentre os participantes que avaliaram a fala feminina como *melhor*, a alegação foi que a mulher é mais sensata e cordial na escolha das palavras, além disso, ao explicar algo é mais paciente e a voz é mais suave. Adiante, os comentários dos informantes embasam os dados do gráfico 38: as mulheres falam melhor.

#### **Recorte F (INF14 - MEFIGII)**

**INF14:** A mulher explica um pouquinho melhor né, o homem é de deixar pra lá, (risos).

**INQ:** Por que o homem é mais de deixa pra lá?

**INF14:** (Risos) Ah, falam do jeito que querem, são mais ambiciosos que as mulheres também. Eles não se preocupam tanto se a gente vai entender o que diz, na verdade, eles dizem e se as pessoas não entendem eles continuam explicando com as palavra que acham mais fácil de falá. Você entendeu? (Risos)... Ahh, a mulher é mais cuidadosa, cuida das palavra que fala na frente dos filhos o homem se estiver bravo não... (Risos).

O fragmento apresentado acima destaca a crença que o informante tem a respeito da diferença entre a fala dos homens e das mulheres. Essa crença está baseada em suas experiências, que conforme relatado, demonstram que o homem se preocupa em transmitir a mensagem de forma que seja compreendido sem se preocupar tanto com a forma considerada certa ou errada.

**Recorte G (INF34 - HEFIGII)**

**INF34:** O Homem gagueja mais, a mulher é mais branda, fala mais calma, o homem é um pouco mais... fala muito alto, nesse sentido assim.

**Recorte H (INF20 - HEMCGII)**

**INF20:** As mulheres falam bem mais do que o home, né.

**INQ:** Melhor ou pior?

**INF20:** Melhor (risos), eu acho...

**INQ:** É? Por quê?

**INF20:** Ah, depende... (risos)

**INQ:** Depende de quê?

**INF20:** Ahh, não sei, porque tem homens que falam bonito né, fala bem também.

**INQ:** E como os homens falam?

**INF20:** Fala muito rápido e alto (risos).

**Recorte I (INF8 - MEMCGII)**

**INF8:** A mulher, né?

**INQ:** Por quê?

**INF8:** Vou fala do que vejo aqui. Os homens, a maioria, trabalha na roça e eles não se preocupam muito se estão falando do jeito certo. Nós, mulheres, estudamos mais e deve ser por isso que nossa fala é melhor.

**Recorte J (INF10 - HEFIGII)**

**INF10:** A mulher.

**INQ:** Por quê?

**INF10:** Os homens fala rápido, alto e, às veiz, enrolado.

**Recorte K (INF27 - HEMCGI)**

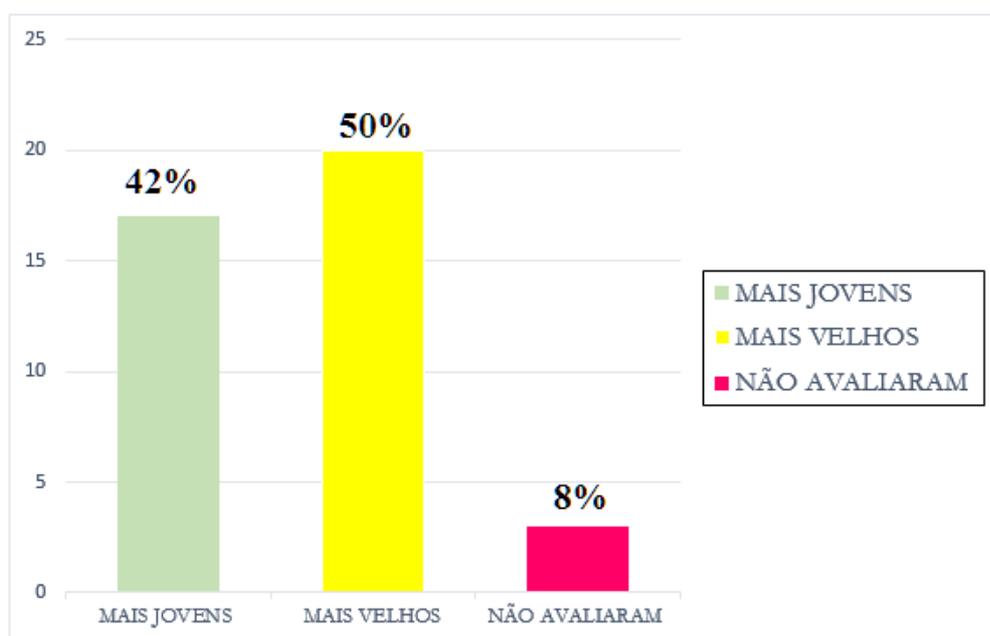
**INF27:** Eu acho que as mulheres né, falam melhor sempre.

**INQ:** Por quê?

**INF27:** Ah não sei as mulheres estudam mais, são mais dedicadas, então eu acho que falam melhor sempre sim.

Os fragmentos apresentados são transcrições das falas do inquiridos, não havendo, portanto, qualquer interferência por parte do pesquisador. Esses recortes são demonstrações das crenças que os falantes têm a respeito da fala do seu grupo.

A seguir, no gráfico 42, para a questão : *As pessoas de idades diferentes falam igual? Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos?*, houve uma divisão nas concepções, por esse motivo a explicação será feita individualmente. Dos entrevistados, 42% avaliaram a fala dos jovens positivamente, 50% ponderaram a fala dos mais velhos e 8% preferiram eximir-se da avaliação.



**Gráfico 39.** Pergunta Metalinguística 14.

Para os estudos sociolinguísticos o fator faixa-etária se combinado aos fatores gênero/sexo e escolaridade revelam aspectos essenciais dos fenômenos linguísticos. Não é um fator simples, pois está diretamente relacionado à conservação, às variações e às mudanças na língua.

#### **Recorte L: (INF12 - HEMCGII)**

**INF12:** Ah, daí tem mais diferença, assim, às vezes alguns termos mais antigos, mas...

**INQ:** E isso dificulta a comunicação?

**INF12:** Pra mim não, às vezes se é alguma coisa que eu não conheço então eu pergunto pra pessoa que me falou o que seria.

**INQ:** Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos?

**INF12:** (Risos e gesto com os ombros).

O Informante tem consciência das diferenças, mas assegura que não há problemas na comunicação e quando não compreende pede maiores explicações. Quanto à avaliação manteve-se neutro, essa neutralidade pode significar um relacionamento mais rotineiro com pessoas de mais idade e, conseqüentemente não se interessando por um julgamento de valor.

**Recorte M: (INF36 - HEMCGII)**

**INF36:** Aqui em Assis Chateaubriand mesmo, se você sai no final de semana em uma festa ou outra é bastante gíria. O pessoal mais idoso eles falam é, é, assim, um português mais, mais transparente, às vezes que por mais que tenha um pouquinho caipira ali, mas você entende tranquilo né, agora, mas tem gíria que você não entende nem que... (Risos)

**INQ:** Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos?

**INF36:** Os mais velhos.

O INF36, defende que a língua dos mais velhos é mais transparente, como citado por ele, as gírias poluem a compreensão da fala dos jovens. As gírias são vistas como deturpadoras da língua e estão associadas à fala dos jovens, já os idosos conservam a língua ao falarem de forma concisa.

O que é considerado “caipira” está ligado à fala dos mais velhos e ao ser questionado o que seria o *caipira*, o informante diz que são os mais antigos ou os que colonizaram Assis Chateaubriand e, moram na roça. As relações sociais construídas ao longo dos anos são repletas de subjetividade e trazem consigo as crenças de um grupo ou até mesmo de um indivíduo, isso fica evidente na afirmação do INF36. “Las normas y marcas culturales de un grupo se transmiten o enfatizan por medio de la lengua” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

**Recorte N: (INF32 - MEMCGII)**

**INF32:** Sim falam. Eu acho que tem, tem sim. Eu acho que qualquer pessoa que tem um pouquinho de leitura<sup>36</sup>, a fala dela é deferente da outra.

**INQ:** E a fala da M<sup>37</sup>. é diferente da fala da senhora?

<sup>36</sup> Neste caso, a leitura é sinônimo de escolaridade.

<sup>37</sup> Para preservar a identidade, optou-se por abreviar o nome citado. Refere-se a uma adolescente que estava na casa no momento da entrevista.

**INF32:** É um pouco, não sei se é porque ela sabe mais um pouquinho e a gente não sabe nada, (risos). Tem muita coisa que as vez a gente fala de um jeito e é de outro, só que a gente entende tudo, se ela fala uma coisa lá que eu sei o que, mas não falo daquele jeitinho, mas eu sei o que ela está falando.

**INQ:** Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos?

**INF32:** Os jovens né, (risos).

**Recorte O: (INF40 - MEMCGII)**

**INQ:** E as pessoas de idades diferentes, por exemplo nós duas, falamos diferente da senhora?

**INF40:** Ah sim, eu acho que vocês falam melhor do que eu, (risos). Eu acho que os mais jovens falam melhor porque eles têm mais estudo, né. A gente é mais atrasadinho um pouco, a gente fala muita coisa errada, (risos), muitas palavras erradas né, mas os jovens, eu acho que os jovens falam bem.

Os recortes N e O enfatizam a escolaridade como a marca distintiva entre a fala dos mais jovens e dos mais velhos. Vale ressaltar as palavras do INF40, ao deixar claro que a língua é estruturada e há formas consideradas erradas, ficando evidente a consciência linguística do falante e o prestígio pela fala do grupo escolarizado.

**Recorte P: (INF21 - MEFIGI)**

**INF21:** Ah tem sim, na fala dos jovens tem um pouquinho daquilo que ele vive no agora. E na fala dos mais velhos tem muito da história deles, de onde veio. Acho que não tem quem fala melhor, cada um fala do seu jeito né, jovem e velho.

Mais uma vez, a ausência de atitude está presente nos comentários, percebe-se que para o INF21 as culturas dos jovens e dos velhos são diferentes e cada uma possui características particulares. Momentos distintos, experiências distintas e grupos distintos que não são comparados, pois “*cada um fala do seu jeito*” (INF21). Essa postura destaca a neutralidade e talvez a ausência de preconceito linguístico no que diz respeito à distinção das falas de jovens e idosos.

**Recorte Q: (INF16 - MEMCGII)**

**INF16:** Os mais antigos falam diferente.

**INQ:** O senhor acha que isso é devido a que?

**INF16:** Ah eu acho qui é a idade né, adolescentes é diferente né, são muito apressados (risos).

**INQ:** Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos?

**INF16:** Hum não sei dizer, acho que é diferente.

Destaca-se no recorte Q a associação da fala dos adolescentes à rapidez, essa característica pode ser fisicamente, mentalmente e linguisticamente. Porém, não houve uma avaliação sobre quem fala melhor.

### **Recorte R: (INF28 – HEMCGII)**

**INQ:** Pessoas de idades diferentes falam diferente, os jovens e os velhos?

**INF28:** Falam, falam. Numa conversa entre um neto e o vô, o neto pode falá gírias que o vô não vai entendê e o vô pode falá palavras que não é do convívio do neto. Eu não sei dá um exemplo assim, mas é... se chega um neto de quinze anos lá e falá para um vô de oitenta: *tá ligado, vô?* O vô vai falá alguma coisa sobre tomada e se o vô falá pro neto uma palavra, sei lá, de algo que tinha na época, por exemplo, hummm... sei lá: *vamô aproveita enquanto o Braz é tisorero* ou alguma coisa assim, sei lá...

**INQ:** o que isso significa?

**INF28:** Vamos aproveitá pra fazê agora, antes que a festa acabe. Esse foi o exemplo que eu encontrei pra dizê que tem diferença, tem diferença sim, mas não tem quem fale melhor.

O recorte R destaca as diferenças lexicais que podem existir entre os falantes de idades diferentes, contudo, manteve-se neutro e preferiu não escolher quem fala melhor ou pior. Infere-se, diante do relato, que o inquirido compreende que a língua muda com o passar do tempo e que isso é um processo natural a todas as línguas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Assis Chateaubriand/PR, em sua colonização, teve um momento de glória no cenário nacional o que possibilitou a vinda de inúmeros brasileiros que buscavam melhores condições de vida. Ao ser colonizado, muitos traços linguísticos e culturais foram trazidos por pessoas de diferentes lugares do Brasil, o que conferiu à cidade uma organização multiétnica e multidialetal.

Neste trabalho, os dados analisados apresentam um panorama sobre a realidade linguística da cidade de Assis Chateaubriand, seu contexto multiétnico oferece elementos para estudos linguísticos. Contudo, esta pesquisa atentou às ocorrências do rotacismo considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos.

A todo instante a língua sofre interferências internas e externas determinantes na consolidação do cenário da variação. Buscando compreender de que forma esses fatores são decisivos na prática do rotacismo na fala chateaubriandense, a pesquisa foi dividida 5 momentos primordiais: delimitação da rede de pontos, escolha dos informantes, coleta dos dados, transcrição das entrevistas e análise dos dados.

A partir da escolha da rede de pontos, objetivou-se compreender em quais pontos o fenômeno se faz presente e, assim, amparar os dados nos fatores históricos e geográficos. Graças ao grande envolvimento de alguns colonizadores que se propuseram a participar de entrevistas e aos materiais disponíveis para leitura, as análises puderam ser concluídas com êxito. Os informantes foram selecionados devido à constatação do fenômeno em grupos de falas distintas, desde os adolescentes aos mais velhos.

A pesquisa, que comprovou a realização do rotacismo, junta-se a outros tão importantes trabalhos que buscam descrever o fenômeno natural ao latim e às línguas latinas. Visto de forma estigmatizada, em várias regiões do Brasil e ao longo da história, a rotacização encontra no município de Assis Chateaubriand/PR um contexto favorável à sua realização desvencilhada de estigma, é tida pelos falantes como uma forma “diferente”, uma dentre tantas outras maneiras possíveis de expressar-se na língua portuguesa.

O cenário multiétnico e multidialetal da constituição da fala do município possibilitou que não apenas a rotacização fosse atestada na análise dos dados, a variação faz parte da fala da localidade, deixando um convite a novas pesquisas que cooperem para um retrato atual da fala do Oeste do Paraná.

A realidade multicultural e multidialetal só é possível, hoje, graças ao movimento de colonização que objetivou o povoamento das regiões do interior do Brasil, dentre elas, o

Oeste do Paraná, que teve o solo fértil como o principal propulsor das migrações e imigrações para essa parte do estado. Nesse fluxo de colonização e povoamento, o Vale do Piquiri chamou a atenção da colonizadora e de desbravadores vindos de diversos pontos do Brasil que, após intensos esforços e lutas por terras, cresceu surpreendentemente. Em especial um se destacou nesse processo, resultado das possibilidades de riquezas proporcionadas por um solo fértil, conhecida como “Morada Amiga” (MAIOR,1996).

O poder e as boas condições oferecidas pela “Terra Roxa” fez com que na década de 70 a cidade de Assis Chateaubriand/PR chegasse a 112 mil habitantes, contexto que colaborou sobremaneira para a realidade dos falares chateaubriandense. Amparando-se nesse cenário, os pontos de inquérito foram selecionados em razão de suas situações geográficas e históricas, conforme imaginado, esses pontos revelaram dados distintos no que concerne à realização do rotacismo.

O ponto 01, Bragantina, foi escolhido devido a sua característica rural, acreditava-se que os traços linguísticos da fala chateaubriandense não fosse tão marcante, uma possível justificativa seria sua posição geográfica. No entanto, a análise dos dados possibilitou compreender que por mais que esteja afastada geograficamente do centro da cidade de Assis Chateaubriand/PR a rotacização é realidade na fala desse distrito. Além disso, por mais que esteja distante dos outros pontos, não houve grandes diferenças se comparado aos pontos 02, 03 e 04 localizados próximos ao centro da cidade de Assis Chateaubriand/PR.

No ponto 02, Encantado D’Oeste, pode-se comprovar a rotacização nas diferentes variáveis, apontando para a estabilidade do fenômeno. Acredita-se que isso esteja fortemente associado à escolaridade dos falantes, uma vez que nesse ponto, apenas 1 inquirido possui o ensino superior completo.

No ponto 03, distrito Engenheiro Azaury, localizado a 10km do centro da cidade de Assis Chateaubriand/PR, a rotacização também foi constatada em todas as variáveis eleitas para este estudo. O ponto 04, Jardim Progresso, apresentou-se como o maior realizador do fenômeno do rotacismo, apontando para a conservação da rotacização na fala dos mais jovens. Diante disso, enfatiza-se as características econômicas e sociais desse ponto que se encontra distante do centro da cidade de Assis Chateaubriand/PR, é residido por pessoas mais carentes e apresenta o índice de menor escolaridade dentre os entrevistados.

Já o ponto 05, Jardim América, em virtude de seus aspectos econômicos, históricos e sociais, o rotacismo ocorreu com menor frequência. Além disso, neste ponto, os falantes possuem um maior contato com leitura e escrita, dado diferente ao apresentado nos outros

pontos de inquérito. Os gráficos apontaram para um possível desaparecimento do rotacismo na fala desse grupo.

Os pontos de inquérito 01 e 02 mesmo estando próximos a cidades de colonização sulista possuem muitas características comum aos pontos 4 e 3, resididas em sua maioria por nordestinos.

No que diz respeito às dimensões diastráticas, as variáveis sexo, faixa-etária e escolaridade foram essenciais para a compreensão e fundamentação sobre a ocorrência do fenômeno, a fusão das três variáveis ofereceram um panorama mais preciso da fala chateaubriandense. Para justificar o rotacismo, fundamentado nos processos linguísticos, o respaldo teórico às pesquisas realizadas no Brasil e no mundo foram o ponto chave desta pesquisa. Diante disso, este trabalho constatou que a rotacização é realidade na fala dos chateaubriandenses, isso porque em todas as variáveis, sexo, faixa-etária, escolaridade e rede de pontos, ocorreu a rotacização, fato comprovado pelos dados do questionário fonético-fonológico.

Referente à dimensão diasssexual, na fala dos homens, a realização do fenômeno foi mais comum, homens e mulheres assumem papéis distintos na sociedade, como consequência, os comportamentos linguísticos também são distintos. Mesmo que a diferença nos percentuais não seja expressiva, os dados apontaram que o fenômeno ocorre em maior proporção na fala masculina.

A constatação do fenômeno também ocorreu em maior proporção na geração II (45 a 65 anos). Embora comprovado em quase todas as variantes, o rotacismo foi constatado com maior frequência na fala da geração II, fato que legitima a estabilidade das variantes. Esse dado assinala para uma possível mudança linguística, contudo, sincronicamente, o rotacismo é realidade na fala da GI (15 a 35 anos) e GII (45 a 65 anos).

Todavia, a variável escolaridade mostrou-se decisiva na não realização do fenômeno do rotacismo. Os informantes não demonstraram estigma em relação à rotacização, porém, foram poucas as realizações na categoria EMI (Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto). Já na categoria EFI (nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto) a rotacização ocorreu com bastante frequência. Diante disso, esses dados ratificam a hipótese inicial deste estudo, a variável escolaridade é decisiva na não realização de variantes não-padrão e na conservação na norma padrão.

Outro ponto que merece destaque, a rotacização está presente na fala das mulheres, na geração I (15 a 35 anos) e na categoria EMC, em menores proporções. Ainda que em menor frequência, a rotacização também é realidade na fala das mulheres e dos falantes mais

escolarizados, além disso, não é visto como uma forma estigmatizada, apenas como uma forma diferente para a pronúncia de uma palavra.

No que tange às variáveis linguísticas, os encontros consonantais favorecem a rotacização, essa declaração está fundamentada na presença considerável do fenômeno nos contextos silábicos CCV e pela melhor acomodação da vibrante na posição de segundo elemento em ataque complexo. Nos contextos silábicos de coda medial e de coda final a rotacização ocorre com menor frequência, nessas posições a realização do rotacismo coexiste com outros fenômenos: a vocalização e o apagamento. Os contextos silábicos e o contexto precedente favorecem a coexistência dos três fenômenos, no entanto, a vocalização é a variante mais utilizada pelos falantes.

Nos contextos silábicos de coda medial e de coda final a vocalização é o fenômeno predominante, sendo assim, nas 13 questões selecionadas para análise, a vocalização foi unânime na fala de todos os inquiridos.

Das perguntas metalinguísticas, pode-se depreender que os chateaubriandenses avaliam positivamente a fala dos moradores da localidade, fato comprovado pela análise das entrevistas. Essa característica demonstra a consciência linguística sobre os falares da localidade e a variação, natural às línguas, do português brasileiro. Quando os informantes se eximem da responsabilidade de avaliar uma língua em melhor ou pior e afirmam que cada indivíduo e cada grupo possuem suas particularidades na fala, atentam-se para às atitudes de falantes que possuem crenças construídas em um cenário multidialetal.

Por fim, mediante à apreciação dos dados, destaca-se a grande estima pela cidade, pelos moradores da cidade e por tudo que for denominado chateaubriandense, afirmações apercebidas na fala dos informantes.

Ao iniciar os estudos, acreditava-se que o fenômeno da rotacização não fosse visto como uma forma estigmatizada pelos falantes chateaubriandenses, hoje, ao concluir esta etapa, os dados comprovaram que de fato o rotacismo fez e faz parte do falar da cidade de Assis Chateaubriand/PR, distribuído no interior das dimensões sociais. Almeja-se que os resultados apresentados neste trabalho contribuam para outras pesquisas que tenham como finalidade a comprovação do fenômeno do rotacismo na região.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

\_\_\_\_\_. **Atlas Lingüístico do Paraná – Apresentação**. Londrina: Eduel, 1996.

\_\_\_\_\_. **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998.

\_\_\_\_\_. **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras**. Estudos linguísticos, São Paulo, v.2, p.105-112, 2008a.

\_\_\_\_\_. Estudos geolingüísticos no Brasil: caminhos e propostas. **Estudos Lingüísticos**. São José do Rio Preto: UNESP, v. 1, n. 1. p. 119-126, 1998.

\_\_\_\_\_. **O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas**. São Paulo: Alfa, p. 703-723, 2014.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Org.). **Documentos I: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004.

ALiB - Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/ALiB/MetodologiaGeral>. Acesso em 15/out/2015.

ALINEI, Mario. **L’Atlas Linguarum Europae: risultati, struttura, storia, prospettivi**. In: MOUTON, Pilar García (Ed.). Geolingüística. Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 1-39.

ALKIMIM, Tania. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística 1**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p.21- 48.

ALTINO, Fabiane Cristina. Pelos caminhos da geolinguística paranaense: em estudo do léxico popular de Adrianópolis. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 475-498.

ALVAR, Manuel (Dir). **Manual de dialectología hispánica**. El español de España. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**, São Paulo: Contexto, 1997.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. 6.ed. São Paulo: Contexto. 2011. p. 121-140.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EdPUCRS, 2010.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A história e as contribuições de um projeto na linha de pesquisa. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 357-370.

\_\_\_\_\_. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

BRASIL. Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=108194&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>. Acesso em: 18/jun/2016.

BROD, Lílian Elisa Minikel. **O Comportamento Variável da Lateral em Coda no Falar de Rendeiras em Florianópolis**. Florianópolis, 2010, B864c. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2010.

BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística 1**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BOTELHO, José Mário; LEITE, Isabelle Lins. “**Metaplasmos contemporâneos: Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa**”. Anais do II CLUERJ-SG, Volume Único, Ano 2, n.º 01, 2005.

BUSSE, Sanimar. **Atlas linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala**. **Signum: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, jul. 2009.

\_\_\_\_\_. **Investigações Geossociolinguística s: Considerações para uma descrição dos fenômenos da variação**. **Revista Línguas & Letras**, v. 13 nº 24 1º Sem. p. 90 - 116. 2012.

\_\_\_\_\_. **Um estudo geolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. Londrina, 2010, 284 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2010.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1970.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à linguística 1**. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p.49- 76.

CARDOSO, Jayme Antonio; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba, Livraria do Chain, 1986.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARUSO, Pedro. Metodologia da pesquisa dialetológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 371-380.

\_\_\_\_\_. **Revisitando Amadeu Amaral**. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/715.pdf>. Acesso em 20/mai/ 2014.

CENTRO VIRTUAL CAMÕES. **Os Lusíadas: o manuscrito misterioso**. Lisboa, 2016. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/historiasdivertidas/manuscritomist/lusiadas.html>. Acesso em 20/jun./2016.

CHAGAS, Paulo. **A mudança linguística**. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. 6.ed. São Paulo: Contexto. 2011.p. 141- 163.

CHAMBERS, Jack K; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

COLOGNESE, Silvio Antonio; GREGORY, Valdir; SCHALLENBERGER, Erneldo. **Tupãssi: do mito à história**. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999.

COSERIU, Eugenio. **La geografía lingüística**. Montevideu: Universidad de la República, 1950.

\_\_\_\_\_. **Sincronia, diacronia e história**. El problema de cambio lingüístico. Gredos: Madrid, 1988.

COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do Rotacismo: variação entre as consoantes líquidas**. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

\_\_\_\_\_. Ataque complexo no português brasileiro. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

\_\_\_\_\_. Análise variacionista do rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

COSTA, Samuel Guimarães da. **A Erva-Mate**. Curitiba: Farol do Saber, 1995;

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

\_\_\_\_\_. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

D'INTRONO, Francesco, et al. **Fonética y fonología actual del español**. Madrid: Cátedra, 1995.

EDWARDS, John. **Multilingualism**. London; New York: Routledge, 1994.

EMER, Ivo Oss. **Desenvolvimento histórico do Oeste do Paraná e a construção da escola**. Rio de Janeiro: IESAE/FGV. Mímeo, 1991.

FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristovão. **Prática de texto para estudantes universitários**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

FREIRE, Antonio. **Gramática latina**. 6. ed. Braga: Livraria A. I., 1998.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável Sociolingüística complexa. **Línguas & Letras**. v.6, n. 11, Cascavel: EDUNIOESTE, 2005. p. 106-121.

FREITAG, Raquel Meister Ko et al. **Vamos prantar froes no grobo da Terra:** Estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/Se. v.2. Jataí: RevLet, 2010, p. 17-31.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial:** migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **ALERS: Atlas Lingüístico-Etnográfico da região Sul do Brasil.** Volume I: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

\_\_\_\_\_. **ALERS: Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.** Volume II: Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

HORA, Dermeval da. **Fonética e Fonologia.** UFPB, 2009. Disponível em <http://biblioteca.virtual.ufpb.br>. Acesso em 20/mar/2014.

\_\_\_\_\_. **Vocalização da lateral //:** correlação entre restrições sociais e estruturais. **SCRIPTA**, Belo' Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º sem. 2006.

IMAGUIRE, Lígia Maria Campos. **Método e procedimentos utilizados no estudo geossociolinguístico de alguns municípios do litoral Sul Paulista:** abordagem de aspectos semânticos-lexicais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 431-462.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4102000>. Acesso em 06/jun/2016.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico do município de Assis Chateaubriand.** Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85935>. Acesso em 03/fev./2016.

\_\_\_\_\_. **Microrregiões Geográficas (IBGE) - Paraná.** Disponível em [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/microrregioes\\_geograficas\\_base\\_2010.jpg](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/microrregioes_geograficas_base_2010.jpg). Acesso em 27/jul/2016.

\_\_\_\_\_. **Oeste paranaense: o 3.º espaço relevante: relatório de pesquisa.** Curitiba, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LABOV, William. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem - Revel. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Principios del cambio lingüístico.** Vol. 1. Madrid: Gredos, 1994.

LINDAU, M. The story of /r/. In: FROMKIN, V. A. **Phonetic linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged.** Orlando: Academic Press, 1985. p. 157-168.

LOPEZ-MORALES, Humberto. **Sociolingüística.** Madrid: Gredos, 1993.

LOPES, J. S. Miguel. **A TV na sala de aula: novas configurações para o saber oral.** Complexos, v.1, p. 1-12, 2003.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística.** 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

LORENZO, Ramón Vázquez. El rotacismo en las lenguas românicas. **Verba: Anuario Galego de Filoloxía.** v. 2, p. 119-136, 1975. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10347/2851>. Acesso em 03/jun/2016.

MAIOR, Laércio Souto. **História do Município de Assis Chateaubriand: o encontro das correntes migratórias na última fronteira agrícola do estado do Paraná.** Maringá: Clichetec, 1996.

MAGALHÃES, Marisa V. **O Paraná e suas regiões nas décadas recentes: as migrações que também migram.** Belo Horizonte, 2003. Tese (Doutorado) – UFMG/CEDEPLAR. <http://www2.sescpr.com.br/inventario/regioes.php?cod=6>.

MAPA DO PARANÁ. Disponível em :

[http://www.planejamento.mppr.mp.br/arquivos/Image/mapas/mapa\\_oeste.jpg](http://www.planejamento.mppr.mp.br/arquivos/Image/mapas/mapa_oeste.jpg). Acesso em 04/ago/2015.

MARROQUIM, Mario. **A Língua do Nordeste.** [1934] 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, Jacyra. Metodologia na pesquisa geolingüística: o questionário fonético-fonológico. **Revista Prolínguas**, João Pessoa, Edições da Universidade Federal da Paraíba, nº 2, v.2, p. 1-11, jul./dez/ 2008.

MOUTON, Pilar García (Ed.). **Geolingüística.** Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 1-39.

\_\_\_\_\_. **Mujer, dialecto y prestigio** - Estudios sobre Lengua, Literatura y Mujer, Jaén: Universidad de Jaén, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobre la mujer en la encuesta dialectal.** Madrid: RDTP, 1988. p. 291-299.

NETO, Bento Munhoz da Rocha. **O Paraná, ensaio.** Curitiba: Farol do Saber, 1995.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000.** Campinas, SP : [s. n.], 2005.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

SÁ, Edmilson José de. **Variação do /l/ em Coda Silábica na Fala de Arcoverde (PE)**. Recife, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

SANDIN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa qualitativa em educação**. Tradução Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010. p. 47-75.

SANTOS, Raquel Santana. SOUZA, Paulo Chagas. Fonética. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística: II**. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2011. p.121.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: Teoria y Análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-32

SIQUEIRA, Ariela Soraya do Nascimento; MAGALHÃES, Mayara Letícia Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. **Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil**. São Paulo: Intercâmbio., 2014, p. 46-70.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2011.

TEM, Luiza Fernandes Tem. **Rotacização das líquidas nos grupos consonantais:**

representação fonológica e variação. 2010. 156f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

THUN, Harald et al. **El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU) Presentación de un proyecto**. Iberoromânia. Tübingen, 1989.

\_\_\_\_\_. **La géographie linguistique romane à la fin du XXe. siècle**. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. Actes... Tübingen: Niemeyer, 2000, v. 3. p. 367-388.

\_\_\_\_\_. **O português americano fora do Brasil**. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt: TFM, 2000.

\_\_\_\_\_. A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. Penguin Books: Canadá, 1974.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros. Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

APÊNDICE

OS FALARES DE ASSIS CHATEAUBRIAND/PR: UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DA REALIZAÇÃO DAS CONSOANTES LATERAL E VIBRANTE ALVEOLAR	
FICHA DA LOCALIDADE	
N° do Ponto: _____ N° do Informante: _____	
1. Nome Oficial da Localidade:	
2. Nomes Anteriores:	
3. Nome(s) Dado(s) aos Habitantes:	
4. Número de Habitantes:	
5. Dados sobre Emigração:	
6. Dados sobre a Imigração:	
7. Histórico Sucinto da Localidade (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):	
8. Observações Gerais:	
<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>	
1. Nome	2. Alcunha
3. Data de Nascimento	Sexo A) <input type="checkbox"/> B) <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
5. Idade	
6. Endereço	
7. Estado Civil A) Solteiro <input type="checkbox"/> B) Casado <input type="checkbox"/> C) Viúvo <input type="checkbox"/> D) Outro <input type="checkbox"/>	
8. Nacionalidade	9. Com que Idade Chegou a esta Cidade? (Caso não Seja Natural da Localidade)
10. Domicílio e tempo de permanência fora da Localidade	
11. Escolaridade	12. Outro Cursos A) Especialização B) Profissionalizante C) Outros
13. Escolaridade do Cônjuge	14. Outros Cursos A) Especialização B) Profissionalizante C) Outros
15. Nacionalidade A) da Mãe B) do Pai C) do Cônjuge	16. Foi criado pelos Próprios Pais? A) Sim B) Não
	17. Em Caso de Negativo, por Quem Foi Criado? Nacionalidade: A) da Mãe Adotiva B) do Pai Adotivo
18. Profissão	
19. Outras Profissões/ Ocupações	20. Profissão



A) "A"    B) "B"    C) "C"    D) "D"		
43. Grau de Conhecimento entre Informante e Inquiridor		
A) Grande    B) Médio    C) Pequeno    D) Nenhum		
44. Interferência Ocasional de Circunstâncias		
45. Caracterização Sumária do(s) Circunstância(s)		
46. Ambiente do Inquérito		
47. Observações		
48. Nome do Entrevistador	49. Local da Entrevista	50. Data da Entrevista
	Cidade:	
	UF:	51. Duração

PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS	
1.	Você conhece a história de Assis?
2.	De onde vieram as pessoas que moram aqui?
3.	Sua família veio de que lugar do Brasil? Esse lugar é diferente de Assis? Por quê?
4.	Quando chegaram aqui sentiram alguma diferença? Qual?
5.	A cidade mudou de alguma forma?
6.	Como são as pessoas que moram aqui em Assis?
7.	Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
8.	Como você acha que os moradores daqui ( <i>falar o nome da cidade</i> ) falam? Por quê?
9.	Tem gente que fala diferente aqui em _____ ( <i>citar a cidade</i> )? <i>Se houver, identificar os grupos "que falam diferente".</i> Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas " <i>que falam diferente</i> "?
10.	Há pessoas de outros lugares que já moravam ou têm vindo morar aqui ( <i>falar o nome da cidade</i> )? Como essas pessoas falam? Na sua opinião, os moradores daqui falam melhor ou pior que os outros?
11.	E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ ( <i>citar a cidade onde está</i> )? Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
12.	No passado, falavam diferente aqui?

13.	Na sua opinião, quem fala melhor, os homens ou as mulheres?
14.	As pessoas de idades diferentes falam igual? Quem fala melhor os jovens ou os mais velhos? <i>PEDIR PARA DAR EXEMPLOS.</i>

### QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

#### 1. SOLDADO

Como se chama a pessoa que usa farda, que vive no quartel? Quando um jovem de 18 anos se alista no exército ele vira um...

#### 2. PÓLVORA

... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que estourem?

#### 3. CLARA

O ovo tem três partes a casca, a gema e a ...

#### 4. BICICLETA

As crianças adoram, tem duas rodas, você pode sentar no banco e sair pedalandando...

#### 5. SAL

O que coloca na comida para dar sabor? (Mostrar um pacote de sal)

#### 6. PLACA

O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? O que se põe nos para-choques dos carros para identificar, tem umas letras e uns números, uma coisa assim (mímica)

#### 7. ALMOÇO

...uma refeição que se faz, em geral, ao meio dia?

#### 8. PLANTA

Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer; Só colhe quem \_\_\_?]

#### 9. MEL

É fabricado pela abelha...

#### 10. FLOR

Tem pétalas, é colorida, deixa “alegre” o jardim.

#### 11. ÚLTIMO

A pessoa que fica no início da fila é o primeiro, quem fica no final é o ...

**12. FLECHA**

(Imagem) Olhe este desenho, o que é?

**13. PLANETA**

Nós vivemos nele, seu nome é Terra, é redondo, sua maior parte é formada por água...

**14. CLARO**

O contrário de escuro é?

**15. CLIENTE**

Chamamos a pessoa que compra em uma loja, tem cadastro, e vantagens...

**16. FALTA**

Quem não comparece às aulas “ganha”/ Quando um jogador derruba o outro durante uma partida de futebol o juiz apita e diz: “É...!”

**17. SOL**

É amarelo e brilha forte durante o dia no céu....

**18. FLAMENGO**

Como se chama aquele time do Rio de Janeiro que tem as cores vermelha e preta na bandeira?

**19. CHICLETE**

É um doce que as crianças adoram, no começo é durinho, depois fica parecendo uma borracha, dá até para fazer bolhas...

**20. GLOBO**

É um canal de TV, as pessoas gostam de assistir às novelas e ao Jornal Nacional.

**21. INGLÊS**

Quem nasceu na Inglaterra é?

**22. CALÇA**

É uma peça de roupa, usada por homens e mulheres, cobre as pernas, pode ser jeans, de malha...

**23. BLUSA**

É uma peça de roupa, comumente usada em dias frios ou mais fresquinhos, cobre a parte dos braços.

**24. PAPEL**

É feito a partir da celulose, as pessoas escrevem, desenham e rabiscam nele, pode ser colorido e embrulhar presentes, é utilizado no banheiro...

**25. POLVILHO**

Ingrediente utilizado para fazer pão de queijo, tapioca e biscoitos, à base de mandioca e é um pó muito fino...

**26. PALMEIRA**

É uma árvore muito parecida com o coqueiro, mas não dá frutos. Tem as folhas cumpridas e o “tronco” e assim (mímica)

**27. PROBLEMA**

Quando as pessoas têm dificuldade para resolver alguma situação, ela tem um grande...

**28. VARAL**

Corda onde as pessoas penduram as roupas para secar.

**29. CLUBE**

É um lugar com piscina, parque para as crianças, quadras para jogos e para desfrutar de tudo isso você precisa ser sócio.

**30. SALGADINHOS**

É de comer. Na festa de aniversário tem bolo, docinhos e ...

**31. FUNIL**

É um objeto, tem forma de cone e serve para despejar líquidos em recipientes./ As pessoas utilizam para despejar o óleo dentro de garrafas.

**32. CLIMA**

Diz respeito à temperatura. Pode ser ensolarado, chuvoso, nublado ou ameno. Tem um espaço no jornal para falar sobre ele...

**33. CALÇADA**

Espaço feito para as pessoas andarem, pode ser em frente às casas, próximo às ruas, em frente às lojas.

**34. ALGODÃO**

É branco e fofinho, usado para tirar o esmalte da unha e também é usado em hospitais, vem de um vegetal.

**35. FLAUTA**

Qual é o instrumento musical de sopro, formado de um tubo oco com furinhos? Ou

Que instrumento é este/ (Imagem)

**36. NUBLADO**

Quando o sol está escondido entre as nuvens podemos dizer que o dia está...

**37. FLORESTA**

Também pode ser chamada de mata, há várias árvores plantadas, no Brasil temos uma chamada Amazônica...

**38. ALFACE**

É uma verdura, é cheia de água, é verde, pode ser crespa, tem no X-Salada...

## 39. NEBLINA

Parece uma fumacinha, em dias muito frios e úmidos ela aparece branquinha, também pode ser chamada de cerração, nevoeiro e névoa...

## 40. DIPLOMA

Quando uma pessoa termina a faculdade ela se forma e recebe um...

<b>TEMAS PARA DISCURSO SEMIDIRIGIDOS</b>	
--	--

1.	Relate um acontecimento importante em sua vida.
2.	Conte um sonho interessante que já teve.
3.	Na juventude o que costumava fazer para se distrair <sup>38</sup> .
4.	Como é a vida aqui em (falar o nome da localidade/cidade). O que as pessoas fazem para sobreviver? Como se divertem? Como é a comunidade?
5.	Relate um fato curioso ou uma história de (falar o nome da localidade/cidade).

<sup>38</sup> Dependendo da faixa etária a pergunta pode ser diferente: O que você costuma fazer para se distrair?

**ANEXOS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pelo presente instrumento, declaro que fui suficientemente esclarecido (a) pela professora **Michelli Cristina Galli** sobre os procedimentos da entrevista, a que vou me submeter e da qual irei participar.

Declaro também que fui informado (a) sobre a pesquisa, sobre a entrevista e sobre o tratamento das informações que darei, que servirão para registrar a história das pessoas e do município de Assis Chateaubriand - PR.

Declaro que fui informado (a) sobre o desenvolvimento da entrevista e sobre a importância da minha participação para alcançar o objetivo da pesquisa.

Estou ciente de que, caso não concorde com os procedimentos, com as questões e com as atitudes da entrevistadora poderei solicitar para parar e, assim, interromper a entrevista.

Pelo presente, também, manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para a realização da entrevista.

Assis Chateaubriand, de        de 201

---

Nome e assinatura do informante

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

**Título do Projeto:** OS FALARES DE ASSIS CHATEAUBRIAND/PR: UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DA REALIZAÇÃO DAS CONSOANTES LATERAL E VIBRANTE ALVEOLAR.

Pesquisador responsável com telefones de contato: Michelli Cristina Galli – (45) 99067769 (44)84166552 (44)91052167

Convidamos (você) a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de descrever e analisar a realização das consoantes lateral e alveolar na fala de Assis Chateaubriand – Paraná, para identificar a frequência e a distribuição diatópica e diastrática das variantes para a lateral e a vibrante alveolar e o fenômeno do rotacismo.

O questionário possui perguntas metalinguísticas e fonético-fonológicas. As entrevistas serão gravadas, para depois serem arquivadas e disponibilizadas em estudos futuros. Não haverá identificação do informante e os dados serão disponibilizados por estudos realizados pelo projeto coordenado pela Pesquisadora Responsável e seus colaboradores.

Durante a execução da entrevista e do projeto, você poderá pedir a sua interrupção e então a exclusão dos seus dados do projeto. Não haverá riscos ou danos ao informante, pois não serão identificados e, somente, serão estudados os dados linguísticos, não informações de cunho pessoal ou familiar que possam ser veiculados durante a entrevista. Para algum questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento. Sua participação na investigação contribuirá para o retrato dos falares do Paraná, uma vez que, esta pesquisa se propõe a descrever, analisar e estudar as variantes para a vibrante e a lateral na fala de Assis Chateaubriand, no Oeste paranaense.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será entregue em duas vias, sendo que uma ficará com o/a senhora/a; não serão pagos ou cobrados valores para participar do estudo; a identidade de participante será mantida em sigilo e os dados serão utilizados só para fins científicos; poderá ser solicitado o cancelamento da sua participação a qualquer momento.

Declaro estar ciente do exposto e aceito participar da pesquisa **OS FALARES DE ASSIS CHATEAUBRIAND/PR: UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DA REALIZAÇÃO DAS CONSOANTES LATERAL E VIBRANTE ALVEOLAR.**

Nome do sujeito da pesquisa:

Assinatura:

Eu, Michelli Cristina Galli, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Assis Chateaubriand, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

## Quadro de codificação dos dados para a base de análise

PONTO		DIMENSÃO	RESULTADO	OBSERVAÇÃO
<b>01 Bragantina</b>		HEFIGI		
		HEFIGII		
<b>02 Encantado D'Oeste</b>		HEFIGI		
		HEFIGII		
<b>03 Engenheiro Azaury</b>		HEFIGI		
		HEFIGII		
<b>04 Jardim Progresso</b>		HEFIGI		
		HEFIGII		
<b>05 Jardim América</b>		HEFIGI		
		HEFIGII		